



VI ENCONTRO EM DIAGNÓSTICO EM MEDICINA VETERINÁRIA

MAIO DE 2025



Anais VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária

15 de Maio de 2025

Anais do VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária
15 de Maio de 2025

Coordenação
Erica Cristina Rocha Roier
Mário dos Santos Filho

Editora da Univassouras
Vassouras/RJ
2025

© 2025 Univassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Univassouras

Dr. Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Univassouras

Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Capacitação Profissional da Univassouras

Profª Drª Cristiane de Souza Siqueira Pereira

Coordenadora do Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária

Drª Erica Cristina Rocha Roier

Editora-Chefe das Revistas Online da Univassouras

M. Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva das Produções Técnicas da Univassouras

Profª. Drª. Paloma Martins Mendonça

Editoração

Prof. Dr. Mário dos Santos Filho

Profª. Drª Erica Cristina Rocha Roier

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/5576>

An131	<p>Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária (6: 2025 : Vassouras, RJ)</p> <p>Anais do VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária / Organização de Erica Cristina Rocha Roier, Mário dos Santos Filho - Vassouras, RJ : Universidade de Vassouras, 2025.</p> <p>1 recurso online (132 p.)</p> <p>Recurso eletrônico</p> <p>ISBN: 978-65-83616-23-4</p> <p>1. Veterinária - Congressos. 2. Veterinária - Diagnóstico - Congressos. 3. Exames - Congressos. I. Roier, Erica Cristina Rocha. II. Santos Filho, Mário dos. III. Universidade de Vassouras. IV. Título.</p>
-------	--

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Univassouras.

Prefácio

É com grande entusiasmo e profundo senso de realização que apresentamos os destaques do VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária, evento que reafirma o compromisso da Univassouras com a excelência acadêmica, a valorização do conhecimento aplicado e o incentivo à pesquisa científica no campo da Medicina Veterinária.

Nesta edição, realizada entre os dias 15 de maio de 2025, foram submetidos 111 trabalhos, dos quais 102 foram aprovados para apresentação, demonstrando o elevado nível de engajamento da comunidade acadêmica. Os projetos apresentados abrangem uma ampla diversidade de temas, incluindo estudos clínicos, experimentais, diagnósticos e relatos de caso, refletindo a sólida formação teórica e prática dos participantes e a orientação cuidadosa de um corpo docente qualificado.

Um dos pontos altos do evento foi a entrega do Prêmio de Pesquisa Camillo Francesco Cesare Canella, criado para homenagear a excelência científica e estimular a produção de conhecimento inovador em diagnóstico veterinário. Os trabalhos vencedores deste prêmio destacaram-se não apenas pela qualidade técnica e relevância científica, mas também pela originalidade, rigor metodológico e potencial impacto na prática veterinária.

O formato dinâmico e interativo do Encontro favoreceu o diálogo entre estudantes de graduação, pós-graduação, docentes e profissionais da área, promovendo a integração entre diferentes níveis de formação e reforçando a importância do trabalho colaborativo na construção do saber científico.

Esperamos que esta coletânea de trabalhos seja uma fonte de inspiração para novas iniciativas de pesquisa e que contribua para a disseminação do conhecimento técnico-científico na Medicina Veterinária. Que os frutos deste encontro continuem a florescer nos corredores da academia, nos laboratórios, nas clínicas e no campo, fortalecendo o compromisso de todos com o avanço da ciência e o bem-estar animal.

A todos os envolvidos — estudantes, professores, orientadores, avaliadores e colaboradores —, nossos sinceros parabéns e agradecimentos por fazerem deste evento um marco no fortalecimento da pesquisa veterinária.

Érica Cristina Rocha Roier
Mário dos Santos Filho
Coordenadores do Evento

COMISSÃO ORGANIZADORA (Docentes)

Ana Paula Martinez de Abreu
Eduardo Butturini de Carvalho
Erica Cristina Rocha Roier
Guilherme Alexandre Soares Monteiro
Mário dos Santos Filho
Paulo Sérgio Tamiozzo
Renata Fernandes Ferreira de Moraes

COMISSÃO ORGANIZADORA (Discentes)

Davidson Werlick Velloso dos Santos
Giovanna Doval Wergles Rodrigues
Jeniffer da Costa Genuíno
Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva
Lara dos Santos Gomes
Luiza Amorim Gonçalves
Ricardo Antônio de Souza Nascimento

**MEMBROS DO COMITÊ CIENTÍFICO
(Avaliadores de Resumos e Pôsteres)**

Aline Maria Andrade da Silva
Alysson de Paula Oliveira
Amanda Alfeld Belegote
Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello
Bruna Pereira Gonçalves
Fabiana Alves Ezidio
Fabio Sartori
Eduardo Butturini de Carvalho
Elouise Cristine Barbosa de Souza
Erica Cristina Rocha Roier
Felipe Monteiro Furtado Azevedo
Guilherme Alexandre Soares Monteiro
Gustavo Mendes Gomes
Isabella Danon Martins
Jackeline Faria Souza
Julia Soares Dinelli Maia
Karla Jorge Dantas de Oliveira
Larissa Magalhães de Castro
Leila Cardozo Ott
Leonardo Freire Quintanilha
Letícia Patrão de Macedo Gomes
Lívia Maria Souza de Andrade
Marina Lima Gianastacio
Mário dos Santos Filho
Marya Eduarda de Souza Silva
Mayara Ornelas Pereira

Otávia Reis e Silva
Pedro Henrique Evangelista Guedes
Priscilla Nunes dos Santos
Philipe Mariano Almeida Fontes
Renata Fernandes Ferreira de Moraes
Nayara Moraes de Carvalho
Ricardo de Souza Rocha
Sandrine Isolde Duchemin
Thaynná Kelly de Souza
Thiago Luiz Pereira Marques
Vinicius Marins Carraro
Vívian Carvalho de Menezes

Política Editorial e de Avaliação

Todos os resumos submetidos a esta coletânea passaram por um rigoroso processo de avaliação, baseado na revisão por pares e no anonimato, assegurando imparcialidade, qualidade científica e integridade acadêmica.

Os avaliadores foram escolhidos conforme sua área de especialização, permitindo uma análise criteriosa e técnica. Cada trabalho foi avaliado por, no mínimo, dois revisores independentes, que consideraram critérios como mérito científico, originalidade, relevância dos dados, coerência metodológica e alinhamento com os temas do evento.

Além da avaliação escrita, os trabalhos também foram pontuados com base na apresentação oral realizada durante o evento. Nessa etapa, aspectos como clareza da exposição, domínio do conteúdo, objetividade e qualidade das respostas à banca e ao público foram considerados.

Somente os trabalhos que atenderam a elevados padrões em todas as etapas foram aprovados e incluídos nesta publicação, refletindo o compromisso do evento com a excelência acadêmica, o incentivo à pesquisa científica de qualidade e à formação crítica dos participantes.

Política Antiplágio e Direitos Autorais

Esta obra está protegida pela Lei nº 9.610/1998, que regula os direitos autorais no Brasil. Todo o conteúdo, incluindo ideias, textos e materiais, é de responsabilidade dos respectivos autores, salvo indicação em contrário.

Os autores garantem que o material é original, seguindo os princípios éticos da pesquisa e conduta acadêmica. Os textos foram revisados e passaram por verificação com softwares antiplágio, assegurando a originalidade e o respeito às normas técnicas da ABNT.

Citações e referências de outros autores foram devidamente identificadas e creditadas. É vedada qualquer reprodução, adaptação, distribuição ou uso comercial do conteúdo desta publicação sem autorização expressa dos autores. Qualquer violação está sujeita às penalidades legais.

Responsabilidade pelo Conteúdo

Todo o conteúdo apresentado é de responsabilidade exclusiva dos autores. Eles se comprometeram a seguir critérios científicos e éticos na coleta, análise e divulgação das informações, assumindo a responsabilidade por eventuais erros ou omissões.

Em caso de suspeita de plágio ou uso indevido de fontes, providências serão tomadas conforme as políticas institucionais e diretrizes do corpo editorial. O objetivo é preservar a integridade acadêmica, reforçando os princípios de honestidade e transparência científica.

Direitos de Citação e Referência

As citações de obras de terceiros foram realizadas conforme as normas estabelecidas, com a devida atribuição de autoria. O uso de trechos desta publicação, especialmente para fins acadêmicos ou comerciais, exige citação adequada ou autorização formal dos autores.

Os autores reconhecem a importância da contribuição coletiva para o avanço da ciência, mas reiteram o respeito aos direitos autorais de todos os envolvidos, incluindo coautores e colaboradores. Em caso de dúvidas, os leitores podem entrar em contato diretamente com os autores.

Uso de Animais em Pesquisa e Consentimento Livre e Esclarecido

Toda pesquisa envolvendo animais seguiu rigorosamente os princípios éticos e legais vigentes, com aprovação do Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA). As intervenções foram justificadas por objetivos científicos relevantes, priorizando sempre a redução, substituição e refinamento no uso de animais.

Procedimentos foram realizados com o menor grau de desconforto possível, e a necessidade do uso de animais foi previamente avaliada.

Consentimento dos Tutores

Os tutores dos animais foram plenamente informados sobre os objetivos, métodos e possíveis riscos das pesquisas, conforme exigido pelas normas éticas. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que a participação dos animais ocorreu de forma consciente e voluntária.

Caso qualquer tutor optasse por retirar seu animal da pesquisa, essa decisão foi integralmente respeitada, com retirada imediata e garantia de acompanhamento adequado.

Compromisso dos Pesquisadores

Os pesquisadores seguiram integralmente as diretrizes do CEUA em todas as fases do estudo. O bem-estar animal e o respeito aos direitos dos tutores foram observados em sua totalidade, assegurando a conformidade com os regulamentos nacionais sobre o uso de animais em pesquisa científica.

“IV Prêmio Camillo Francesco Cesare Canella”

Prêmio de Pesquisa Camillo Francesco Cesare Canella

Camillo Francesco Cesare Canella nasceu em Verona, Itália, em 31 de dezembro de 1929, de pai italiano e mãe brasileira, e chegou ao Brasil ainda criança. Graduou-se em Medicina Veterinária na Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em 1954. Foi Veterinário do Ministério da Agricultura (1955-1983), responsável pelo Laboratório de Diagnóstico da Inspetoria Regional da Defesa Sanitária Animal, em Fortaleza, CE, e do laboratório de produção de vacinas. Nesse ofício atuou com grande competência em outras regiões (Piauí, Maranhão, Fernando de Noronha e Rio de Janeiro). Foi um grande parceiro e colaborador do Professor Tokarnia nos trabalhos de campo, inclusive no combate à peste suína africana. Foi pesquisador bolsista do CNPq e colaborou nas pesquisas de químicos, patologistas e botânicos e foi coautor de 34 publicações. Como Médico Veterinário autônomo tinha larga experiência em doenças infecciosas, parasitárias e da esfera reprodutiva, clínica médica e cirurgia de ruminantes. Foi de grande valor a sua contribuição nas pesquisas e elucidação de doenças causadas por plantas tóxicas e deficiências minerais. Faleceu em Vassouras – RJ, em 30 de dezembro de 2014.

No dia 15/05/2025 foi realizado o VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária, promovido pelo Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Univassouras. No evento foram premiados os melhores trabalhos com o “IV Prêmio Camillo Francesco Cesare Canella”. Nesta terceira edição do prêmio, 6 trabalhos tiveram pontuações excelentes e empatadas, considerando somatório da parte escrita e a apresentação oral, e foram condecorados com o título de “melhores trabalhos do evento”, classificados na categoria Graduação e Pós-Graduação. Além disso, dois trabalhos na categoria Revisão de Literatura conquistaram excelência no seu desenvolvimento, sendo agraciado pela Menção Honrosa junto aos demais premiados. Ao todo, foram apresentados 102 trabalhos, com temáticas de interesse na medicina veterinária, incluindo relatos de caso, artigos de pesquisa e notas técnicas. Além disso, nesta edição, houve a apresentação de folders como forma de materiais a serem utilizados na distribuição e nas diretrizes de extensão acadêmica. Estes materiais didáticos foram realizados pelos alunos de mestrado e confeccionados pelos alunos de graduação para o evento da Mostra de Extensão em Medicina Veterinária.

O sucesso do evento se deve a dedicação de todos envolvidos, como os alunos de graduação, pós-graduação e professores. O evento ocorreu pela manhã, perfazendo o pré-evento de palestras do VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária, que ocorreu a tarde, possibilitando que os envolvidos pudessem prestigiar ambos eventos, além de abrir suas portas a interação com os demais cursos da Universidade.

Melhores Trabalhos do Evento

Categoria Graduação

Diagnóstico e Manejo Clínico da Encefalopatia Hepática em Cão com Shunt Portossistêmico Congênito: Relato de Caso.

Autores: Melissa Quintella Santinon, João Felippe Halfeld Carraca, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, Guilherme Alexandre Soares Monteiro, Ana Carolina de Souza Campos & Mário dos Santos Filho.

Doença Inflamatória Intestinal em um Gato de Sete Meses: Relato de Caso.

Autores: Ana Clara Ferreira Brandão, Clara Marques Barros, Diana Ivanov Pedroso, Laura Andrade de Oliveira, Mariana Serra Alves & Mário Santos Filho.

Desenvolvimento de jogo virtual estilo “CodyCross®” como metodologia ativa na disciplina de Virologia Veterinária.

Autores: Caio Fachini Lopes de Almeida, Augusto Ramos Saar, Eduardo Butturini de Carvalho, Erica Cristina Rocha Roier, Mário dos Santos Filho & Renata Fernandes Ferreira de Moraes.

Categoria Pós-Graduação

Abordagem terapêutica em neonato equino com ausência de reflexo de succção: Relato de caso.

Autores: Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello, Amanda Alfeld Belegote & Thiago Luiz Pereira Marques.

Plasmocitoma extramedular maligno em cavidade oral de gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*): Relato de caso.

Autores: Marina Lima Gianastacio, Tiago Figueiredo Guedes, Júlia de Souza Pontes Barbosa, Jorge Augusto Lima Filho, Leandro Soares de Paula & Renata Fernandes Ferreira de Moraes.

Ultrassonografia como diagnóstico de hidropsia fetal em cadela: Relato de caso.

Autores: Bruna Pereira Gonçalves, Larissa Magalhães de Castro, Gabrielle Velasco de Alcântara, Julia Soares Dinelli Maia, Leandro Soares de Paula & Mário dos Santos Filho.

Menção Honrosa

Infecção por *Neospora caninum* em Bovinos e Cães: Revisão de literatura.

Autores: Melissa Duarte Sobrinho, Arthur Santos Monteiro, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, Ana Paula Martinez de Abreu.

Síndrome de Pandora em Felinos: Revisão de Literatura sobre Etiopatogenia, Diagnóstico e Manejo Clínico.

Autores: Nadyne Almeida Martins Bahia, Marcella Larissa de Almeida Costa, Marina Leal Figueiredo Balthazar, Bruna Pereira Gonçalves, Julia Soares Dinelli Maia & Mário dos Santos Filho.

Sumário - Resumos

A Aplicação do Direito do Consumidor na Relação entre Tutores e Serviços Veterinários.....	16
A Atuação do Médico Veterinário em Perícias Judiciais: Aspectos Técnicos e Jurídicos	17
Abordagem Atual do Colapso de Traqueia em Cães: Tratamento Clínico Versus Colocação de Stent.	18
Abordagem Emergencial do Choque Anafilático Induzido por Vacinação em Cães.....	19
Abordagem Terapêutica em Neonato Equino com Ausência de Refleto de Sucção: Relato de Caso.....	20
Achados Clínicos e Laboratoriais de Pacientes Caninos Portadores de Infecção por <i>Diocophyema renale</i> em Cães.21	
<i>Aethina tumida</i> no Brasil: Impactos na Apicultura e Estratégias para Controle e Prevenção.	22
Alimentos Funcionais Naturais para Suporte Hepático em Cães com Hepatopatias: Revisão Retrospectiva da Li- teratura.	23
Alterações Respiratórias Associadas ao Hiperadrenocorticismo em Cães: Estudo Retrospectivo de 42 Casos....	24
Análise Retrospectiva dos Casos de Cinomose Canina e Suas Manifestações Neurológicas em Cães Tratados em uma Clínica Veterinária Particular do Rio de Janeiro no Período de 2018-2014.....	25
Aspectos Zoonóticos do Mormo: Revisão de Literatura.....	26
Atendimento e Recuperação de Corujinha-do-Mato (<i>Megascops choliba</i>) com Sintomatologia Neurológica: Relato de caso.....	27
Benefícios Clínicos Antes e Após Realização de Rinoplastia em Pacientes Caninos Braquicefálicos.	28
Boas práticas do Monitoramento de Pequenos Animais Durante Anestesia e Sedação: Revisão de Literatura....	29
Carcinoma Urotelial em Pelve Renal de Cão SRD de 10 anos: Um Relato de Caso.....	30
Contagem de Células Somáticas como Ferramenta Diagnóstica da Qualidade do Leite em Rebanhos Leiteiros. 31	
Danos aos Animais sob Custódia: Uma Análise Jurídica e Veterinária.....	32
Dermatobiose em Bovinos: Uma Revisão de Literatura.	33
Dermatofilose em Bovinos: Uma Revisão de Literatura.	34
Dermatopatias Alérgicas em Cães e Gatos: Impacto da Alimentação, Ambiente e Imunoterapia.....	35
Desafios e Perspectivas da Extensão Rural em Tempos de Mudanças Climáticas: Uma Revisão de Literatura. ..	36
Desafios na Prevenção de Zoonoses e os Impactos na Saúde Pública.	37
Desenvolvimento de Jogo Virtual Estilo “CodyCross®” Como Metodologia Ativa na Disciplina de Virologia Veterinária.	38
Deslocamento do Abomaso à Esquerda em Vaca Girolando: Relato de Caso.	39
Diagnóstico de Doenças Parasitárias em Rebanhos de Pequenos Produtores: Uma Revisão de Literatura.	40
Diagnóstico de Hidronefrose em Felino Sem-Raça-Definida – Relato de Caso.	41
Diagnóstico e Manejo Clínico da Encefalopatia Hepática em Cão com Shunt Portossistêmico Congênito: Relato de Caso.....	42
Diagnóstico Tardio de Dirofilariose em Cão com Sinais Respiratórios Crônicos.....	43
Doença da Adrenal em um Ferret (<i>Mustela putorius furo</i>): Relato de caso.	44
Doença Inflamatória Intestinal em um Gato de Sete Meses: Relato de Caso.	45
Doenças do Sistema Nervoso em Felinos: Epilepsia e Distúrbios Neurológicos.	46
Educação Sanitária em Doenças Parasitárias como Componente da Curricularização da Extensão.	47
Efeitos Colaterais de Anti-inflamatórios Não-Esteroidais em Felinos Geriátricos: Um Estudo Retrospectivo.	48
Efeitos Neurológicos do Uso da Cannabis spp. em Cães: Uma Revisão de Literatura.	49
Estudo Literário Sobre Síndrome de Realimentação em Âmbito Hospitalar em Pacientes Caninos Internados. 50	
Estudo Retrospectivo da Incidência de Hipertrofia Concêntrica do Coração em Cães com Hipertensão Arterial Sistêmica Secundária a Doenças Endócrinas.	51
Estudo Retrospectivo das Principais Complicações Pós-Operatórias em Castrações de Machos Caninos Atendidos em Clínica Particular do Rio de Janeiro.	52

Estudo Retrospectivo de Ressecção Parcial de Laringe em Cães Braquicefálicos com Paralisia Laríngea Grave.	53
Estudo Retrospectivo sobre as Principais Alterações Oncológicas em Pacientes Caninos Encaminhados para Pré-Operatório.	54
Estudo Retrospectivo sobre Neoplasias Primárias do Coração em Cães e Gatos.	55
Folder Informativo Sobre Segurança e Boas Práticas para Infusões Venosas Contínuas na Veterinária.	56
Hiperlipidemia Idiopática em Schnauzer Miniatura e Resposta ao Tratamento Dietético: Relato de Caso.	57
Hiperplasia Prostática em Cão Não Castrado: Achados de Necropsia.	58
Histologia Comparada de Infecções por <i>Eimeria</i> spp. em Aves.	59
Histopatologia de Infecções Parasitárias em Aves Silvestres e de Cativeiro.	60
Histopatologia de Infecções por Helmintos Respiratórios em Suínos.	61
Histopatologia de Infecções por <i>Sarcocystis neurona</i> em Equinos: Análise Histológica Comparada.	62
Impacto da Leishmaniose Visceral na histopatologia do Sistema Imunológico Canino.	63
Impactos da Fragmentação de Habitat na Saúde Fisiológica e Comportamental de Mamíferos Silvestres Neotropicais: Uma Revisão Sistêmica.	64
Impactos de Parasitas Intracelulares na Histologia no Sistema Imunológico das Aves.	65
Implicações Clínicas da Resistência Antimicrobiana em Infecções Urinárias Recorrentes em Pequenos Animais.	66
Incidência do Anisakis spp. na Indústria Pesqueira no Brasil.	67
Infecção por <i>Neospora caninum</i> em Bovinos e Cães: Revisão de Literatura.	68
Influência do Fotoperíodo na Ciclicidade Reprodutiva de Éguas: Estratégias de Manejo Luminoso para Indução do Cio.	69
Leptospirose Canina com Insuficiência Hepatorrenal Aguda: Relato de Caso.	70
Leucemia Linfocítica Crônica Associada à FeLV com Achados de Manchas de Gumprecht em Felino Previamente Vacinado: Relato de Caso.	71
Leucoencefalomalácia em Equinos: Revisão de Literatura.	72
Levantamento Epidemiológico de Gatos Portadores de Dirofilariose nos Atendimentos de Rotina em um Serviço Volante de Cardiologia do Rio de Janeiro, entre 2021 e 2025.	73
Linfadenite Caseosa em Caprinos e Ovinos: Revisão de Literatura.	74
Manejo de Lesões Traumáticas em Aves Silvestres: Amputação e Recuperação de Periquitão Maracanã Juvenil Após Envolvimento com Linha de Pipa: Relato de Caso.	75
Mastite Bovina: Revisão de Literatura.	76
Mastite Bovina: Revisão dos Achados Clínicos e Métodos de Controle.	77
Meningoencefalite Bacteriana: Revisão de Literatura.	78
Nebulização com Gentamicina como Terapia Adjuvante em Pacientes com Pneumonia Refratária à Monoterapia Sistêmica: Estudo Retrospectivo.	79
Observação de Hipomane (Cálculo Alantóide) em Pós-Parto de Equídeos.	80
Oncologia de Coelhos - Doenças, Diagnóstico e Terapêutica: Revisão de Literatura.	81
Paralisia do Nervo Facial em Cadela da Raça Staffordshire Terrier de 8 anos: Relato de Caso.	82
Persistência do Ligamento Paramesonéfrico Associado à Cistite Recorrente em Cadela: Relato de Caso.	83
Piodermite Profunda em Cão Atópico com Resistência a Múltiplas Classes Antibióticas: Relato de Caso.	84
Piometra como Desencadeador de Aderência Intra-Abdominal em Cadela com Nove Meses: Relato de caso.	85
Plasmocitoma Extramedular Maligno em Cavidade Oral de Gambá-de-Orelha-Preta (<i>Didelphis aurita</i>) - Relato de Caso.	86
Pneumonia Intersticial e Hipertensão Pulmonar Associadas à Suspeita de Erliquiose em um Cão: Relato de Caso.	87
Possíveis Alterações Cardiorrespiratórias Causadas pela Compressão Tumoral.	88
Principais Causas de Distocias em Vacas e Técnicas para Correção: Revisão de Literatura.	89

Profilaxia Umbilical em Bezerros Neonatos	90
Prognóstico e Fatores Prognósticos Associados ao Tumor de Mama em Cadelas: Um Estudo Retrospectivo.	91
Rabdomiólise Equina: Revisão de Literatura.....	92
Reprodução Bovina e Sustentabilidade: Revisão de Literatura.....	93
Resistência à Insulina em Gato com Hiperadrenocorticismo e Acromegalia Simultâneos: Relato de Caso.	94
Resistência Antimicrobiana na Clínica de Pequenos Animais, Grandes Animais e Animais Silvestres: Uma Revisão de Literatura.	95
Responsabilidade Civil do Médico Veterinário: Uma Análise Jurídica e Ética da Atuação Profissional.....	96
Sepse Secundária a Corpo Estranho Linear Intestinal: Relato de Caso.	97
Síndrome de Pandora em Felinos: Revisão de Literatura sobre Etiopatogenia, Diagnóstico e Manejo Clínico....	98
Síndrome do Choque Tóxico Estafilocócico em Cães - Relato de Casos e Revisão de Literatura.....	99
Telangiectasia em Visceras Bovinas: Revisão de Literatura.....	100
Transmissão de Esporotricose por Contato Direto para Humano: Relato de Caso.....	101
Tratamento Fitoterápico de Ferida em Jabuti-Piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>): Relato de Caso.....	102
Treinamento Multidisciplinar em Cavalos Atletas: Garantia de Bem-Estar.	103
Sistema flash de monitorização da glicose em cães e gatos: Uma revisão de literatura.....	104
Úlcera de Córnea em Equinos e Uso de Soro Autólogo como Adjuvante no Tratamento: Revisão de Literatura... <td>105</td>	105
Ultrassonografia como Diagnóstico de Hidropsia Fetal em Cadeia: Relato de Caso.....	106
Uma Revisão Sobre o Uso da Ozonioterapia no Tratamento da Mastite Bovina.....	107
Uso da Citologia Aspirativa para Diagnóstico de Tumores Cutâneos em Cães.	108
Uso da Dosagem de Glicose Cavitária como Indicativo de Transudato Séptico em Cães com Efirase Abdominal e Pleural.....	109
Uso de Antibióticos na Produção de Alimentos e sua Contribuição para a Resistência Microbiana.	110
Uso de Células-Tronco Mesenquimais no Tratamento de Doenças Ortopédicas e Inflamatórias em Pequenos Animais: Uma Revisão de Literatura.....	111
Vocalizações e Comunicação Química em Canídeos Silvestres Brasileiros.	112

Sumário - Folders

Detecção de Doenças por Sensores Térmicos em Grandes Animais.....	114
Dispositivos Wearables (Vestíveis)	115
Folder informativo de classificação de emergência na triagem.....	116
Folder Informativo Sobre Recomendações de Monitorização Anestésica e Sedativa	117
Do Fundo do Mar Vêm as Soluções do Amanhã. Proteja, Pesquise e Preserve.....	118
Inovações em Cirurgia na Medicina Veterinária.	119
Monitoramento por Drones na Agricultura.....	120
O Uso da Telemedicina como Ferramenta Diagnóstica na Medicina Veterinária.....	121
Ordenha Robotizada: Inovação Tecnológica no Manejo Leiteiro.	122
Prótese Externa: Suporte e Mobilidade para Aumento da Qualidade de Vida.....	123
Sistema de Radiofrequênci: Bastão DataMars® e Comedouros Automáticos.....	124
Uso de coleira de monitoramento em bovinos.	125
Uso de Drones na Pecuária.	126
Utilização de Drone para o Monitoramento o Bem-estar Animal.....	127
Xenotransplantes.....	128

A Aplicação do Direito do Consumidor na Relação entre Tutores e Serviços Veterinários.

Yolanda Henrichs Garcia Bandeira Bastos¹, José Carlos Dias Bastos², Ana Paula Martinez de Abreu³ & Cristiane Borborema Chaché⁴.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A relação entre humanos e animais de estimação passou por uma grande transformação nas últimas décadas, especialmente com a intensificação da humanização dos pets e sua inclusão como membros da família. Esse novo cenário ampliou a procura por serviços veterinários e especializados, tornando mais frequentes os conflitos judiciais relacionados à qualidade do serviço prestado. Dentro desse contexto, a aplicação do Código de Defesa do Consumidor (CDC) na relação entre tutores e prestadores de serviços veterinários ganhou destaque, sendo importante compreender quais são os direitos e deveres das partes envolvidas e como a legislação contribui para a proteção do consumidor e a responsabilização do profissional. Desta forma, o objetivo deste trabalho é explicar a aplicação do CDC na relação entre tutores e serviços veterinários. A presente revisão bibliográfica foi desenvolvida com acesso as bases de dados google acadêmico e scielo, além de doutrinas jurídicas sobre o Direito do Consumidor e o Código de Ética do Médico Veterinário. Os resultados obtidos demonstraram que o tutor do animal, quando busca atendimento veterinário, assume a posição de consumidor, enquanto o médico veterinário, clínica ou hospital são enquadrados como fornecedores de serviço. Essa configuração jurídica submete à relação ao CDC, garantindo ao tutor. Direitos fundamentais, como informação adequada, atendimento eficiente, segurança na prestação do serviço e direito à reparação em casos de dano. Observou-se, através da análise de jurisprudências, que as principais causas de judicialização ocorrem por falhas na comunicação sobre riscos, ausência de consentimento informado, erros de diagnóstico e condutas profissionais incompatíveis com o padrão técnico esperado. Ficou evidente também que o Judiciário, em alguns casos, reconhece o dano moral decorrente da perda ou sofrimento do animal, atribuindo valor afetivo relevante ao vínculo entre tutor e pet. A aplicação do Direito do Consumidor nas relações envolvendo serviços veterinários impõe ao profissional não apenas o dever técnico, mas também o dever de informar de forma clara e acessível ao tutor sobre todos os aspectos do procedimento ou tratamento, incluindo riscos, custos, alternativas terapêuticas e prognóstico. Embora a natureza da obrigação do veterinário seja, via de regra, de meio e não de resultado, a omissão de informações ou falhas no cumprimento das normas técnicas configuram falha na prestação de serviço, sujeitando o profissional à responsabilização. A humanização dos animais ampliou a sensibilidade social e jurídica sobre os danos causados, influenciando decisões que consideram o sofrimento dos tutores como passível de indenização. Nesse cenário, a ética profissional, o registro documental adequado e a comunicação eficiente são as principais ferramentas para evitar litígios. A formação acadêmica, além de técnica, deve incluir fundamentos jurídicos básicos para preparar o profissional para as exigências legais e sociais do mercado. A relação entre tutores de animais e prestadores de serviços veterinários é claramente regida pelo Direito do Consumidor, o que atribui aos profissionais a necessidade de observância rigorosa às normas de informação, segurança e qualidade.

Palavras-chave: Direito do Consumidor; Ética Profissional; Humanização dos Animais; Judicialização; Responsabilidade Civil.

A Atuação do Médico Veterinário em Perícias Judiciais: Aspectos Técnicos e Jurídicos

Yolanda Henrichs Garcia Bandeira Bastos¹, José Carlos Dias Bastos², Ana Paula Martinez de Abreu³ & Cristiane Borborema Chaché⁴.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A perícia judicial representa uma ferramenta essencial de apoio ao Poder Judiciário na análise de casos que exigem conhecimento técnico-científico especializado. Quando os processos envolvem animais — seja no âmbito do direito civil, penal, ambiental, trabalhista ou do consumidor —, o médico veterinário se apresenta como o profissional legalmente habilitado para elaborar laudos e pareceres periciais. A crescente judicialização de questões envolvendo o bem-estar, guarda, maus-tratos, valor econômico e saúde animal evidencia a necessidade de que o veterinário esteja capacitado técnica e juridicamente para atuar como perito judicial ou assistente técnico. O objetivo deste trabalho é discutir a importância e os aspectos técnicos e jurídicos da atuação do médico veterinário nas perícias judiciais. Trata-se de uma revisão bibliográfica conduzida por meio de levantamento em bases como Google Acadêmico, SciELO, além da análise de doutrinas jurídicas, do Código de Processo Civil, do Código de Ética do Médico Veterinário e de resoluções do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV). Os resultados apontam que o médico veterinário desempenha papel indispensável como auxiliar da Justiça, sobretudo em situações que requerem avaliação técnica sobre saúde, comportamento, valor zootécnico ou causas de morte de animais. Seu trabalho é requisitado em ações de indenização, investigações de maus-tratos, crimes ambientais, guarda de animais e surtos zoonóticos. O laudo pericial, quando bem elaborado, fundamentado e com linguagem clara, influencia de forma significativa o julgamento do magistrado, sendo decisivo para a resolução dos litígios. A atuação exige não apenas domínio técnico, mas também familiaridade com a legislação vigente, prazos processuais, e uma postura ética e imparcial. A imparcialidade e o compromisso com a verdade são princípios norteadores da atuação pericial, o que exige preparo e formação continuada. Observa-se que o mercado para perícias veterinárias tem crescido, impulsionado pelo maior reconhecimento legal do vínculo afetivo entre tutores e animais, bem como pela valorização econômica de espécies zootécnicas. Conclui-se que o médico veterinário tem papel estratégico no cenário jurídico atual, sendo agente fundamental para assegurar justiça e equidade nos processos que envolvem animais. Sua capacitação ética, técnica e jurídica é imprescindível para garantir a credibilidade e a eficácia da prova pericial. Trata-se de uma área de atuação em expansão e que demanda profissionais qualificados e comprometidos com a ética e o rigor técnico.

Palavras-chave: Perícia Judicial; Médico Veterinário; Laudo Pericial; Responsabilidade Técnica; Justiça.

Abordagem Atual do Colapso de Traqueia em Cães: Tratamento Clínico Versus Colocação de Stent.

Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Kamila de Andrade Firmino¹, Vitória Santos de Oliveira¹, Julia Soares Dinelli Maia², Bruna Pereira Gonçalves² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O colapso traqueal é uma afecção respiratória degenerativa comum em cães de pequeno porte, como Poodle, Yorkshire Terrier, Chihuahua e Spitz Alemão. Caracteriza-se pelo enfraquecimento dos anéis cartilaginosos da traqueia e inflamação crônica da mucosa traqueal, resultando em sinais clínicos como tosse seca persistente (“tosse de ganso”), dispneia, intolerância ao exercício, cianose e síncope. Embora seja uma condição progressiva e incurável, pode ser controlada por meio de terapias conservadoras ou, em casos graves, com o uso de stents intratraqueais. Este trabalho tem como objetivo comparar as duas principais abordagens terapêuticas — o tratamento clínico conservador e a colocação de stent — avaliando suas indicações, eficácia, riscos e prognóstico à luz da literatura científica atual. A metodologia consistiu em uma revisão integrativa de publicações entre 2013 e 2024, nas bases PubMed, ScienceDirect, Scielo e Google Scholar, utilizando descritores como *tracheal collapse, dogs, treatment, stent, clinical management* e *canine respiratory disease*. O colapso traqueal é classificado em quatro graus, variando de obstrução leve (25%) a total (100%). Fatores predisponentes incluem genética, obesidade, inflamação crônica, exposição a irritantes respiratórios e comorbidades. Em casos leves e moderados, o tratamento clínico é a primeira escolha, com uso de broncodilatadores, antitussígenos, anti-inflamatórios e modificações ambientais. A resposta clínica é satisfatória em 60% a 70% dos casos, embora recaídas sejam frequentes. Em situações avançadas (graus III e IV), ou refratárias ao tratamento clínico, a colocação de stent intratraqueal autoexpansível (geralmente de nitinol), guiada por fluoroscopia ou endoscopia, é indicada. O procedimento proporciona alívio imediato e melhora na qualidade de vida, sendo uma alternativa para pacientes inoperáveis. Contudo, complicações como migração do stent, fraturas, formação de tecido de granulação e necessidade de reintervenções são relativamente comuns. A taxa de sucesso inicial do procedimento é elevada (cerca de 90%), porém até 40% dos cães desenvolvem complicações no primeiro ano. A escolha da abordagem terapêutica deve considerar o estágio da doença, idade do paciente, resposta ao tratamento e impacto na qualidade de vida. A combinação de estratégias clínicas e a intervenção com stent quando indicada, associada a um acompanhamento rigoroso, é essencial para o manejo eficaz do colapso traqueal. O sucesso terapêutico reside na individualização do tratamento e no compromisso com o bem-estar animal, sustentado por condutas baseadas em evidências.

Palavras-chave: Colapso de traqueia; Cães; *Stent* traqueal; Tratamento clínico; Vias aéreas.

Abordagem Emergencial do Choque Anafilático Induzido por Vacinação em Cães.

Matheus Nascimento Cremonezi¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Maria Eduarda Bispo dos Reis di Iorio¹, Renata Fernandes Ferreira de Moraes², Eduardo Butturini de Carvalho² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Choque anafilático é uma reação alérgica grave, rara e potencialmente fatal que pode ocorrer em cães após a administração de vacinas. Decorre da liberação excessiva de mediadores inflamatórios, levando a vasodilatação, broncoespasmo e falência circulatória. Embora a vacinação seja essencial na prevenção de doenças caninas, indivíduos predispostos podem desenvolver esse evento adverso. Este estudo revisa as abordagens emergenciais no manejo do choque anafilático vacinal em cães, com ênfase na importância do diagnóstico precoce e do tratamento imediato. Realizou-se revisão bibliográfica de 24 artigos publicados entre 2010 e 2024 nas bases PubMed, Google Scholar e Scopus. Foram selecionados artigos que descrevem casos clínicos, apresentam protocolos terapêuticos e estratégias emergenciais do tema. A análise concentrou-se nas recomendações de uso de antialérgicos, vasopressores e suporte respiratório. Embora pouco frequentes, os casos de choque anafilático pós-vacinação em cães podem ser fatais se não manejados rapidamente. O diagnóstico precoce é fundamental, e os sinais clínicos incluem hipotensão, dificuldade respiratória, edema facial e, em casos mais graves, colapso e falência orgânica. Esses sinais geralmente aparecem minutos a horas após a administração da vacina, o que torna a vigilância pós-vacinação crucial. O tratamento de primeira linha consistiu quase sempre em epinefrina, em doses entre 0,01 e 0,1 mg/kg conforme a gravidade, que se revelou capaz de revertir sinais como hipotensão, taquicardia e dispneia, elevando a pressão arterial e melhorando a perfusão tecidual. A sua administração precisa ser rápida, uma vez que o tempo é um fator crítico para o sucesso do tratamento. A resposta à epinefrina foi positiva na maioria dos casos, mas, em alguns animais, pode ser necessário um tratamento adicional com vasopressores para manutenção da pressão arterial. Os anti-histamínicos e corticosteroides desempenham um papel importante no controle da inflamação sistêmica subsequente, mas sua eficácia isolada é limitada e deve ser considerada como um complemento à epinefrina. Os corticoides, embora amplamente utilizados, ainda são objeto de debate quanto à sua utilidade em estágios iniciais do choque anafilático, uma vez que seu efeito anti-inflamatório pode demorar a se manifestar. A reposição volêmica por meio de fluidos intravenosos foi relatada em todos os estudos como medida essencial para corrigir a hipovolemia, com taxas de infusão ajustadas à resposta clínica, e a ventilação assistida foi empregada nos casos de broncoespasmo severo para garantir oxigenação adequada. Quando o tratamento emergencial correto foi iniciado nas primeiras duas horas após o início dos sintomas, a taxa de recuperação alcançou 75%. Nos casos em que o choque não foi revertido rapidamente, a mortalidade ficou em torno de 25%, reforçando a importância do diagnóstico precoce e da intervenção imediata. O manejo emergencial do choque anafilático induzido por vacinação em cães exige intervenção rápida, com epinefrina sendo a droga de escolha. A monitoração contínua, o uso judicioso de fluidos intravenosos e suporte respiratório são fundamentais para a estabilização do paciente. O tratamento adequado pode levar a uma recuperação completa na maioria dos casos, mas a prevenção e a vigilância pós-vacinação continuam sendo aspectos críticos no manejo dessa condição rara, porém grave.

Palavras-chaves: Anti-histamínicos; Epinefrina; Hipotensão; Reposição volêmica; Vasopressores.

Abordagem Terapêutica em Neonato Equino com Ausência de Reflexo de Sucção: Relato de Caso.

Ana Júlia Vasconcelos Rodrigues Rivello¹, Amanda Alfeld Belegote¹ & Thiago Luiz Pereira Marques².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A ausência do reflexo de sucção em potros neonatos representa um sinal clínico relevante, comumente associado à ocorrência de hipoxia perinatal, condição que pode comprometer severamente a viabilidade e o desenvolvimento adequado do recém-nascido equino. Neste relato, descreve-se o manejo de um neonato equino, com 45 kg ao nascer, que não demonstrava capacidade de sucção e não teve acesso ao colostrum nas primeiras horas de vida. Diante da condição crítica, optou-se pela manutenção da nutrição por meio de sonda nasogástrica, durante quatro dias consecutivos, até que a potra apresentasse reflexo de sucção suficiente para mamar por conta própria. Foram realizadas três tentativas da técnica de *squeeze* — técnica que consiste em utilizar uma corda no tórax do neonato, mimetizando a fase expulsiva do parto —, porém sem resposta satisfatória. A terapia instituída foi multidisciplinar, com foco no suporte neurológico, imunológico e metabólico. O protocolo medicamentoso incluiu finasterida (15 mg/animal, SID), visando atuar como inibidor de neuroesteroides, e cafeína (10 mg/kg, SID), pela sua ação estimulante sobre o sistema nervoso central, favorecendo o estado de vigília. Além disso, administraram-se vitamina E (5 UI/kg, SID), complexo B (10 mg/kg, SID) e vitamina C (30 mg/kg, SID), com o objetivo de fornecer suporte antioxidante e neurológico. Para controle inflamatório, utilizou-se dexametasona (0,05 mg/kg, SID), e como antibiótico, foi adotado o Trissulfin (sulfametoxazol + trimetoprim) (30 mg/kg, BID). O suporte nutricional foi garantido com a infusão de Aminovem (2 mL/kg/dia, SID). Considerando a falha na transferência passiva de imunidade, decorrente da ausência da ingestão de colostrum, foi realizada transfusão de 1 litro de plasma hiperimune equino, correspondendo a aproximadamente 22 mL/kg. Após o manejo intensivo, observou-se progressiva melhora neurológica, com o retorno gradual do reflexo de sucção e da responsividade geral, permitindo a transição para a mamada espontânea. Este caso evidencia a relevância da intervenção precoce e da aplicação de condutas clínicas baseadas em múltiplos pilares terapêuticos, com atenção à fisiologia neonatal equina e às possíveis consequências da hipoxia perinatal. Ressalta-se, ainda, a importância da suplementação imunológica quando não há acesso ao colostrum, sendo o plasma hiperimune uma ferramenta fundamental para a proteção imunológica inicial. Por fim, destaca-se a necessidade de mais estudos clínicos para validação e refinamento dos protocolos utilizados em potros com distúrbios neurológicos ao nascimento.

Palavras-chaves: Hipoxia perinatal; Neonato equino; Reflexo de sucção; Sonda nasogástrica; Terapia intensiva.

Achados Clínicos e Laboratoriais de Pacientes Caninos Portadores de Infecção por *Dioctophyma renale* em Cães.

Emilly de Souza Oliveira¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Társila Nascimento Marcelino¹, Tiago Figueiredo Guedes¹, Priscilla Nunes dos Santos² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O *Dioctophyma renale* é um nematoide parasita conhecido por causar a “doença do rim gigante” em cães e outros hospedeiros mamíferos. O parasito se aloja predominantemente no rim direito, causando destruição progressiva do parênquima renal. A infecção ocorre pela ingestão de hospedeiros intermediários, como oligoquetas aquáticos, ou hospedeiros paratênicos, como peixes e anfíbios. Este estudo visa analisar a incidência, manifestações clínicas, diagnóstico e tratamento da dioctofimose renal em cães atendidos em um hospital veterinário. Foram analisados prontuários de 35 cães diagnosticados com *D. renale* entre 2018 e 2024 em um hospital veterinário universitário. Os critérios de inclusão foram confirmação do parasito por exames de imagem (ultrassonografia e radiografia contrastada) e/ou por cirurgia exploratória ou necropsia. Foram coletados dados sobre sinais clínicos, exames laboratoriais e procedimentos terapêuticos empregados.

Dos 35 cães analisados, 82,9% apresentaram acometimento unilateral do rim direito, enquanto 17,1% tinham infecção bilateral. Os sinais clínicos incluíram hematúria (65,7%), polidipsia e poliúria (42,8%) e perda de peso progressiva (51,4%). Exames laboratoriais revelaram aumento de ureia e creatinina em 60% dos casos, sugerindo comprometimento da função renal. O diagnóstico por imagem foi efetivo em 91,4% dos casos, permitindo a visualização do parasito no interior do rim. O tratamento cirúrgico (nefrectomia) foi realizado em 77,1% dos pacientes com acometimento unilateral, resultando em boa recuperação clínica na maioria dos casos. Nos cães com infecção bilateral e insuficiência renal grave, o prognóstico foi reservado a ruim. A infecção por *Dioctophyma renale* é uma condição parasitária grave em cães, levando a danos renais irreversíveis e insuficiência renal progressiva. O diagnóstico precoce por ultrassonografia e exames laboratoriais é essencial para intervenção terapêutica adequada. A nefrectomia permanece como a principal opção terapêutica nos casos unilaterais, proporcionando uma boa sobrevida para os animais afetados. Medidas preventivas, como evitar o consumo de peixes crus e água de origem duvidosa, são fundamentais para reduzir a incidência da enfermidade.

Palavras-chave: Cães; Diagnóstico; Dioctofimose renal; Nefropatia; Parasitose.

Aethina tumida no Brasil: Impactos na Apicultura e Estratégias para Controle e Prevenção.

Felipe Monteiro Furtado Azevedo¹, Maria Eduarda Dias Esmeraldo² & Thiago Luiz Pereira Marques³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As abelhas do gênero *Apis*, como *Apis mellifera*, desempenham um papel essencial na polinização e na produção de subprodutos como mel, própolis e cera. Com uma relação simbiótica com as plantas há milhões de anos, essas abelhas garantem a polinização cruzada e contribuem para a biodiversidade e a produtividade agrícola. Recentemente, estudos têm avaliado a importância econômica da polinização no Brasil, estimada em quase US\$ 42 bilhões para diversas culturas agrícolas, com destaque para a soja (US\$ 32 bilhões), café (US\$ 3 bilhões) e citros (US\$ 1 bilhão). Apesar da sua relevância, a apicultura enfrenta desafios relacionados a doenças e pragas que afetam a saúde das colmeias. Entre as principais ameaças estão o ácaro *Varroa destructor*, as traças-da-cera (*Galleria mellonella* e *Achroia grisella*), além de formigas e cupins. Essas pragas prejudicam a produção ao parasitar abelhas e crias, consumir cera e alimentos, além de comprometer a estrutura das colmeias. Um problema crescente é a infestação pelo besouro *Aethina tumida*, uma praga de notificação obrigatória no Brasil. Nativo da África, ele foi detectado no país em 2015, inicialmente em colmeias de abelhas africanizadas e, em 2021, também em colmeias de abelhas-sem-ferrão. Esse besouro mede entre 5 mm e 7 mm de comprimento e apresenta coloração que varia de marrom-claro a preto. Seu ciclo de vida inclui deposição de ovos dentro das colmeias, e as larvas, ao ecodirem, alimentam-se de cera, crias e mel, causando fermentação dos produtos armazenados e tornando-os impróprios para consumo. O *Aethina tumida* compromete a saúde das colônias ao provocar a destruição dos favos e o abandono da colmeia pelas abelhas. As fêmeas podem depositar de 1.000 a 2.000 ovos, protegendo-os em frestas e nas molduras dos quadros, o que dificulta sua remoção pelas abelhas. Após a eclosão, as larvas atingem até 9,5 mm e, ao final do desenvolvimento, saem da colmeia para puparem no solo. A infestação pode ser identificada pela presença de larvas alimentando-se de pólen e mel, além do odor desagradável resultante da fermentação dos alimentos. Quando a população do besouro é alta, a estrutura da colmeia é comprometida e as abelhas abandonam o local. A disseminação do *Aethina tumida* representa uma ameaça crescente para a apicultura, exigindo medidas rigorosas de controle, como armadilhas específicas e estratégias de manejo para evitar infestações severas. Dessa forma, enquanto a polinização continua sendo um serviço ecossistêmico essencial, a ameaça de pragas como *Aethina tumida* reforça a necessidade de pesquisas e ações preventivas para garantir a sustentabilidade da apicultura no Brasil.

Palavras-chaves: Abelha; *Aethina tumida*; *Apis mellifera*; Controle; Mel.

Alimentos Funcionais Naturais para Suporte Hepático em Cães com Hepatopatias: Revisão Retrospectiva da Literatura.

Mariana Cortes Alves¹, Helena Costa da Silva¹, Victória Cristina de Almeida Menezes¹, Helena Bianco Rosas¹, Monique Prado Vasconcellos¹ & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As hepatopatias em cães representam um desafio clínico relevante, dada a complexidade das funções hepáticas e a limitação de terapias específicas. Diante disso, o suporte nutricional com alimentos funcionais naturais tem ganhado destaque como estratégia complementar no manejo dessas enfermidades. Esta revisão retrospectiva da literatura teve como objetivo analisar criticamente os principais achados científicos relacionados ao uso de compostos naturais com propriedades hepatoprotetoras, tais como silimarina, fosfatidilcolina, cúrcuma e ácidos graxos ômega-3, no suporte hepático de cães diagnosticados com diferentes tipos de doenças hepáticas. Para tal, realizou-se uma busca sistematizada em bases de dados reconhecidas (PubMed, Scielo, Google Scholar, Web of Science), utilizando descriptores em inglês e português, e selecionaram-se estudos publicados entre 2000 e 2024 que atendiam a critérios de inclusão como diagnóstico confirmado de hepatopatia canina, uso de métodos padronizados de avaliação clínica e laboratorial, e análise dos efeitos da suplementação funcional. Foram excluídos trabalhos com amostragens reduzidas, metodologia insuficiente ou dados não específicos para cães. Dos 32 estudos incluídos, 18 forneceram evidências relevantes sobre os efeitos benéficos dos compostos analisados. A silimarina destacou-se por sua ação antioxidante e pela redução significativa de enzimas hepáticas (ALT e AST) em cães com hepatite crônica. A fosfatidilcolina contribuiu para a restauração da integridade das membranas celulares hepáticas e favoreceu a regeneração de hepatócitos em casos de lipodose e colangiohepatite. A curcumina demonstrou efeito anti-inflamatório e antifibrótico, embora sua biodisponibilidade limitada no trato gastrointestinal canino represente um desafio clínico. Já os ácidos graxos ômega-3 apresentaram atividade imunomoduladora e anti-inflamatória, sobretudo em cães com hepatopatias crônicas inflamatórias, com melhores resultados quando associados a dietas formuladas com baixa concentração de cobre e proteínas de alta digestibilidade. A análise dos estudos indica que a combinação desses compostos pode ser mais eficaz do que seu uso isolado, desde que inserida em um contexto dietético individualizado e monitorado por profissionais especializados. Apesar do potencial terapêutico observado, as evidências disponíveis ainda carecem de padronização metodológica e ensaios clínicos controlados de longo prazo, especialmente no que se refere à definição de doses seguras e efetivas, bem como à avaliação de possíveis efeitos adversos cumulativos. Conclui-se que, embora promissores, os alimentos funcionais naturais devem ser utilizados com cautela e dentro de protocolos clínico-nutricionais bem estabelecidos, como adjuvantes no tratamento de cães com doenças hepáticas, reforçando-se a necessidade de pesquisas adicionais para consolidar seu uso na prática veterinária.

Palavras-chave: Hepatopatias Caninas; Alimentos Funcionais; Silimarina; Cúrcuma; Ômega-3.

Alterações Respiratórias Associadas ao Hiperadrenocorticismo em Cães: Estudo Retrospectivo de 42 Casos.

Manuella Fonseca Mazzoto¹, Beatriz de Andrade Reis¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Manoela Helena de Souza¹, Nicole Mattos de Souza Muniz¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O hiperadrenocorticismo (HAC), também conhecido como síndrome de Cushing, é uma endocrinopatia frequente em cães, caracterizada pela produção excessiva de cortisol. Embora os sinais dermatológicos, metabólicos e comportamentais sejam amplamente descritos na literatura, as manifestações respiratórias permanecem subestimadas na rotina clínica. O excesso de glicocorticoides afeta diversos sistemas orgânicos, podendo provocar alterações musculares, deposição anormal de gordura, imunossupressão e distúrbios vasculares, todos com potencial para comprometer a função respiratória. O presente estudo teve como objetivo avaliar a frequência e a natureza das alterações respiratórias observadas em cães diagnosticados com HAC, bem como discutir os mecanismos fisiopatológicos envolvidos nessas manifestações. Para isso, realizou-se um estudo retrospectivo, descritivo e observacional em dois hospitais veterinários universitários, abrangendo o período de janeiro de 2018 a dezembro de 2023. Foram incluídos na amostra cães com diagnóstico confirmado de HAC, baseado em testes hormonais, que também apresentavam sinais respiratórios e exames complementares disponíveis, como eletrocardiograma e radiografia torácica. Casos com cardiopatias primárias ou doenças respiratórias não relacionadas ao HAC foram excluídos da análise. Ao todo, foram avaliados 42 cães. As raças mais frequentemente acometidas foram Poodle (26%), Dachshund (14%) e Yorkshire Terrier (12%). A média de idade foi de 10,4 anos. Os principais sinais clínicos respiratórios observados foram: taquipneia (71%), ofegância em repouso (48%), tosse crônica (33%), dispneia (26%) e estertores pulmonares à auscultação (21%). Nos exames de imagem, identificou-se hiperinsuflação pulmonar em 52% dos cães, mineralização pulmonar difusa em 31% e hipertensão pulmonar leve a moderada em 38% dos casos, conforme avaliação ecocardiográfica. Em 12% dos animais, houve suspeita ou confirmação de tromboembolismo pulmonar (TEP), diagnosticado por tomografia computadorizada. Além disso, 19% dos pacientes apresentaram infecções respiratórias secundárias, comprovadas por citologia de lavado traqueobrônquico. Dez cães necessitaram de suporte com oxigenoterapia antes do início do tratamento para o HAC. Esses achados reforçam a correlação entre HAC e disfunção respiratória multifatorial. A hipercortisolose prolongada pode reduzir a força da musculatura respiratória, aumentar a deposição de gordura torácica, diminuir a complacência pulmonar e suprimir a resposta imune, favorecendo infecções. A hipertensão pulmonar e o TEP são complicações vasculares graves que, embora subdiagnosticadas, podem ser decisivas na evolução clínica. Em conclusão, alterações respiratórias são frequentes em cães com HAC e incluem desde manifestações leves, até complicações graves. O reconhecimento precoce dessas alterações, é essencial para o manejo clínico eficaz.

Palavras-chave: Alterações Respiratórias; Hiperadrenocorticismo; Hipertensão Pulmonar; Síndrome de Cushing; Tromboembolismo Pulmonar.

Análise Retrospectiva dos Casos de Cinomose Canina e Suas Manifestações Neurológicas em Cães Tratados em uma Clínica Veterinária Particular do Rio de Janeiro no Período de 2018-2014.

Nicole Mattos de Souza Muniz¹, Manuella Fonseca Mazzoto, Gabrielle Velasco de Alcântara², Júlia Soares Dinelli Maia², & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A cinomose é uma doença viral altamente contagiosa, causada pelo vírus da cinomose canina (CDV), que afeta principalmente cães jovens e não vacinados. A fase neurológica da enfermidade é associada a sequelas permanentes e a um prognóstico reservado. Este estudo teve como objetivo analisar o perfil clínico-epidemiológico, manifestações neurológicas e desfechos clínicos dos casos de cinomose canina atendidos em um centro veterinário entre 2018 e 2024. Foi realizado um levantamento retrospectivo baseado na análise de prontuários de cães com sinais neurológicos e diagnóstico confirmado de cinomose, por exame clínico e/ou exames complementares (PCR, sorologia, líquor). Foram avaliados 127 cães com manifestações neurológicas compatíveis com cinomose. A maioria dos pacientes era jovem, com média de idade de 9,2 meses, variando de 2 meses a 6 anos. Cães sem histórico vacinal completo representaram 88,2% dos casos. A distribuição entre os sexos foi equilibrada (52% machos e 48% fêmeas), com predominância da raça SRD (54%), seguida por Lhasa Apso (12%), Poodle (9%) e Shih Tzu (7%). As principais manifestações neurológicas observadas foram: mioclonias musculares (62,2%), convulsões generalizadas (53,5%), ataxia (40,1%), tremores (27,5%), paraplesia ou paralisia (18,1%) e alterações de comportamento e cegueira súbita (8,6%). Além disso, 56,7% dos cães apresentavam sinais sistêmicos como hiperqueratose dos coxins, secreção ocular/nasal purulenta e febre. A média de duração dos sintomas neurológicos até o atendimento foi de 7,3 dias. O tratamento de suporte incluiu anticonvulsivantes (fenobarbital, diazepam ou levetiracetam), vitaminas do complexo B, fluidoterapia e suporte nutricional. Em 18 casos, foram utilizados imunomoduladores. A taxa de sobrevivência foi de 36,2% (46 cães), dos quais 12 apresentaram sequelas neurológicas permanentes. Já 41,7% (53 cães) morreram de forma natural, e 22,0% (28 cães) foram submetidos à eutanásia por agravamento clínico e falta de resposta ao tratamento. Os dados evidenciam a alta morbimortalidade da cinomose neurológica, sobretudo em cães jovens e não vacinados. As manifestações clínicas observadas coincidem com a literatura, que destaca a mioclonia e as convulsões como sinais típicos da fase neurológica avançada. A persistência das mioclonias, ligada à infecção direta do sistema nervoso, mostra-se de difícil reversão, mesmo com tratamento. A taxa de mortalidade (63,7%) reforça o prognóstico reservado da doença, especialmente nos casos com evolução rápida e sem suporte intensivo. Esses achados ressaltam a importância de campanhas de vacinação e estudos adicionais sobre terapias antivirais específicas, já que o tratamento atual permanece majoritariamente sintomático e de suporte.

Palavras-chave: Cinomose canina; Manifestações Neurológicas; Prognóstico Clínico; Suporte Terapêutico; Vacinação Preventiva.

Aspectos Zoonóticos do Mormo: Revisão de Literatura.

Tamara Cristina Sobreira Duarte¹, Anna Clara Menandro Dipp Guimarães de Carvalho¹, João Henrique Oliveira Carvalho¹, Kívia da Silva Ferreira¹, Melissa Duarte Sobrinho¹ & Mário Tatsuo Makita².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O mormo é uma doença infecto-contagiosa responsável por alta taxa de mortalidade em equídeos, de caráter agudo ou crônico, causada pela bactéria *Burkholderia mallei*. Trata-se de uma zoonose de importância em saúde animal e pública, acometendo principalmente equídeos (cavalos, mulas e jumentos), mas também podendo infectar humanos e outros mamíferos. A cadeia epidemiológica do mormo envolve a transmissão da bactéria *Burkholderia mallei*, uma bactéria Gram-negativa intracelular, não móvel e facultativa. O modo mais comum de infecção é através de feno, cochos e bebedouros contaminados pelas secreções orais e nasais de animais doentes. Esporadicamente, a disseminação ocorre pelo contato direto com feridas abertas ou pelo uso de ferramentas compartilhadas. Os hospedeiros naturais são os equídeos, que desempenham o papel central na manutenção da doença. Carnívoros e humanos podem se infectar secundariamente, geralmente por exposição direta a animais doentes. A patogênese inicia-se com a entrada da bactéria pelas mucosas ou pele lesionada, seguida de disseminação pelo sistema linfático e sanguíneo, levando à formação de nódulos piogranulomatosos e úlceras, principalmente nas vias respiratórias, pele e outros órgãos. A sintomatologia em equídeos varia conforme a forma clínica: nasal (descarga purulenta e úlceras), pulmonar (tosse e dispneia) e cutânea (nódulos e úlceras). A exposição humana está mais frequentemente associada ao contato com animais doentes, objetos contaminados, tecidos infectados ou culturas bacterianas. Os humanos também podem ser infectados pela ingestão de *B. mallei*. A exposição ocupacional continua sendo um fator de risco chave entre veterinários, estudantes de veterinária, ferreiros (trabalhadores de cuidados com cascos), esfoladores (trabalhadores de couro), porém com menor frequência do que em outros animais. A infecção ocorre tipicamente através das membranas mucosas ou por meio de pequenos ferimentos e escoriações na pele. Em humanos, múltiplos sistemas podem ser afetados e pode ocorrer falência de múltiplos órgãos. Os sintomas incluem início súbito de febre, calafrios, mialgia, mal-estar, sensibilidade à luz, lacrimejamento, diarreia, dor de cabeça e em casos graves, septicemia, podendo ser fatal se não tratada. O diagnóstico em humanos envolve cultura bacteriana, o isolamento e a identificação de *B. mallei* a partir de amostras clínicas para o diagnóstico de mormo, radiografia de tórax, teste de fixação do complemento (TFC), ensaio imuno enzimático competitivo (cELISA), immunoblot (IB), ensaio de hemaglutinação indireta (IHA). Não existe vacina para humanos, nem para animais. A prevenção inclui o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), lavagem cuidadosa das mãos após qualquer contato com animais e evitar tocar mucosas (olhos, boca, nariz) com as mãos sujas, controle da doença em animais fazendo a notificação obrigatória às autoridades sanitárias, incineração ou descarte seguro de carcaças e resíduos contaminados, divulgação de informações sobre riscos e prevenção. O mormo é uma infecção grave que atinge equídeos e pode ser transmitida aos humanos, exigindo detecção precoce, notificação obrigatória e controle rigoroso para prevenir surtos e proteger a saúde pública e animal.

Palavras-chaves: *Burkholderia mallei*; Equídeos; Lamparão; Diagnóstico microbiológico; Zoonose.

Atendimento e Recuperação de Corujinha-do-Mato (*Megascops choliba*) com Sintomatologia Neurológica: Relato de caso.

Marina Lima Gianastacio¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa², Társila Nascimento Marcelino², Tiago Figueiredo Guedes², Leandro Soares de Paula³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes⁴.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ³Médico-veterinário Autônomo, Três Rios-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A reabilitação de aves silvestres exige intervenções rápidas e protocolos terapêuticos adequados para garantir a recuperação e possibilitar a reintrodução dos animais ao habitat natural. Traumas neurológicos, frequentemente decorrentes de quedas ou colisões, são desafios comuns na medicina veterinária de animais silvestres, sendo fundamental o diagnóstico preciso e o tratamento imediato para evitar sequelas permanentes. Este relato descreve o manejo clínico-terapêutico de uma corujinha-do-mato (*Megascops choliba*) juvenil com sinais neurológicos, ressaltando a importância da intervenção precoce e do suporte adequado à recuperação. O animal foi encontrado em uma estrada no município de Três Rios/RJ, coberto por formigas e outros insetos, em fase de troca de plumagem. Cerca de 40 minutos após o resgate, foi encaminhado ao atendimento veterinário. Na triagem, apresentava apatia, ausência de vocalização, escore corporal baixo (108 g), mucosas hipocoradas, desidratação leve e temperatura corporal de 39,8 °C. A ave demonstrava lateralização da cabeça para o lado esquerdo (head tilt), reflexo pupilar diminuído no olho esquerdo e hematoma palpebral na mesma região, indicando possível trauma crânioencefálico. O teste de fluoresceína descartou úlcera de córnea e a radiografia não evidenciou fraturas ou alterações ósseas. Com base nos sinais clínicos, foi iniciado tratamento com colírios Still® (diclofenaco sódico) e Hyabak® (hialuronato de sódio), aplicados a cada 8 horas por 7 dias. Prescreveu-se também dipirona (25 mg/kg, VO, a cada 12 horas por 3 dias) e complexo vitamínico B (2 mg/kg, IM, a cada 24 horas por 5 dias). A alimentação foi realizada por sonda com vísceras e ração úmida A/D Recovery. Após cinco dias, observou-se melhora progressiva, com início da alimentação espontânea, correção da postura da cabeça e retorno da vocalização. Em 15 dias, a ave apresentou recuperação clínica completa, sendo encaminhada para reabilitação e, posteriormente, devolvida ao ambiente natural. Este caso clínico destaca a importância do diagnóstico precoce e da intervenção imediata em traumas neurológicos de aves silvestres. A ausência de alterações radiográficas não exclui lesões encefálicas, o que reforça a necessidade de uma avaliação clínica minuciosa. A associação de anti-inflamatórios, neuroprotetores e suporte nutricional foi determinante para a recuperação do paciente. Conclui-se que a medicina veterinária tem papel essencial na conservação da fauna, por meio da reabilitação e reintrodução de espécies nativas ao ambiente natural. Casos como este contribuem para a preservação da biodiversidade e evidenciam a relevância dos centros de triagem e reabilitação na proteção da vida silvestre.

Palavras-chave: Aves de rapina; Diagnóstico por imagem; Fauna silvestre; Neuropatia; Resgate de fauna.

Benefícios Clínicos Antes e Após Realização de Rinoplastia em Pacientes Caninos Braquicefálicos.

Giulia Rodrigues Rubim Kesseler¹, Adrielli Reis Almeida¹, Jade Moura Sá¹, Bruna Pereira Gonçalves², Júlia Soares Dinelli Maia² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Os cães braquicefálicos, caracterizados por focinho curto e crânio largo, apresentam predisposição a distúrbios respiratórios relacionados a alterações anatômicas como estenose das narinas, hipoplasia traqueal e colapso de laringe. Tais alterações impactam a qualidade de vida e causam sinais clínicos como respiração ruidosa, apneia e intolerância ao exercício. A rinoplastia, procedimento cirúrgico destinado a corrigir obstruções das vias aéreas superiores, tem sido amplamente utilizada nesses casos. Este trabalho retrospectivo visa analisar os benefícios clínicos da rinoplastia em cães braquicefálicos, comparando parâmetros clínicos antes e após o procedimento. O estudo tem como objetivo avaliar os benefícios clínicos da rinoplastia em cães braquicefálicos, com foco na melhora dos sinais respiratórios, tolerância ao exercício, qualidade de vida e presença de complicações pós-operatórias. Realizou-se um estudo retrospectivo com análise de prontuários de cães braquicefálicos submetidos à rinoplastia entre 2015 e 2022 em uma clínica veterinária de referência. Foram incluídos cães de raças como Bulldog, Pug e Shih Tzu com sinais de estenose nasal e histórico de dificuldades respiratórias. Foram excluídos cães com doenças respiratórias crônicas irreversíveis ou complicações graves. Os animais foram avaliados por exame físico, inspeção visual das narinas, classificação do esforço respiratório e presença de estertores. A qualidade de vida foi avaliada por meio de questionário aplicado aos tutores, que analisava disposição, frequência de respiração ofegante e tolerância ao exercício. A capacidade física foi avaliada por caminhadas monitoradas de 10 minutos, com observação de frequência respiratória e sinais de cansaço. Complicações pós-operatórias também foram registradas. Dos 50 cães avaliados, 80% apresentaram melhora significativa da respiração nasal, com redução dos estertores respiratórios e episódios de apneia. Em 65% dos casos, os tutores relataram melhora na disposição para atividades cotidianas e maior tolerância ao exercício. A avaliação clínica confirmou a redução da intensidade da respiração durante esforço físico. Em relação à intolerância ao exercício, 70% dos cães demonstraram recuperação funcional, sendo capazes de realizar caminhadas moderadas sem sinais de desconforto. Complicações foram registradas em apenas 6% dos casos, sendo infecções leves tratadas com antibióticos orais. Nenhum caso de obstrução grave das vias aéreas foi identificado. A rinoplastia demonstrou ser uma intervenção eficaz na melhora da função respiratória e da qualidade de vida de cães braquicefálicos. A correção da estenose nasal proporcionou alívio dos sintomas respiratórios, com melhora da tolerância ao exercício e recuperação funcional significativa. A baixa taxa de complicações reforça a segurança do procedimento quando realizado por profissionais capacitados. Os resultados deste estudo confirmam a importância da rinoplastia como opção terapêutica valiosa para cães com dificuldades respiratórias associadas à conformação braquicefálica.

Palavras-chave: Obstrução nasal, desconforto respiratório, estenose, avaliação clínica, reabilitação.

Boas práticas do Monitoramento de Pequenos Animais Durante Anestesia e Sedação: Revisão de Literatura.

Larissa Magalhães de Castro¹, Isabella Danon Martins¹, Gabriele Barbosa Brandão¹, Bruna Pereira Gonçalves¹ & Eduardo Butturini de Carvalho².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Diariamente, veterinários enfrentam o desafio de aprimorar a segurança do paciente, detectando, prevenindo e mitigando a ocorrência de eventos adversos. O risco de complicações e até mesmo morte é inerente à anestesia. No entanto, o uso de diretrizes, listas de verificação e treinamento pode diminuir o risco de eventos adversos. Essas ferramentas devem ser aplicadas antes, durante e após o período de inconsciência do paciente. O documento “The American College of Veterinary Anesthesia and Analgesia Small Animal Anesthesia and Sedation Monitoring Guidelines 2025”, elaborado pelo Colégio Americano de Anestesia e Analgesia Veterinária, traz orientações atualizadas para o monitoramento de pequenos animais durante procedimentos anestésicos e sedativos. A diretiva traz como objetivo estabelecer práticas de monitoramento mínimas e avançadas, guiar veterinários, técnicos e equipe de suporte no controle contínuo das funções fisiológicas dos pacientes, além de prevenir, detectar e corrigir complicações anestésicas precocemente. Antes do início de qualquer procedimento de anestesia geral ou apenas sedação, é fundamental garantir que todos os equipamentos e monitores estejam ligados e funcionando. As diretrizes preconizam a avaliação da profundidade do plano anestésico através da observação dos reflexos oculares, tônus muscular da mandíbula, posição dos olhos, respostas autonômicas, uso de monitores eletrônicos como o índice bispectral e durante o bloqueio neuromuscular, adaptações são necessárias porque reflexos musculares são suprimidos. Para a monitorização circulatória recomenda-se supervisão contínua da frequência cardíaca, ritmo, pressão arterial (oscilométrica ou invasiva) e eletrocardiogram, o uso de doppler vascular, quando a oscilometria não for confiável, é recomendado. Para a avaliação clínica adicional podemos destacar a palpação do pulso e tempo de enchimento capilar. No acompanhamento da oxigenação a oximetria de pulso é obrigatória durante anestesia e sedação profunda, avaliação da cor da mucosa. Em casos críticos, é recomendada análise de gases arteriais. A capnografia é recomendada, assim como monitoramento visual da excursão torácica e ausculta respiratória, além do uso de espirometria e análise de gases em pacientes instáveis. A temperatura corporal necessita uma medição regular (a cada 15 a 30 minutos) via termômetro esofágico ou retal. Abaixo de 37,8°C é necessário iniciar aquecimento ativo e seguro. Em procedimentos onde há a necessidade de bloqueio neuromuscular a utilização de estimulador de nervo periférico para guiar dosagens e reversão de bloqueadores neuromusculares se faz necessário. Para uma recuperação segura, a reversão farmacológica é indicada. O paciente deve ser continuamente monitorado até estar normotérmico, mentalmente orientado, ambulatorial, sem dor aguda ou náuseas. O monitoramento para procedimentos de sedação leve deve-se observar coloração das mucosas, pulso e ventilação básica. Em casos de sedação moderada a vigilância deve ser reforçada, oxigênio suplementar, ausculta e oxímetro de pulso são indicados. Já sob sedação profunda, pode ser necessária intubação orotraqueal e monitoramento completo. O profissional deve dedicar-se exclusivamente ao procedimento anestésico, registrar sinais vitais a cada 5-15 minutos, os medicamentos administrados, complicações e intervenções. Estas diretrizes não são um padrão absoluto, mas uma referência baseada em melhores práticas atuais. Cada caso clínico deve ser avaliado individualmente, considerando a condição do paciente, equipamentos disponíveis e experiência da equipe.

Palavras-chave: anestesia; diretrizes; monitorização; pequenos animais; sedação.

Carcinoma Urotelial em Pelve Renal de Cão SRD de 10 anos: Um Relato de Caso.

Augusto Ramos Saar¹, Luana Costa Ferreira¹, Luana da Silva Costa¹, Hellen Magela Barreto², Eduardo Maia Aguiar³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Médica-veterinária Autônoma, Barra Mansa-RJ.

³Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O carcinoma urotelial (CU) é uma neoplasia maligna que se origina no epitélio de transição do trato urinário, sendo mais comum na bexiga de cães, mas podendo ocorrer na pelve renal, ureteres e uretra. O presente relato descreve um caso raro de CU primário na pelve renal de um cão sem raça definida (SRD), macho, de 10 anos, que não apresentava sinais clínicos urinários evidentes. A apresentação clínica do CU renal pode ser inespecífica, incluindo hematúria, disúria, letargia e emagrecimento progressivo, mas a ausência de sintomas urinários pode estar associada ao crescimento tumoral restrito à pelve renal, sem obstrução urinária significativa. A tutora notou um aumento abdominal progressivo, o que levantou a suspeita de um processo expansivo. Essa manifestação pode estar relacionada ao aumento de volume renal secundário à hidronefrose, condição frequentemente causada por obstrução parcial do fluxo urinário. A hidronefrose é uma complicação comum em casos de lesões obstrutivas, como as neoplasias, que podem bloquear parcial ou totalmente a drenagem da urina. A ultrassonografia abdominal revelou a presença de uma neoformação hipoeocogênica de contornos regulares na pelve renal, associada à hidronefrose, achado sugestivo de uma lesão obstrutiva expansiva. A tomografia computadorizada confirmou a presença de uma formação expansiva no hilo renal direito, sugerindo primariamente neoplasia, associada a leve a moderada distensão da pelve renal direita, o que foi importante para o planejamento cirúrgico. O tratamento de escolha para neoplasias renais primárias em cães, como o CU, é a nefrectomia, desde que o rim contralateral esteja funcional. Embora a cirurgia possa proporcionar alívio imediato dos sintomas e controle da doença localizada, o CU apresenta comportamento biológico agressivo, com alta taxa de metástases, especialmente para pulmões, fígado e linfonodos regionais. No caso relatado, após análise do laudo tomográfico observa-se uma formação hipodensa e hipocaptante com componente cístico no fígado que gerou suspeita de neoplasia, descartada pelo histopatológico pela presença de células bem diferenciadas. É indispensável a avaliação de órgãos abdominais e torácicos para a tomada de decisão quanto à viabilidade cirúrgica e necessidade de tratamento adjuvante. A análise histopatológica confirmou a variante papilífera luminal do CU, uma das formas histológicas descritas em cães. Essa variante diferente das outras formas de carcinoma não apresenta padrão de crescimento exofítico e pode ser menos infiltrativa em comparação a outras formas. Ainda assim, independentemente da variante, o comportamento pode ser invasivo. Por isso, a avaliação de biomarcadores como expressão da COX-2 e mutações no gene BRAF pode contribuir para o prognóstico e auxiliar na escolha de terapias adjuvantes com inibidores específicos. A sobrevida dos cães com CU renal depende do estágio da doença no diagnóstico. Cães sem metástases, submetidos à nefrectomia, podem ter sobrevida de 6 a 12 meses. Já aqueles com metástases geralmente apresentam sobrevida menor, mesmo com terapia adjuvante. O uso de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), como o piroxicam, pode ser benéfico por sua ação sobre a COX-2, inibindo a proliferação tumoral e a angiogênese. A detecção precoce, a confirmação histopatológica e o acompanhamento oncológico são fundamentais para o manejo adequado da doença.

Palavras-chaves: Carcinoma Urotelial; Histopatologia; Nefrectomia ; Tomografia; Tumor Maligno.

Contagem de Células Somáticas como Ferramenta Diagnóstica da Qualidade do Leite em Rebanhos Leiteiros.

Rodrigo Almeida Ferreira¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos¹, Ingrid Rocha Silva Nascimento¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O leite é um produto altamente nutritivo e completo para o consumo humano e a atividade leiteira está em cerca de 98% dos municípios brasileiros, sendo realizada em sua grande maioria em propriedades rurais de pequeno a médio porte, tornando o país um dos maiores produtores do mundo. Logo, para assegurar o padrão e a qualidade do leite é necessário aderir à medidas de controle rigorosas nas etapas da cadeia de produção leiteira, que vai desde a ordenha à comercialização. Um dos principais parâmetros de avaliação da qualidade do leite é a contagem de células somáticas (CCS), que permite quantificar a prevalência de infecções do rebanho. Esse controle é importante especialmente em cooperativas leiteiras, onde é requerido um maior controle e cuidado por parte dos produtores cooperados. Esta revisão de literatura tem como objetivo destacar a importância da utilização da CCS como um instrumento de diagnóstico em rebanhos bovinos, especialmente para a melhoria da qualidade do leite, além da detecção precoce de mastite, minimizando prejuízos econômicos. Foram analisados artigos científicos publicados nas últimas três décadas, com foco na produção de leite no Brasil. As fontes foram selecionadas em bases de dados como PubMed, Scielo e Google Scholar, e foram incluídos estudos nacionais que abordassem a relação entre a CCS, mastite e a qualidade do leite, utilizando palavras-chave relacionadas à contagem de células somáticas. O termo células somáticas do leite corresponde aos elementos celulares presentes no leite incluindo as células de defesa e as células originadas da descamação do epitélio da glândula. Sua avaliação pode ser feita por meio testes de campo, como o California Mastitis Test (CMT), ou por métodos eletrônicos em laboratórios especializados. O teste realizado tem como limite aceitável é de 500.000 CCS/mL no tanque e 200.000 CCS/mL por animal, sendo um indicador vital da saúde do úbere e pode variar por diversos fatores, tais como o manejo nas propriedades, a fase de lactação, raça, nutrição, frequência de ordenha, idade e saúde geral dos animais, além da estação do ano e as condições climáticas. A causa mais comum de aumento na CCS é a mastite, um processo inflamatório na glândula mamária. Esse quadro pode resultar em uma redução da produção devido a alterações na qualidade do leite que afetam sua composição, alterando características como a atividade enzimática e o tempo de coagulação, prejudicando assim a produtividade e a qualidade dos produtos da propriedade. Estudos mostraram que quartos com mastite sub-clínica produziram, em média, 25 a 42% menos leite que quartos mamários saudáveis. Desse modo, a adoção de práticas adequadas de ordenha com a realização de testes de CCS é fundamental afim para assegurar a qualidade do produto, influenciando diretamente a quantidade dos níveis de células somáticas presentes. Logo, a detecção de deficiências no processo de higienização permite a implementação de medidas corretivas eficazes, contribuindo para a melhoria do produto.

Palavras-chave: Inflamação; Mastite; Ordenha; Produtividade; Testes.

Danos aos Animais sob Custódia: Uma Análise Jurídica e Veterinária.

Yolanda Henrichs Garcia Bandeira Bastos¹, José Carlos Dias Bastos², Cristiane Borborema Chaché² & Ana Paula Martinez de Abreu³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A relação entre seres humanos e animais tem se transformado significativamente nas últimas décadas, refletindo uma crescente sensibilidade ética e legal quanto à proteção da vida animal. Os animais sob custódia – sejam eles domésticos, silvestres legalizados, de produção ou mantidos em instituições públicas e privadas – encontram-se em uma posição de vulnerabilidade, dependendo integralmente de seus responsáveis para o suprimento de suas necessidades básicas e bem-estar. No Brasil, o ordenamento jurídico já reconhece a senciência animal, o que impõe deveres legais de cuidado e proteção. Contudo, a ocorrência de danos físicos e psicológicos a esses animais ainda é recorrente, seja por negligência, abuso ou falhas estruturais. Este estudo tem como objetivo analisar, de forma interdisciplinar, os danos causados a animais sob custódia e suas implicações jurídicas e veterinárias. Trata-se de um estudo teórico-analítico, baseado em revisão bibliográfica e documental. No campo jurídico, foram analisados dispositivos da Constituição Federal (art. 225, §1º, VII), da Lei de Crimes Ambientais (Lei 9.605/1998, art. 32), do Código Civil (arts. 927 e 936), além de jurisprudências relevantes. No campo veterinário, utilizaram-se diretrizes do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), artigos científicos e manuais técnicos que descrevem as consequências clínicas dos maus-tratos nas bases de dados google acadêmico e scielo. A análise se concentrou na relação entre os tipos de danos sofridos pelos animais e os mecanismos legais de responsabilização. Os danos mais frequentemente relatados envolvem lesões físicas, desnutrição, doenças infecciosas evitáveis e transtornos comportamentais oriundos de confinamento inadequado, solidão ou violência. Tais danos, identificados por profissionais veterinários, têm servido como base para ações judiciais que buscam responsabilizar tutores, criadores, clínicas ou órgãos públicos. O laudo veterinário, nesses casos, configura prova técnica essencial para a comprovação da materialidade do dano. Em diversas decisões judiciais, os magistrados têm reconhecido o sofrimento animal como passível de reparação, inclusive prevendo sanções administrativas e penais aos responsáveis. A análise revela a importância da atuação conjunta entre Direito e Medicina Veterinária na promoção do bem-estar animal. Ainda que haja avanços legais, persistem desafios significativos, como a subnotificação de casos, ausência de protocolos padronizados para atuação veterinária em denúncias e a dificuldade de quantificar danos morais aos animais. Além disso, a responsabilização objetiva prevista no Código Civil nem sempre é plenamente aplicada, principalmente quando o animal está sob custódia de instituições públicas. A capacitação de profissionais da saúde animal para a produção de laudos com valor probatório e o fortalecimento da atuação dos Ministérios Públicos são medidas urgentes. Os danos aos animais sob custódia são uma questão que exige abordagem interdisciplinar, envolvendo conhecimentos jurídicos, clínicos e éticos. A responsabilização dos responsáveis por tais danos devem ser respaldadas por provas técnicas consistentes e fundamentada na legislação vigente. É necessário fortalecer políticas públicas de prevenção, fiscalização e educação, além de fomentar o diálogo entre os sistemas de Justiça e os conselhos veterinários. O respeito à vida e à dignidade animal não pode ser apenas um ideal, mas uma prática efetiva amparada pelo Direito e pela ciência veterinária.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Guarda responsável; Laudo veterinário, Maus-tratos, Responsabilidade civil.

Dermatobiose em Bovinos: Uma Revisão de Literatura.

Jackeline Faria Souza¹, Aline Maria Andrade da Silva¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O Brasil lidera mundialmente em número de bovinos comerciais, sendo a sanidade do rebanho um fator crucial para manter a produtividade e a competitividade do setor. Dentre as afecções que impactam economicamente a bovinocultura, destaca-se a dermatobiose. Causada pela larva da mosca *Dermatobia hominis*, é uma ectoparasitose de grande importância em regiões tropicais da América Latina, que compromete o desempenho zootécnico e gera perdas financeiras diretas e indiretas. O objetivo deste trabalho é descrever a epidemiologia, patogenia, diagnóstico, estratégias de controle e o manejo da dermatobiose. Esta revisão foi conduzida por meio da análise de literatura científica nacional e internacional, consultando artigos originais, revisões, boletins técnicos e publicações institucionais. A *D. hominis* possui um ciclo de vida complexo e adaptado a regiões de clima quente e úmido, com maior prevalência nos períodos chuvosos. A transmissão ocorre por meio de dípteros foréticos, que transportam os ovos da mosca até os hospedeiros. Após a eclosão, as larvas penetram na pele, provocando miases nodulares subcutâneas conhecidas como bernes. Cada larva permanece por cerca de 30 a 60 dias no hospedeiro, causando dor, inflamação, prurido e predisposição a infecções secundárias. O diagnóstico da dermatobiose em bovinos é predominantemente clínico, baseado na inspeção visual e palpação de nódulos subcutâneos, geralmente únicos, com orifício central por onde a larva respira. Em casos de dúvida, a confirmação pode ser feita por meio da remoção da larva e sua identificação morfológica, embora exames laboratoriais raramente sejam necessários devido ao padrão clínico típico da afecção. Em bovinos, a dermatobiose está associada à redução do ganho de peso, queda na produção de leite, menor eficiência alimentar, descarte precoce de animais e prejuízos à qualidade do couro. O controle da dermatobiose é dificultado pela ausência de contato direto entre o parasito adulto e o hospedeiro, exigindo ações integradas que envolvam controle ambiental, interrupção do ciclo forético e uso estratégico de medicamentos antiparasitários. Inseticidas de ação larvicida e sistêmica são eficazes, porém seu uso indiscriminado tem favorecido o surgimento de resistência e a formação de abscessos por retenção de larvas mortas no tecido subcutâneo. Além disso, a ausência de vacinas ou estratégias de imunoprofilaxia eficazes reforça a importância da vigilância sanitária, do uso racional de produtos e da escolha de manejos compatíveis com as particularidades regionais. A pesquisa voltada ao entendimento da biologia do parasito e à seleção de produtos com maior eficácia residual continua sendo uma necessidade para o desenvolvimento de programas sustentáveis de controle da dermatobiose em bovinos. Com isso, conclui-se que a continuidade de pesquisas voltadas ao desenvolvimento de novas ferramentas de prevenção e controle da dermatobiose bovina é fundamental para reduzir os prejuízos causados pela enfermidade.

Palavras-chave: Berne, *Dermatobia hominis*, Diagnóstico, Larva, Subcutâneo.

Dermatofilose em Bovinos: Uma Revisão de Literatura.

Nathália de Oliveira Silva Santos¹, Ana Julia Cunha Manso¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Juliana de Amorim Penha da Silva¹, Raphaely Andrade Camargo¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A dermatofilose é uma doença com distribuição mundial, sendo mais comum em climas de regiões tropicais e subtropicais, principalmente durante períodos intensos de chuva. Essa infecção apresenta baixa mortalidade e sua morbidade varia entre 5 e 25%. É uma doença infecto-contagiosa, de caráter zoonótico, que acomete além de bovinos, os ovinos, equinos, caprinos e suínos, e é causada pela bactéria gram-positiva *Dermatophilus congolensis*. Diversos fatores contribuem para o seu desenvolvimento, destacando-se a umidade, estresse e a imunossupressão. O objetivo desta revisão é descrever os sinais clínicos em bovinos afetados, o diagnóstico e formas de tratamento da dermatofilose. Essa revisão de literatura foi realizada com consulta a base de dados Google Acadêmico e os resultados mostraram que as manifestações clínicas são mais frequentes em bovinos, com as lesões na epiderme que se espalham por todo corpo, sendo mais afetadas as pernas e abdome (úbere). O processo se dá inicialmente com a aglutinação dos pelos, quando os mesmos adotam o aspecto de “pincel”, apresentando forma de dermatite hiperplásica ou exsudativa de aparência circunscrita e delimitada, com crostas amarelas/marrom duras e quebradiças. Os sinais clínicos são comuns a outras afecções de pele, necessitando de diagnóstico diferencial de outras dermatoses. O diagnóstico da doença pode ser presuntivo, através da epidemiologia, observação de sinais clínicos, esfregaços com coloração de gram ou Giemsa, ou ainda o diagnóstico definitivo, que pode ser obtido através do isolamento, caracterização da bactéria e cultivo de crostas ou biópsia da região. Importante ressaltar que para realizar o exame direto, as amostras das crostas precisam ser frescas, podendo ser refrigeradas ou não, dependendo do tempo entre a coleta e o processamento. Para o tratamento, recomenda-se o isolamento dos animais doentes, desinfecção de materiais e instalações, além de realizar terapia com antimicrobianos e com antissépticos tópicos. A bactéria *D. congolensis* é sensível a diversos antimicrobianos como, por exemplo, a penicilina, estreptomicina e oxitetraciclina. O tratamento tópico isoladamente não é recomendado, pois os medicamentos não penetram nas camadas mais profundas da pele. Para rebanhos grandes, recomenda-se banhos de imersão ouaspersão com sulfato de zinco ou de cobre associado a aplicações intramusculares de antibióticos. Mostra-se importância que os produtores sejam alertados sobre o manejo e o cuidado com os animais que apresentam lesões em época de chuva e estresse dos animais, mimetizando assim o impacto na produção animal. Conclui-se que há grande importância do conhecimento clínico para diferenciação entre as dermatoses, o diagnóstico e tratamento correto e manejo adequado desses animais afetados.

Palavras-chaves: Dermatite bacteriana; *Dermatophilus congolensis*; Doença contagiosa; Estreptotricose; Queimadura por chuva.

Dermatopatias Alérgicas em Cães e Gatos: Impacto da Alimentação, Ambiente e Imunoterapia.

Lana Costa de Queiroz¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹, Valentina Ventura Marques Cacciola¹, Bruna Pereira Gonçalves², Julia Soares Dinelli Maia² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As dermatopatias alérgicas representam uma das principais causas de atendimento clínico na medicina veterinária de pequenos animais, acometendo cães e gatos de diferentes raças, idades e portes. Essas condições, caracterizadas por prurido crônico, lesões cutâneas recorrentes e otopatias, incluem principalmente a dermatite atópica canina (DAC), a dermatite alérgica à picada de ectoparasitas (DAPE) e as reações adversas alimentares. O objetivo desta revisão é compreender como a alimentação, os fatores ambientais e a imunoterapia influenciam no desenvolvimento, diagnóstico e manejo das dermatopatias alérgicas em cães e gatos. A alergia alimentar, ou hipersensibilidade alimentar, é uma resposta imuno-mediada que geralmente se manifesta com sinais dermatológicos indistinguíveis da DAC, o que torna o diagnóstico desafiador. Para confirmá-lo, a única abordagem eficaz é a realização de uma dieta de eliminação, com formulações baseadas em proteína nova (como carne de coelho, veado, canguru) ou proteínas hidrolisadas, seguidas de um desafio alimentar controlado. A disbiose intestinal tem sido associada a um aumento da permeabilidade intestinal e a uma maior exposição do sistema imunológico a抗ígenos, favorecendo respostas alérgicas. O ambiente é outro fator crucial, especialmente no caso da dermatite atópica. Os alérgenos ambientais mais frequentemente envolvidos incluem os ácaros da poeira domiciliar (como *Dermatophagoides farinae*), pólenes, mofos, gramíneas e até alérgenos domésticos como epitélio humano. Medidas como controle rigoroso de pulgas, higiene do ambiente, uso de aspiradores com filtros especiais, lavagem frequente da cama dos animais e redução da umidade interna são recomendadas para minimizar a carga alérgena. No que se refere ao tratamento, a imunoterapia alérgeno-específica-ASIT (do inglês, allergen-specific immunotherapy), tem se consolidado como uma das ferramentas mais promissoras e eficazes, sendo a única capaz de alterar o curso natural da DAC. A ASIT consiste na administração gradual e progressiva de extratos de alérgenos identificados por meio de testes intradérmicos ou sorológicos, com o intuito de induzir tolerância imunológica e reduzir a hipersensibilidade. Estudos demonstram taxas de resposta clínica positivas entre 60% e 75%, especialmente em pacientes jovens e com manifestações sazonais. A imunoterapia pode ser administrada por via subcutânea ou sublingual. Além da ASIT, outros recursos terapêuticos utilizados no manejo das dermatopatias alérgicas incluem corticosteroides, ciclosporina, oclacitinib e lokivetmab (anticorpo monoclonal anti-IL-31). Embora eficazes no controle do prurido, essas intervenções são sintomáticas e não atuam na causa subjacente da doença. Assim, a integração entre estratégias de modulação imunológica, controle ambiental e dietas apropriadas constitui a base de uma abordagem moderna, eficaz e menos dependente de fármacos imunossupressores. Em conclusão, a compreensão aprofundada dos fatores dietéticos, ambientais e imunológicos envolvidos nas dermatopatias alérgicas em cães e gatos é essencial para o desenvolvimento de protocolos terapêuticos mais eficazes e individualizados. A tendência atual na medicina veterinária é a de integrar múltiplos fatores – incluindo microbioma, genética e ambiente – com foco na medicina preventiva e personalizada.

Palavras-chave: Dermatite atópica; Alergia alimentar; Imunoterapia; Prurido crônico; Controle ambiental.

Desafios e Perspectivas da Extensão Rural em Tempos de Mudanças Climáticas: Uma Revisão de Literatura.

Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Rodrigo Almeida Ferreira¹, Maria Eduarda Bispo dos Reis Di Iorio¹, Isabel Cristina Medeiros da Silva¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As mudanças climáticas vêm provocando transformações significativas nos sistemas produtivos agrícolas em todo o mundo. Entre os efeitos mais perceptíveis estão a alteração nos regimes de chuva, o aumento da temperatura média e a intensificação de eventos extremos, como secas e enchentes. Esses impactos afetam diretamente a agricultura, especialmente os pequenos produtores e agricultores familiares, que têm menos recursos para enfrentar tais desafios. Nesse cenário, a extensão rural desempenha um papel estratégico, pois atua como ponte entre o conhecimento técnico-científico e as práticas produtivas adotadas nas comunidades rurais. Através dela, é possível promover a adaptação às novas condições climáticas e a transição para práticas mais sustentáveis. O presente trabalho tem como objetivo revisar a literatura científica acerca dos desafios e perspectivas da extensão rural em tempos de mudanças climáticas, identificando os principais obstáculos enfrentados por essa política pública e discutindo caminhos possíveis para fortalecer sua atuação no campo. A metodologia utilizada consistiu em uma revisão bibliográfica com base em artigos científicos, livros e relatórios publicados entre 2015 e 2023, localizados em bases como SciELO, Google Scholar e repositórios institucionais. Foram selecionadas publicações que abordam temas relacionados à extensão rural, agricultura familiar, mudanças climáticas, agroecologia e políticas públicas. A literatura analisada revela que a extensão rural enfrenta diversas dificuldades para atuar de forma eficaz diante das mudanças climáticas. Entre os principais desafios, destacam-se a baixa capacitação dos extensionistas para lidar com temas ambientais e climáticos, a escassez de recursos públicos para a execução de programas de assistência técnica e a desarticulação entre políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural e à sustentabilidade. Soma-se a isso a persistência de um modelo tradicional de extensão, muitas vezes centrado apenas na difusão de tecnologias produtivistas, sem considerar os saberes locais e a realidade socioambiental dos agricultores. Por outro lado, diversos autores apontam perspectivas promissoras que podem fortalecer a extensão rural nesse novo contexto. A adoção de práticas agroecológicas, por exemplo, tem sido destacada como uma alternativa viável e sustentável, pois favorece a resiliência dos agroecossistemas às mudanças do clima. Além disso, o uso de tecnologias digitais como aplicativos, plataformas de capacitação e sistemas de alerta meteorológico pode ampliar o alcance e a eficácia da assistência técnica. A articulação entre instituições de pesquisa, governos locais, ONGs e movimentos sociais também é vista como uma estratégia fundamental para a construção de redes colaborativas em torno da adaptação climática. Em conclusão, a extensão rural tem um papel central no enfrentamento dos impactos das mudanças climáticas na agricultura, principalmente no contexto da agricultura familiar. No entanto, para que esse papel seja efetivo, é necessário superar desafios estruturais e metodológicos, investindo na formação contínua dos extensionistas, na ampliação dos recursos disponíveis e na construção de políticas públicas integradas. Dessa forma, será possível fortalecer a capacidade adaptativa das comunidades rurais, promovendo uma agricultura mais sustentável, justa e resiliente.

Palavras-chave: Adaptação agrícola; Agricultura familiar; Extensão rural ; Mudanças climática; Sustentabilidade.

Desafios na Prevenção de Zoonoses e os Impactos na Saúde Pública.

Davidson Werlick Velloso dos Santos¹, Aline Maria Andrade da Silva², Ricardo Antônio de Souza Nascimento¹, Rodrigo Almeida Ferreira¹, Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As zoonoses, doenças infecciosas naturalmente transmissíveis entre animais e humanos, representam um desafio crescente à saúde pública global, estando associadas a mais de 60% das enfermidades infecciosas humanas e cerca de 75% das doenças emergentes nas últimas décadas. O aumento do contato entre humanos e animais, impulsorado por fatores como a urbanização desordenada, o desmatamento, a intensificação agropecuária e a globalização, contribui para o surgimento e a rápida disseminação desses agentes patogênicos. Este trabalho trata-se de uma revisão de literatura baseada em artigos científicos indexados nas bases PubMed, Scielo e ScienceDirect, selecionando publicações relevantes dos últimos 25 anos que abordam os fatores determinantes da emergência de zoonoses, os entraves à sua prevenção e controle, bem como os impactos epidemiológicos e sociais. Os principais achados da revisão destacam três eixos centrais de desafio: os fatores ecológicos e socioambientais, como a degradação de habitats e as mudanças climáticas; os fatores estruturais, como a carência de infraestrutura sanitária e serviços de saúde em áreas vulneráveis; e o agravamento da resistência antimicrobiana, decorrente do uso indiscriminado de antibióticos na medicina veterinária e humana. Além disso, a revisão identificou que estratégias integradas como a abordagem “One Health”, a vigilância epidemiológica conjunta entre os setores da saúde humana, animal e ambiental, e a promoção da educação sanitária em comunidades vulneráveis, são fundamentais para mitigar os impactos dessas doenças. Discutem-se também as falhas nas políticas públicas e a fragmentação entre os setores envolvidos, que comprometem a eficácia das ações preventivas e o controle oportuno de surtos. A abordagem “Saúde Única” desponta como ferramenta estratégica indispensável, promovendo a cooperação interdisciplinar e internacional no enfrentamento de ameaças zoonóticas. Conclui-se que os desafios na prevenção de zoonoses vão além da biologia dos agentes patogênicos e envolvem uma complexa rede de fatores sociais, ambientais e econômicos. Assim, a superação dessas barreiras exige investimentos em infraestrutura, fortalecimento dos sistemas de vigilância, capacitação profissional e políticas públicas sustentadas por evidências científicas. Somente por meio de uma resposta coordenada entre governos, instituições acadêmicas, setor produtivo e sociedade civil será possível enfrentar os impactos das zoonoses e proteger a saúde coletiva.

Palavras-chaves: Biossegurança; Doenças emergentes; Epidemiologia; One Health; Vigilância sanitária.

Desenvolvimento de Jogo Virtual Estilo “CodyCross®” Como Metodologia Ativa na Disciplina de Virologia Veterinária.

Caio Fachini Lopes de Almeida¹, Augusto Ramos Saar¹, Eduardo Butturini de Carvalho², Erica Cristina Rocha Roier², Mário dos Santos Filho² & Renata Ferreira Fernandes de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Metodologias ativas têm conquistado cada vez mais presença dentro das salas de aula, seja de ensino fundamental e médio quanto no superior, uma vez que visam alterar a forma como o aluno adquire conhecimento. Nesse contexto, o professor deixa de atuar como mero transmissor passivo de informações para assumir o papel de mediador, enquanto o estudante torna-se o centro do processo de aprendizagem. Assim, o aluno tende a se manter mais engajado com o conteúdo abordado, além de desenvolver habilidades relacionadas ao trabalho em equipe e à resolução rápida de problemas. Entre as práticas de metodologias ativas, destaca-se a gamificação da sala de aula, a qual tem demonstrado significativa importância no aumento da participação ativa dos estudantes. Considerando-se a disciplina de Virologia Veterinária, ofertada no curso de Medicina Veterinária, na qual os acadêmicos frequentemente apresentam dificuldades na assimilação do conteúdo, dada a ampla variedade de vírus que acometem os animais domésticos e suas distintas características, a adoção de metodologias ativas surge como uma estratégia eficaz para a melhoria do processo de aprendizagem. Para o desenvolvimento do site, baseado no aplicativo “CodyCross®”, foi utilizado o software Visual Studio Code, no qual foi realizada a programação do sistema. O site contará com uma funcionalidade de fases baseadas em palavras-cruzadas, organizadas por grupos de vírus, com o objetivo de facilitar o aprendizado progressivo do conteúdo. A dificuldade das fases será crescente, permitindo que o usuário avance conforme consolida o conhecimento adquirido. Como bibliografia foi utilizada a última edição do livro de Virologia Veterinária (2017), livro base de estudo consagrado da disciplina, selecionando 27 vírus principais que acometem os animais domésticos. Além do desenvolvimento técnico do jogo, sua aplicação prática será integrada diretamente às aulas teóricas e práticas da disciplina de Virologia Veterinária. O jogo será utilizado como uma atividade complementar ao conteúdo ministrado, permitindo que os alunos testem seus conhecimentos de forma interativa. Os estudantes terão acesso ao jogo por meio de um site responsivo, o que permitirá o uso em dispositivos móveis e computadores, facilitando o acesso tanto em sala de aula quanto fora dela. A progressão por níveis e a divisão por grupos de vírus ajudarão a organizar o conteúdo conforme a complexidade, possibilitando uma construção gradual do conhecimento. Essa iniciativa teve como objetivo melhorar o aprendizado da disciplina de virologia do ciclo básico do curso de Medicina Veterinária, fornecendo o conhecimento necessário para futuros profissionais. Ao dominar tais conhecimentos sobre vírus e suas características, os estudantes poderão lidar eficazmente com situações clínicas em suas carreiras. Junto a isso, já foram elaborados um combo de jogos do tipo palavras-cruzadas, contendo um resumo de cada vírus selecionado. Portanto, este projeto visa ampliar o conhecimento dos estudantes, contribuindo para a fixação e a compreensão dos conteúdos da disciplina de Virologia Veterinária.

Palavras-chaves: Aprendizagem; Gamificação; Metodologias Ativas; Palavras-cruzadas; Virologia Veterinária.

Deslocamento do Abomaso à Esquerda em Vaca Girolando: Relato de Caso.

Leonardo Freire Quintanilha¹, Lívia Maria Souza de Andrade¹, Fabiana Alves Ezidio¹, Thaynná Kelly de Souza¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Este relato de caso descreve o manejo clínico e cirúrgico de uma vaca Girolando em início de lactação, com produção média de 32 kg de leite por dia, que apresentava diminuição da ingestão alimentar, apatia, perda de peso e sinais de desconforto abdominal. Criada em sistema de confinamento em *free stall*, a suspeita clínica principal foi de deslocamento do abomaso à esquerda (DAE). A anamnese rigorosa, juntamente com um exame clínico detalhado, incluindo palpação, auscultação e percussão abdominal, revelou um posicionamento anômalo do rúmen e do abomaso, evidenciado pelo som metálico característico “ping”, abaixo do arco costal esquerdo, que se estendia crânio-dorsalmente, confirmando clinicamente o DAE. O DAE é uma condição comum em vacas em início de lactação, especialmente em sistemas de confinamento, onde fatores como dieta inadequada, estresse e predisposição genética são determinantes. O tratamento envolveu a realização de uma abomasopexia, uma técnica cirúrgica que corrige a posição anormal do abomaso e o fixa à parede abdominal, prevenindo assim recorrências. A cirurgia foi realizada com o animal em estação, com incisão na linha média do flanco esquerdo para acesso à cavidade abdominal, após bloqueio anestésico utilizando a técnica em L invertido com lidocaína 2%. Uma cânula foi introduzida no abomaso para descompressão. O reposicionamento do abomaso foi seguido pela fixação na parede abdominal com fio não absorvível em sutura contínua e ancoragem em “U”. Nas camadas musculares do abdômen, foi utilizada sutura em Reverdin. Além da cirurgia, a vaca recebeu fluidoterapia com Ringer com Lactato para reidratação e correção de desequilíbrios eletrolíticos, além de antibioticoterapia utilizando uma associação de benzilpenicilina procaína e sulfato de diidroestrep-tomicina, para prevenir infecções no pós-operatório, somados aos analgésicos piroxican e cloridrato de procaína. O acompanhamento pós-cirúrgico foi rigoroso, monitorando a ingestão alimentar e a recuperação da função ruminal. A resposta ao tratamento foi positiva, com melhora na condição corporal, apetite e produção de leite. A dieta foi ajustada para atender às necessidades nutricionais específicas de vacas em início de lactação, priorizando forragens de boa qualidade e corrigindo desequilíbrios nutricionais, visando prevenir novas ocorrências de DAE. Este relato destaca a importância do manejo adequado e do diagnóstico precoce de anormalidades em vacas leiteiras, especialmente em sistemas de confinamento. O deslocamento do abomaso pode ser evitado e tratado com sucesso quando abordado de forma criteriosa, com intervenções adequadas. A prevenção, por meio de práticas que minimizem fatores de risco, como a adaptação gradual das dietas e a redução do estresse, é fundamental para garantir a sanidade e a eficiência produtiva do rebanho, promovendo o bem-estar animal e a sustentabilidade da produção leiteira.

Palavras-chave: Abomaso; Abomasopexia; Bovino; Cirurgia; Diagnóstico Clínico.

Diagnóstico de Doenças Parasitárias em Rebanhos de Pequenos Produtores: Uma Revisão de Literatura.

Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Milena Melucci Fonseca Siciliano¹, Rodrigo Almeida Ferreira¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As doenças parasitárias representam um desafio recorrente na pecuária nacional, principalmente de pequenos produtores, especialmente devido à limitação no acesso a serviços veterinários e à carência de práticas adequadas de manejo sanitário e informações. Essas enfermidades, causadas por helmintos, protozoários e ectoparasitas, comprometem diretamente o desempenho produtivo dos animais, elevando os custos de produção e reduzindo a rentabilidade das propriedades. Nesse contexto, a extensão rural exerce papel fundamental ao aproximar o conhecimento técnico-científico das comunidades rurais, promovendo a educação em saúde animal, o diagnóstico precoce e o manejo racional das parasitoses. O presente trabalho tem como objetivo revisar, com base na literatura científica, a atuação da extensão rural no diagnóstico de doenças parasitárias em rebanhos, ressaltando sua importância para a sustentabilidade da produção familiar. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico em bases como SciELO e Google Scholar, com a seleção de artigos científicos, manuais técnicos e livros publicados entre 2015 e 2024 que abordam parasitos em ruminantes e ações extensionistas em saúde animal. Os dados analisados apontam que infecções por *Haemonchus contortus*, *Trichostrongylus spp.*, *Eimeria spp.*, e infestações por *Rhipicephalus (Boophilus) microplus* são altamente prevalentes em sistemas extensivos, com maior impacto em animais jovens e mal nutridos. A ausência de diagnósticos laboratoriais e o uso indiscriminado de antiparasitários são práticas comuns, favorecendo a resistência parasitária e a perpetuação do ciclo infeccioso. Nesse cenário, as ações de extensão rural, conduzidas por universidades ou instituições públicas, contribuem significativamente para a identificação de parasitos por meio de exames coproparasitológicos, inspeções clínicas e observação de sinais patológicos no campo. Além do diagnóstico, a extensão promove atividades educativas, como palestras, rodas de conversa e oficinas, que sensibilizam os produtores sobre a importância do manejo sanitário preventivo, da rotação de pastagens e da administração racional de medicamentos. A literatura também destaca que o sucesso dessas ações está diretamente relacionado à escuta ativa das comunidades, ao respeito aos saberes locais e à continuidade do acompanhamento técnico. A atuação extensionista proporciona benefícios concretos à saúde dos rebanhos, além de fortalecer os laços entre universidade e sociedade, promovendo uma formação mais ética e prática para os estudantes de Medicina Veterinária. Conclui-se que a extensão rural é uma ferramenta estratégica para o enfrentamento das doenças parasitárias em rebanhos de pequenos produtores, pois alia o diagnóstico técnico à educação sanitária e contribui para o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais. A valorização e ampliação dessas ações devem ser incentivadas por políticas públicas que reconheçam o papel social da Medicina Veterinária no campo.

Palavras-chave: Diagnósticos; Doenças parasitárias; Educação; Extensão Rural; Medicina Veterinária.

Diagnóstico de Hidronefrose em Felino Sem-Raça-Definida – Relato de Caso.

Vivian Carvalho de Menezes¹, Guilherme Alexandre Soares Monteiro² & Bianca Affonso dos Santos Paiva³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A hidronefrose é uma condição caracterizada pela dilatação do sistema coletor renal, geralmente secundária à obstrução, sendo a urolitíase a principal causa em felinos. O diagnóstico precoce é essencial para evitar a deterioração da função renal e descompensação dos parâmetros vitais, principalmente em procedimentos cirúrgicos. A ultrassonografia abdominal destaca-se como um método seguro, dinâmico e eficiente para a identificação precoce da hidronefrose e avaliação morfológica do órgão afetado. Neste relato, descreve-se o caso de uma felina sem raça definida, com seis anos de idade, atendida em domicílio apresentando inapetência, anorexia e dor abdominal. A ultrassonografia revelou rim esquerdo dilatado, com perda total do parênquima e dimensões aumentadas, confirmando o diagnóstico de hidronefrose. Foi realizada nefrectomia unilateral e o exame histopatológico confirmou a presença de cistos renais e degeneração tubular moderada. O acompanhamento pós-operatório por ultrassonografia evidenciou a normalidade do rim remanescente. Este caso evidencia a importância do exame ultrassonográfico tanto no diagnóstico quanto no acompanhamento de pacientes nefrectomizados, contribuindo para a manutenção da qualidade e expectativa de vida dos animais.

Palavras-chave: Diagnóstico; Felino; Hidronefrose; Rim; Ultrassonografia.

Diagnóstico e Manejo Clínico da Encefalopatia Hepática em Cão com Shunt Portossistêmico Congênito: Relato de Caso.

Melissa Quintella Santinon¹, João Felipe Halfeld Carraca¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Guilherme Alexandre Soares Monteiro², Ana Carolina de Souza Campos³ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O shunt portossistêmico congênito (SPC) é uma anomalia vascular comum em cães jovens na qual o sangue da veia porta desvia-se parcial ou totalmente, intra ou extra-hepática, para a circulação sistêmica, comprometendo a desintoxicação hepática. Como consequência, há acúmulo de substâncias neurotóxicas, sobretudo amônia, levando ao desenvolvimento de encefalopatia hepática com sinais neurológicos progressivos. O diagnóstico baseia-se na correlação de dados clínicos, laboratoriais e de exames de imagem, enquanto o tratamento pode ser clínico ou cirúrgico. Cão macho de 10 meses, Yorkshire Terrier de 2,4kg, apresentou há dois meses episódios intermitentes de andar circular, tremores finos, salivação excessiva e cegueira temporária, agravados após refeições proteicas, além de vômitos ocasionais, hiporexia, perda de peso e letargia pós-exercício. Durante a avaliação, havia desorientação espacial, diminuição da propriocepção nos membros pélvicos e fasciculações nos torácicos, com reflexos e função cardiorrespiratória normais. A amônia plasmática pré-prandial estava em 137 µmol/L e, pós-prandial, em 196 µmol/L (referência até 60 µmol/L), sugerindo EH. Ultrassonografia Doppler revelou vaso tortuoso entre veia porta e veia cava caudal sem microhepatia, e tomografia contrastada confirmou shunt portossistêmico extra-hepático esplenocaval. Após estabilização, com dieta restrita em proteínas de alto valor biológico, lactulose, metronidazol, silimarina e omeprazol, observou-se regressão dos sinais encefalopáticos e melhora geral em 30 dias. Em seguida, realizou-se cirurgia para oclusão gradual do shunt com constritor ameroide de 3,5 mm. Exames de controle após um mês demonstraram normalização da amônia, com desaparecimento completo dos sinais neurológicos. A EH em cães manifesta-se por sinais neurológicos intermitentes, como alterações de comportamento, ataxia, cegueira, apatia e convulsões, frequentemente confundidos com distúrbios neurológicos primários. Sua fisiopatologia decorre do desvio do sangue porta, que contorna o fígado em animais com shunt, permitindo acúmulo sistêmico de neurotoxinas, sobretudo amônia, evidenciada pela hiperamonemia pré e pós-prandial, e por achados laboratoriais como hipoproteinemia, hipoglicemias e hipocolesterolemia decorrentes da disfunção hepática. A ultrassonografia com Doppler fornece visualização inicial da anomalia vascular, mas a tomografia contrastada é essencial para delinear a anatomia do shunt, fundamental ao planejamento cirúrgico, especialmente em raças pequenas, nas quais o tipo esplenocaval é comum e passível de correção. Na preparação pré-operatória, associam-se dieta com proteínas de alta digestibilidade, lactulose e antibióticos intestinais para reduzir a produção e absorção de toxinas, enquanto o uso de constritor ameroide promove a oclusão gradual do shunt, minimizando o risco de hipertensão portal aguda. Dieta com proteínas altamente digestíveis, como fontes vegetais e de ovo, também contribui para o controle da EH. O bom prognóstico resulta da detecção precoce, da ausência de insuficiência hepática grave e da resposta favorável ao manejo clínico e cirúrgico, sendo essencial o acompanhamento pós-operatório para que o fígado se adapte ao novo fluxo sanguíneo e para monitorar eventuais alterações transitórias durante a recuperação. O SPC é uma causa importante de EH em cães jovens e requer abordagem diagnóstica minuciosa para confirmação. O manejo clínico inicial é essencial para estabilização do paciente, mas a intervenção cirúrgica, quando viável, oferece o melhor prognóstico. A vigilância clínica e laboratorial contínua é fundamental no acompanhamento desses pacientes.

Palavras-chave: Constritor ameroide; Hiperamonemia; Neurotoxicidade; Sinais neurológicos; Tomografia contrastada.

Diagnóstico Tardio de Dirofilariose em Cão com Sinais Respiratórios Crônicos.

João Felippe Halfeld Carraca¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Melissa Quintella Santinon¹, Caio da Silva Afonso¹, Bruna Pereira Gonçalves² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A dirofilariose canina, causada por *Dirofilaria immitis*, é uma doença parasitária grave e crônica, transmitida principalmente por mosquitos dos gêneros *Culex*, *Aedes* e *Anopheles*. Sua patogenia decorre da presença de vermes adultos nas artérias pulmonares e, em casos avançados, nas câmaras cardíacas direitas, resultando em hipertensão pulmonar, insuficiência cardíaca direita, tromboembolismo e inflamação crônica. Em áreas endêmicas, o quadro clínico costuma ser sutil e progressivo, dificultando o diagnóstico precoce. Os sinais respiratórios crônicos, como tosse, dispneia e intolerância ao exercício, frequentemente mimetizam doenças como bronquite crônica ou colapso traqueal. Este relato descreve um caso de dirofilariose diagnosticada tardiamente em cão com quadro respiratório prolongado. Foi atendido em serviço especializado um macho, SRD, 9 anos, com histórico de tosse seca persistente, agravada por esforço, há mais de um ano. O tutor relatou episódios de taquipneia, intolerância ao exercício e cansaço progressivo. O animal havia recebido broncodilatadores e antibióticos, com melhora temporária. Ao exame físico, apresentava frequência respiratória elevada (40 irpm), estertores finos difusos à ausculta e sopro sistólico grau II/VI na região tricúspide. A radiografia torácica mostrou dilatação da artéria pulmonar, aumento do ventrículo direito e padrão intersticial difuso, principalmente no campo caudal. O ecocardiograma revelou hipertrrofia concêntrica do ventrículo direito, afunilamento da artéria pulmonar e presença de estruturas hiperecogênicas **móveis, compatíveis com vermes adultos de *D. immitis***. O teste de antígeno (Snap 4DX Plus®) foi positivo. O hemograma indicou leucocitose discreta com eosinofilia (1.650 células/ μ L). O tratamento incluiu: Doxiciclina (10 mg/kg BID por 28 dias) para redução de *Wolbachia spp.*; Moxidectina **tópica mensal (profilaxia)**; Prednisolona (0,5 mg/kg/dia, com desname em 4 semanas) para controle da inflamação; Clopidogrel (1 mg/kg/dia) como anti-trombótico. Houve melhora gradual da dispneia e redução da tosse em cerca de 40 dias. Após 3 meses, o ecocardiograma mostrou redução da pressão pulmonar estimada. A subnotificação da dirofilariose em cães com sinais respiratórios crônicos é frequente, especialmente em quadros insidiosos. Neste caso, o diagnóstico tardio resultou em alterações estruturais cardíacas e pulmonares, potencialmente evitáveis com testagem anual e profilaxia antiparasitária, conforme a American Heartworm Society. A ecocardiografia com visualização de vermes adultos é determinante para o diagnóstico, complementada por achados radiográficos típicos de hipertensão pulmonar. O protocolo “slow-kill”, com doxiciclina e lactonas macrocíclicas, é uma alternativa segura à melarsomina em regiões onde esta **não está disponível**. **Essa abordagem reduz progressivamente a carga parasitária e os riscos associados à morte súbita dos vermes.** Este relato reforça a necessidade de educação continuada para tutores e veterinários, enfatizando a profilaxia mensal, a testagem anual com antígeno e a inclusão da dirofilariose nos diagnósticos diferenciais de síndromes respiratórias crônicas. A intervenção precoce é essencial para minimizar danos permanentes, sendo as lactonas macrocíclicas a principal medida preventiva.

Palavras-chave: Hipertensão pulmonar; Vermes adultos; Ecocardiografia; Tratamento slow-kill; Lactonas macrocíclicas.

Doença da Adrenal em um Ferret (*Mustela putorius furo*): Relato de caso.

Gabrielle Velasco de Alcantara¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A hiperplasia adrenal é uma endocrinopatia comum em furões domésticos (*Mustela putorius furo*), especialmente em populações de países onde a castração precoce é amplamente realizada, como nos Estados Unidos. Essa condição está associada à produção excessiva de hormônios sexuais pelas glândulas adrenais, geralmente em decorrência de hiperplasia, adenomas ou adenocarcinomas adrenocorticiais. A ausência de hormônios gonadais após a esterilização precoce parece promover uma retroalimentação alterada no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, levando à estimulação contínua da zona reticular e consequente hiperplasia funcional. Os sinais clínicos mais comuns incluem alopecia simétrica e progressiva, prurido, edema vulvar em fêmeas castradas, prostomegalia em machos e comportamentos性uais exacerbados. O objetivo deste trabalho foi revisar a literatura sobre a hiperplasia adrenal em *Mustela putorius furo*, descrever um caso clínico de um paciente diagnosticado com a doença, apresentar a técnica diagnóstica utilizada, bem como o tratamento instituído. Foram analisadas as manifestações clínicas, os achados ultrassonográficos, exames laboratoriais e os procedimentos terapêuticos empregados, com destaque para o uso da melatonina e do implante de deslorelin, além da avaliação de um cálculo urinário de cálcio, potencialmente secundário às alterações hormonais promovidas pela disfunção adrenal. O caso envolveu um furão com sinais clínicos clássicos da doença, incluindo alopecia progressiva, aumento da atividade sexual e prostomegalia. O exame ultrassonográfico revelou aumento de volume e alteração morfológica da glândula adrenal esquerda, sugestivo de hiperplasia. O hemograma e o perfil bioquímico estavam dentro dos limites de referência, exceto por discreta hiperglicemia, compatível com o estresse do manejo. Durante o acompanhamento, o paciente apresentou obstrução urinária associada à formação de cálculo de oxalato de cálcio, cuja composição foi confirmada por análise laboratorial, corroborando a associação descrita entre disfunções endócrinas e distúrbios urinários em furões. O tratamento incluiu o implante de deslorelin (um agonista de GnRH de longa ação), que atua suprimindo a secreção de LH e, consequentemente, reduzindo a estimulação das adrenais. Adicionalmente, foi instituído o uso de melatonina, visando contribuir com o controle dos sinais clínicos e melhorar a qualidade de vida. Observou-se melhora progressiva dos sinais clínicos em cerca de 30 dias, com estabilização do quadro e regressão da prostomegalia em aproximadamente 60 dias. A literatura destaca a eficácia da deslorelin como uma abordagem terapêutica segura e eficaz, especialmente em pacientes não candidatos à adrenalectomia. Estudos indicam que a resposta clínica à deslorelin ocorre entre 2 a 8 semanas após a aplicação, com controle dos sinais clínicos por até 12 meses. A melatonina, por sua vez, atua inibindo a liberação de gonadotrofinas e modulando o ciclo fotoperiódico, podendo contribuir de forma adjuvante para o manejo da doença. A formação de cálculos urinários é uma complicação descrita em furões com hiperplasia adrenal, resultante do desequilíbrio hormonal e das alterações no trato urinário. A identificação precoce e o manejo adequado dessas complicações são fundamentais para evitar obstruções potencialmente fatais. Este caso reforça a importância de uma abordagem clínica ampla e contínua. A hiperplasia adrenal é uma doença endócrina significativa em furões castrados, com manifestações clínicas características e potencial para complicações sistêmicas. O uso do implante de deslorelin demonstrou-se eficaz no controle dos sinais clínicos, sendo uma alternativa terapêutica importante frente à indisponibilidade ou inviabilidade cirúrgica. A associação com urolitíase de cálcio ressalta a necessidade de acompanhamento clínico periódico. Este relato reforça a importância da abordagem diagnóstica e terapêutica individualizada em furões, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento sobre endocrinopatias nesta espécie.

Palavras-chaves: Diagnóstico, deslorelin, Hiperplasia adrenal, melatonina, *Mustela putorius furo*.

Doença Inflamatória Intestinal em um Gato de Sete Meses: Relato de Caso.

Ana Clara Ferreira Brandão¹, Clara Marques Barros¹, Diana Ivanov Pedroso¹, Laura Andrade de Oliveira¹, Mariana Serra Alves¹ & Mário Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A Doença Inflamatória Intestinal (DII) é um distúrbio gastrointestinal crônico caracterizado por inflamação persistente da mucosa intestinal, levando a manifestações clínicas como diarréia crônica, vômitos e perda de peso progressiva. Embora seja mais frequente em gatos adultos e idosos, sua ocorrência em filhotes é rara e pouco documentada. O diagnóstico definitivo requer exclusão de outras causas e confirmação histopatológica por meio de biópsia intestinal. Este relato descreve um caso incomum de DII em um gato de apenas sete meses, destacando os desafios diagnósticos e terapêuticos em pacientes tão jovens. Um gato macho, sem raça definida, de sete meses de idade, foi encaminhado para atendimento devido a diarréia crônica persistente por mais de dois meses, com fezes amolecidas e muco, perda de peso progressiva, episódios ocasionais de vômito e hiporexia intermitente. O paciente havia recebido tratamentos prévios para parasitas intestinais e dieta de eliminação, sem melhora significativa. No exame físico, o animal apresentava leve desidratação (6%), condição corporal reduzida (3/9) e desconforto abdominal moderado à palpação intestinal. O hemograma revelou leucocitose leve com desvio à esquerda, enquanto o perfil bioquímico indicou leve hipoalbuminemia (2,3 g/dL) e aumento discreto da globulina (4,9 g/dL). A ultrassonografia abdominal evidenciou espessamento difuso da parede intestinal, especialmente no íleo e cólon, com perda parcial da estratificação normal e aumento da ecogenicidade da mucosa. Também foi realizada colonoscopia, que revelou mucosa irregular, friável e com áreas de ulceração dispersas ao longo do cólon e do íleo terminal. Foram coletadas amostras para biópsia, que confirmaram inflamação linfoplasmocitária moderada na lâmina própria, achado compatível com Doença Inflamatória Intestinal. Diante do diagnóstico, foi instituído tratamento com dieta hipoalergênica à base de proteína hidrolisada e terapia imunossupressora com prednisolona (2 mg/kg SID). Após três semanas, o paciente apresentou melhora significativa dos sinais clínicos, com fezes normais e ganho de peso progressivo. Esse caso reforça a necessidade de um protocolo diagnóstico detalhado para evitar tratamentos empíricos prolongados sem eficácia. A ultrassonografia intestinal é uma ferramenta útil na triagem, mas a diferenciação entre DII e outras afecções, como linfoma intestinal de baixo grau, só pode ser feita com biópsia. A colonoscopia permitiu a obtenção de amostras da mucosa do cólon e íleo terminal, regiões frequentemente afetadas na DII felina. O achado histopatológico de inflamação linfoplasmocitária sem evidências de malignidade corroborou o diagnóstico. O tratamento da DII visa reduzir a inflamação e restaurar a função intestinal. A resposta inicial à dieta hipoalergênica e ao corticosteroide foi satisfatória, indicando que o manejo precoce pode controlar a doença antes da progressão para formas mais graves, como enteropatia dependente de imunossupressores. Este relato destaca um caso atípico de DII em um gato filhote, reforçando a necessidade de considerar essa doença como diagnóstico diferencial mesmo em pacientes muito jovens. A abordagem diagnóstica completa, incluindo exames laboratoriais, ultrassonografia, colonoscopia e biópsia intestinal, foi essencial para a conduta terapêutica adequada. A resposta favorável ao tratamento inicial sugere que o diagnóstico precoce pode melhorar significativamente o prognóstico e a qualidade de vida desses pacientes.

Palavras-chave: Biópsia; Diagnóstico; Doença inflamatória intestinal; Mucosa.

Doenças do Sistema Nervoso em Felinos: Epilepsia e Distúrbios Neurológicos.

Clara Marques Barros¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Diana Ivanov Pedroso¹, Mariana Serra Alves¹, Mariana Caetano Marques¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O estudo aborda doenças neurológicas em gatos, com ênfase na epilepsia, uma das condições mais comuns, caracterizada por convulsões recorrentes e causada por fatores como traumas, infecções, doenças metabólicas, neoplasias e alterações genéticas. Apesar de ser bem estudada em cães, a epilepsia felina ainda demanda mais compreensão. O objetivo é analisar essas condições e revisar opções terapêuticas para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida dos gatos afetados. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura científica sobre epilepsia e outros distúrbios neurológicos em gatos, com base em artigos publicados entre 2000 e 2024. As bases de dados utilizadas foram PubMed, Scopus e Google Scholar. O estudo incluiu pesquisas sobre causas, diagnóstico, tratamento e manejo da epilepsia felina, além de distúrbios neurológicos secundários. Foram considerados artigos clínicos, estudos experimentais e revisões sobre terapias farmacológicas e não farmacológicas. As principais condições neurológicas em felinos incluem epilepsia, encefalopatia, síndromes vestibulares, e distúrbios relacionados a doenças metabólicas e neoplasias. Entre essas, a epilepsia felina é particularmente importante devido à sua prevalência e impacto na qualidade de vida dos gatos afetados. A epilepsia felina se manifesta por crises recorrentes e é classificada em idiopática ou secundária. As crises podem ser sutis, com sinais discretos como tremores faciais ou contrações musculares, o que dificulta a identificação. O diagnóstico envolve a observação clínica dos episódios, exames de imagem, eletroencefalograma (EEG) e análises laboratoriais para investigar causas subjacentes. Além da epilepsia, gatos podem apresentar outros distúrbios neurológicos, como síndromes vestibulares, encefalites e doenças neurodegenerativas, como a mielopatia degenerativa. Essas condições podem ser causadas por infecções (ex.: toxoplasmose, criptococose), distúrbios metabólicos (como hipoglicemia e hipertensão) ou tumores cerebrais. Os sinais clínicos variam e incluem alterações comportamentais, perda de coordenação motora e convulsões. O diagnóstico precoce é essencial para tratar doenças neurológicas em gatos. A epilepsia idiopática pode ser controlada com medicamentos como fenobarbital e levetiracetam. Já a epilepsia secundária exige o tratamento da causa, como infecções ou tumores. Além dos remédios, fisioterapia pode ajudar na recuperação motora. Com tratamento adequado, o prognóstico geralmente é bom, embora o controle total das crises nem sempre seja possível. As doenças neurológicas em gatos, como a epilepsia, apresentam desafios no diagnóstico e tratamento. Apesar de tratável, a epilepsia requer acompanhamento constante e terapias individualizadas. Um diagnóstico preciso e abordagens adequadas são essenciais para melhorar o prognóstico. Com os avanços na pesquisa, os tratamentos tornam-se mais eficazes e específicos, e o uso de terapias complementares contribui para o bem-estar e qualidade de vida dos felinos.

Palavras-chave: Convulsão; Epilepsia; Felinos; Prognóstico; Sistema Nervoso.

Educação Sanitária em Doenças Parasitárias como Componente da Curricularização da Extensão.

Melissa Duarte Sobrinho¹, Ana Paula Martinez de Abreu², Erica Cristina Rocha Roier², Letícia Patrão de Macedo Gomes³, Pedro Henrique Evangelista Guedes² & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A extensão universitária desempenha um papel crucial na formação acadêmica de professores e alunos, promovendo a aplicação prática do conhecimento. No contexto das doenças parasitárias em animais de companhia, essa abordagem integrativa permite que a pesquisa impulse a geração de novos saberes, que são disseminados por meio do ensino e da extensão. Cães e gatos ocupam um lugar de destaque na sociedade contemporânea, com uma parcela significativa da população global mantendo esses animais como companheiros. A indústria de animais de estimação movimenta bilhões, abrangendo gastos com alimentação, cuidados veterinários, brinquedos e outros produtos e serviços relacionados. No entanto, cães e gatos podem abrigar parasitas com potencial zoonótico, representando riscos à saúde de animais e humanos. A presença desses animais está associada à disseminação de parasitas gastrointestinais, que podem contaminar o solo, vegetais e água por meio de fezes. Estudos revelam uma alta prevalência desses parasitas em cães e gatos de rua, devido à falta de prevenção, desparasitação e exposição a presas infectadas. Muitos proprietários de animais de estimação desconhecem os riscos de parasitas zoonóticos, como toxoplasmose, leishmaniose, criptosporidiose, equinococose e toxocaríase. O *Toxoplasma gondii*, um parasita intracelular, infecta uma parcela considerável da população mundial. Embora a infecção seja frequentemente assintomática, pode causar lesões na retina e, em indivíduos com sistema imunológico comprometido ou durante a gravidez, levar a complicações graves no sistema nervoso central. Os felinos são os únicos hospedeiros definitivos do *T. gondii*, onde o parasita se reproduz e libera oocistos infecciosos no ambiente. A leishmaniose, uma doença reemergente globalmente, representa um desafio significativo para a saúde pública no Brasil. Causada por protozoários do gênero *Leishmania*, transmitidos por flebotomíneos, a doença envolve uma complexa interação entre hospedeiros vertebrados, vetores e fatores ambientais e socioeconômicos. A leishmaniose pode ser assintomática ou sintomática, dificultando o diagnóstico. A criptosporidiose, uma das principais causas de diarreia em humanos e animais de fazenda, causa morbidade e mortalidade significativas em crianças e surtos de diarreia em países industrializados. Em animais de fazenda, a criptosporidiose é uma causa primária de diarreia neonatal, resultando em mortalidade significativa em bezerros e cordeiros jovens. A equinococose, causada pelo cestódeo *Echinococcus multilocularis*, representa uma ameaça fatal. Este parasita está estreitamente ligado à predação de pequenos roedores por raposas e cães. A infecção humana ocorre através do contato com ambientes contaminados ou ovos presentes no pelo de cães, resultando na equinococose alveolar. As toxocaríases, doenças tropicais negligenciadas, apresentam uma soroprevalência significativa na população humana e alta taxa de infecção em cães e gatos globalmente. Essas doenças estão relacionadas à predação de roedores e pássaros por cães e gatos, que mantêm a transmissão de *Toxocara canis* e *Toxocara cati*. Diante desses desafios, a educação sanitária se mostra fundamental para a prevenção dessas doenças. É crucial desenvolver nos alunos de graduação em Medicina Veterinária habilidades e competências em medicina preventiva e diagnóstico clínico-laboratorial de doenças parasitárias com alto potencial zoonótico, visando saúde única.

Palavras-chaves: Curricularização da Extensão; Doenças Parasitárias; Educação sanitária; Parasitoses; Saúde pública.

Efeitos Colaterais de Anti-inflamatórios Não-Esteroidais em Felinos Geriátricos: Um Estudo Retrospectivo.

Milena de Oliveira Cruz¹, Amanda Tavares Moreto¹, Luana da Silva Costa¹, Júlia Soares Dinelli Maia², Eduardo Butturini de Carvalho³ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Os felinos geriátricos apresentam diversas condições clínicas que frequentemente exigem tratamento com anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs), especialmente em casos de artrite, dor crônica, e condições inflamatórias. No entanto, devido à maior vulnerabilidade dessa faixa etária, especialmente quanto à função renal, hepática e gastrointestinal, esses fármacos podem provocar efeitos colaterais significativos. Este estudo visa avaliar os efeitos adversos do uso de AINEs em felinos geriátricos, com ênfase nos impactos sobre os sistemas renal, gastrointestinal e hepático, além de analisar fatores de risco para o desenvolvimento desses efeitos. Realizou-se uma análise retrospectiva dos prontuários de felinos geriátricos (acima de 7 anos) atendidos em clínicas veterinárias entre os anos de 2018 e 2023. O critério de inclusão foi a administração de AINEs em casos como dor crônica, inflamação associada a doenças como gengivite ou otite, entre outras. Foram coletados dados sobre o tipo de AINE administrado, a duração do tratamento, os efeitos colaterais observados, os parâmetros laboratoriais antes e após o uso dos medicamentos, além da presença de doenças concomitantes como doença renal crônica (DRC) ou insuficiência hepática. A amostra consistiu de 56 felinos geriátricos, sendo 32 machos e 24 fêmeas, com idades variando entre 7 e 16 anos. Os AINEs mais comumente administrados foram meloxicam ($n=21$), firocoxib ($n=20$) e carprofeno ($n=15$). O tempo médio de uso foi de 3 meses (variando de 1 a 6 meses). Dentre os efeitos colaterais, o comprometimento renal foi observado em 22% dos felinos, nos quais apresentaram alterações nos parâmetros laboratoriais, como aumento de creatinina (16%) e ureia (12%), além disso, 7% dos felinos evoluíram para insuficiência renal aguda (IRA), sendo mais prevalente nos gatos com histórico prévio de DRC. Efeitos gastrointestinais como vômito e diarreia foram relatados em 18% dos felinos e 5% dos animais desenvolveram úlceras gástricas, diagnosticadas por endoscopia. Elevação das enzimas hepáticas (ALT e AST) foram vistas em 10% dos felinos, sugerindo hepatotoxicidade leve. Em dois casos, foi necessário interromper o tratamento devido aos níveis elevados dessas enzimas. Gatos com histórico desidratação, uso de medicamentos como corticosteroides e presença de comorbidades, como doenças cardíacas, tiveram maior risco de efeitos adversos, especialmente renais e gastrointestinais. A toxicidade renal foi a mais prevalente entre os efeitos colaterais, refletindo a sensibilidade dos rins felinos a essas substâncias, devido à diminuição da taxa de filtração glomerular e características fisiológicas da espécie. Além disso, a presença de doenças concomitantes, como DRC, aumenta o risco de complicações. Sintomas gastrointestinais, como vômito e anorexia, também são relevantes, sendo reflexo dos efeitos irritantes dos AINEs na mucosa gástrica. A toxicidade hepática, embora menos comum, foi observada em número significativo, sugerindo que o uso de AINEs deve ser monitorado em gatos com alterações hepáticas. O uso de AINEs em felinos geriátricos é eficaz no controle de condições inflamatórias, mas está associado a efeitos colaterais, especialmente nos sistemas renal e gastrointestinal. A monitoração de parâmetros laboratoriais e ajuste de doses conforme a necessidade de cada animal é fundamental. Veterinários devem ser cautelosos na administração desses medicamentos, considerando comorbidades e a necessidade de acompanhamento rigoroso.

Palavras-chave: Efeitos colaterais; Insuficiência renal; Medicamentos; Hepatotoxicidade.

Efeitos Neurológicos do Uso da *Cannabis spp.* em Cães: Uma Revisão de Literatura.

Kélen Mendes dos Santos¹, Larissa Soares Telles¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O uso do canabidiol (CBD) no tratamento da epilepsia canina vem ganhando crescente atenção nos últimos anos, principalmente impulsionado pelos resultados positivos obtidos em estudos clínicos realizados com pacientes humanos portadores de epilepsias refratárias. Apesar de a utilização medicinal da *Cannabis sativa* remontar a 2700 a.C., apenas na última década surgiram evidências científicas mais robustas que fundamentam sua aplicação clínica, tanto na medicina humana quanto, de forma emergente, na medicina veterinária. Nos Estados Unidos, as convulsões estão entre os principais motivos de busca por informações sobre o uso de CBD em cães, embora muitos veterinários ainda relutem em discutir o tema, seja por falta de conhecimento, incertezas legais ou escassez de diretrizes clínicas. A planta *Cannabis sativa* contém mais de 100 fitocannabinoides, sendo o canabidiol (CBD) e o tetrahidrocannabinol (Δ_9 -THC) os compostos mais estudados. O Δ_9 -THC, principal responsável pelos efeitos psicoativos da planta, é amplamente regulamentado ou proibido em diversos países, e sua ação no sistema nervoso central pode ser adversa em cães, inclusive pró-convulsiva. Intoxicações accidentais por Δ_9 -THC em cães são relativamente comuns e podem causar sinais clínicos graves, como ataxia, bradicardia, midriase, tremores musculares e depressão do sistema nervoso central. Em contrapartida, o CBD não possui efeitos psicoativos e apresenta propriedades farmacológicas de interesse, como ação neuroprotetora, anti-inflamatória, ansiolítica e, sobretudo, anticonvulsivante. Três principais mecanismos de ação anticonvulsivante têm sido propostos: (1) antagonismo do receptor GPR55, reduzindo a liberação de cálcio intracelular e a excitabilidade neuronal; (2) dessensibilização do canal TRPV1, implicando menor influxo de íons excitatórios; e (3) aumento das concentrações extracelulares de adenosina, um neuromodulador com efeito inibitório natural no sistema nervoso central. Outros mecanismos ainda estão sendo estudados, incluindo a modulação dos canais de sódio e potássio, mas carecem de confirmação em concentrações terapêuticas relevantes. A farmacocinética do CBD em cães revela uma biodisponibilidade oral limitada (geralmente inferior a 19%), devido à sua baixa solubilidade em água e ao extenso metabolismo hepático de primeira passagem. A absorção pode ser significativamente aumentada quando o composto é administrado junto a lipídios, especialmente em formulações oleosas. Estudos mostram que refeições ricas em gordura aumentam a absorção do CBD, sendo recomendada uma administração consistente em relação às refeições. Embora outras vias, como a retal, transdérmica, intranasal e inalatória estejam sendo exploradas, a via oral ainda apresenta o perfil mais favorável em cães. Do ponto de vista clínico, os dados disponíveis ainda são limitados. Um dos principais estudos, um ensaio clínico duplo-cego com 26 cães epilépticos, demonstrou uma redução média de 33% na frequência das crises com o uso de 2,5 mg/kg de CBD duas vezes ao dia. No entanto, poucos cães ficaram totalmente livres de crises, e a maioria respondeu de forma parcial. Isso demonstra o potencial do CBD como adjuvante no tratamento de epilepsia canina, mas também evidencia a necessidade de estudos adicionais para definição de posologia, segurança a longo prazo, interações medicamentosas e padronização das formulações.

Palavras-chaves: Anticonvulsivante; Cães; Canabidiol; Epilepsia; Farmacocinética.

Estudo Literário Sobre Síndrome de Realimentação em Âmbito Hospitalar em Pacientes Caninos Internados.

Érika de Moura Ramos de Oliveira¹, Anna Clara do Nascimento Fernandes Gomes¹, Renata Garcia Rentes dos Santos¹, Maria Eduarda de Almeida Soares¹ Kélen Mendes dos Santos¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A nutrição adequada é um componente essencial no tratamento de cães hospitalizados, especialmente em quadros clínicos graves, nos quais o risco de desnutrição é elevado. A falta de atenção ao estado nutricional pode comprometer diretamente a resposta imunológica, a cicatrização e o tempo de recuperação. Nesse contexto, destaca-se a síndrome de realimentação (SR), uma condição metabólica potencialmente fatal, desencadeada pela reintrodução abrupta de nutrientes após um período de restrição alimentar ou jejum prolongado. A síndrome é caracterizada por alterações eletrolíticas importantes, como hipofosfatemia, hipopotassemia e hipomagnesemia, além de alterações na glicemia e na hidratação. Essas alterações são consequência do aumento súbito da insulina, que promove a captação intracelular de glicose e eletrólitos. Embora amplamente estudada em humanos, a SR também pode afetar cães, principalmente aqueles internados com quadros de anorexia, doenças debilitantes, caquexia ou jejum superior a cinco dias. A falta de protocolos padronizados na medicina veterinária dificulta a identificação precoce e o manejo correto desses casos. A literatura recente destaca a importância da avaliação nutricional precoce nos pacientes internados, incluindo o escore de condição corporal (ECC), a avaliação da massa muscular e exames laboratoriais básicos. Quando a realimentação é necessária, recomenda-se iniciar com aproximadamente 25% das necessidades calóricas estimadas, aumentando progressivamente ao longo de 3 a 5 dias. Deve-se monitorar de forma contínua os níveis séricos de fósforo, potássio, magnésio e glicose, além de sinais clínicos como fraqueza, arritmias, dispneia ou convulsões. A suplementação preventiva de tiamina e eletrólitos pode ser indicada em pacientes com alto risco. Embora a nutrição enteral seja preferível por manter a função gastrointestinal, nem sempre é bem tolerada por pacientes com distúrbios digestivos ou obstruções. Nesses casos, a nutrição parenteral pode ser uma alternativa, embora ainda represente um desafio em clínicas veterinárias devido ao seu custo e à necessidade de monitoramento intensivo. Estudos retrospectivos sugerem que muitos casos de SR em cães permanecem subdiagnosticados, levando a complicações evitáveis. Portanto, há uma necessidade crescente de conscientização entre os profissionais veterinários sobre essa síndrome e a adoção de estratégias preventivas baseadas em evidências científicas. A abordagem deve ser multimodal, envolvendo clínicos, nutrólogos veterinários e equipe de enfermagem para garantir um manejo nutricional seguro e eficaz. Conclui-se que a síndrome de realimentação, embora ainda pouco abordada na medicina veterinária, representa um risco real e prevenível em cães internados. O reconhecimento precoce, a reintrodução alimentar gradual e o monitoramento laboratorial são pilares fundamentais para evitar complicações e promover a recuperação adequada desses pacientes. Este estudo literário contribui para a ampliação do conhecimento sobre o tema e reforça a importância do suporte nutricional individualizado na rotina hospitalar veterinária.

Palavras-chave: Desnutrição; Hipofosfatemia; Avaliação Metabólica; Terapia Nutricional.

Estudo Retrospectivo da Incidência de Hipertrofia Concêntrica do Coração em Cães com Hipertensão Arterial Sistêmica Secundária a Doenças Endócrinas.

Helena Costa da Silva¹, João Felippe Halfeld Carraca¹, Mariana Cortes Alves¹, Kamila de Andrade Firmino¹, Mariana Quintanilha Eller Viana¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A hipertrofia concêntrica do coração em cães pode ser uma consequência de hipertensão arterial sistêmica (HAS), muitas vezes secundária a doenças endócrinas como hiperadrenocorticismo (síndrome de Cushing), hiperaldosteronismo e hipertireoidismo. Este estudo tem como objetivo analisar a incidência de hipertrofia concêntrica em cães com HAS resultante de doenças endócrinas e avaliar a relação entre a gravidade da hipertrofia e os níveis de pressão arterial, além de identificar valores preditivos para essas associações. Foi realizado um estudo retrospectivo analisando registros médicos de cães atendidos em um serviço especializado em cardiologia e doenças respiratórias entre janeiro de 2018 e dezembro de 2023. Foram incluídos cães diagnosticados com HAS secundária a doenças endócrinas, confirmadas por exames laboratoriais e clínicos, que possuíam dados ecocardiográficos completos. Hipertrofia concêntrica foi definida pelo aumento da espessura da parede do ventrículo esquerdo (> 7 mm) sem dilatação concomitante da câmara ventricular. Os dados foram analisados usando estatísticas descritivas, testes de correlação e predição. O estudo incluiu 120 cães com HAS secundária a doenças endócrinas, com uma distribuição variada por raça, idade e sexo. Entre os principais resultados, 70 cães (58,3%) apresentaram hipertrofia concêntrica do ventrículo esquerdo. As doenças endócrinas mais comuns foram hiperadrenocorticismo (50%), hiperaldosteronismo (30%) e hipertireoidismo (20%). A média da pressão arterial sistólica foi de 185 ± 20 mmHg em cães com hipertrofia, comparada a 170 ± 15 mmHg em cães sem hipertrofia ($p < 0,05$). Além disso, cães com hipertrofia tinham uma espessura média da parede ventricular de $8,8 \pm 1,2$ mm, enquanto cães sem hipertrofia apresentavam uma espessura média de $6,7 \pm 0,8$ mm ($p < 0,01$). A análise de regressão mostrou uma correlação positiva significativa entre a pressão arterial sistólica e a espessura da parede ventricular ($r = 0,68$, $p < 0,001$). A análise preditiva indicou que a presença de hiperadrenocorticismo aumenta a probabilidade de hipertrofia concêntrica em 1,8 vezes (IC 95%, 1,2-2,5). Os resultados indicam que a HAS secundária a doenças endócrinas está fortemente associada à hipertrofia concêntrica do coração em cães. A significativa correlação entre os níveis de pressão arterial e a espessura da parede ventricular ressalta a importância do controle rigoroso da pressão arterial em cães com condições endócrinas. Intervenções precoces e monitoramento regular são essenciais para minimizar os efeitos adversos da HAS secundária. A hipertrofia concêntrica do coração é comum em cães com HAS endócrina, com alta incidência em cães com pressão arterial sistólica elevada. Portanto, estratégias de prevenção e tratamento focadas no controle das condições endócrinas e da pressão arterial são cruciais para reduzir a morbilidade associada a essa condição.

Palavras-chave: Hipertrofia Concêntrica; Hipertensão Arterial Sistêmica; Doenças Endócrinas; Cães; Ecocardiograma; Cardiologia Veterinária.

Estudo Retrospectivo das Principais Complicações Pós-Operatórias em Castrações de Machos Caninos Atendidos em Clínica Particular do Rio de Janeiro.

Jade Moura Sá¹, Adrielli Reis de Almeida¹, Augusto Ramos Saar¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Giulia Rodrigues Rubim Kesseler¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A orquiectomia é uma cirurgia rotineira em cães, amplamente utilizada para controle populacional, modificação comportamental e prevenção de doenças hormonodependentes. Este estudo retrospectivo, descritivo e quantitativo analisou complicações pós-operatórias em cães machos submetidos a orquiectomia eletiva, no Rio de Janeiro. Foram excluídos da pesquisa os cães que passaram por orquiectomia em situações de emergências, como torção testicular ou traumas severos, além dos pacientes com doenças sistêmicas ativas no momento da cirurgia sem controle clínico adequado. A análise abrangeu o período de janeiro de 2018 a dezembro de 2023, totalizando seis anos consecutivos de atendimento clínico-cirúrgico. O estudo incluiu cães machos submetidos à castração eletiva, desde que seus prontuários apresentassem registros completos, contendo informações sobre o protocolo anestésico, a técnica cirúrgica utilizada, evolução clínica pós-operatória, reavaliações e possíveis complicações. Além disso, para garantir a identificação de intercorrências, os animais precisavam ter sido acompanhados clinicamente por pelo menos 10 dias após o procedimento. Foram avaliadas variáveis como idade, raça, peso, protocolo anestésico, técnica cirúrgica, uso de antibióticos profiláticos, tipos de complicações, necessidade de reintervenção e tempo médio de recuperação. A análise estatística incluiu estatística descritiva e o teste do qui-quadrado de Pearson, com os dados organizados no Microsoft Excel® e processados no SPSS®. A média de idade dos animais foi de 2 a 7 anos, com desvio de padrão com $\pm 1,5$ ano, com predomínio de pacientes jovens e de porte pequeno a médio, variando de 4 a 34 kg. Complicações pós-operatórias foram observadas em 112 casos, sendo o edema escrotal o mais frequente, seguido de hematoma, infecção da ferida operatória, deiscência de sutura e outras complicações como hérnia incisional, celulite e dor escrotal intensa. A técnica cirúrgica aberta foi empregada em 89,5% dos casos e associou-se significativamente a maior incidência de hematomas e infecções. Cães com peso superior a 20 kg apresentaram maior predisposição ao edema escrotal. A antibioticoterapia profilática demonstrou eficácia na prevenção de infecções, com menor taxa entre os pacientes que a receberam em comparação aos que não receberam. Reintervenções cirúrgicas foram necessárias em 6 casos, sendo três por deiscência completa da ferida e três por abscesso escrotal, todos exigindo abordagem cirúrgica e antibioticoterapia específicas. As complicações pós-operatórias em orquiectomias caninas, apesar de relativamente infreqüentes, demandam atenção, principalmente quanto à técnica cirúrgica, profilaxia antimicrobiana e cuidados pós-operatórios. Este estudo reforça a necessidade de padronização dos protocolos cirúrgicos, capacitação das equipes e educação do tutor quanto à recuperação do animal.

Palavras-chave: Castração canina; Complicações cirúrgicas; Orquiectomia; Infecção pós-operatória; Medicina veterinária preventiva.

Estudo Retrospectivo de Ressecção Parcial de Laringe em Cães Braquicefálicos com Paralisia Laríngea Grave.

Adrielli Reis de Almeida¹, Jade Moura de Sá¹, Giulia Rodrigues Rubim Kesseler¹, Guilherme Alexandre Soares Monteiro², Ana Carolina de Souza Campos³ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A paralisia laríngea ocorre devido ao comprometimento dos músculos responsáveis pela abdução das cartilagens aritenoides, causando obstrução respiratória. Em cães braquicefálicos, o quadro é agravado por alterações anatômicas. Quando os sinais clínicos se tornam graves e o tratamento clínico não é eficaz, a abordagem cirúrgica é indicada. Foi realizado um levantamento de prontuários de cães braquicefálicos atendidos entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024 em dois centros cirúrgicos veterinários da região sudeste do Brasil. O estudo avaliou cães braquicefálicos com paralisia laríngea grave submetidos à ressecção parcial de aritenoide, considerando critérios como raça, sexo, idade e peso; sinais clínicos; confirmação diagnóstica por laringoscopia; técnica cirúrgica e traqueostomia temporária; complicações pós-operatórias e evolução clínica aos 30 e 90 dias. O caso 1 refere-se a um Bulldog Francês macho de 5 anos com paralisia laríngea, apresentando estridor, cianose e síncope. Após a cirurgia, evoluiu bem, sem complicações, com melhora respiratória significativa e condição estável aos 30 e 90 dias. O caso 2 descreve uma pug fêmea de 7 anos com paralisia laríngea avançada, apresentando dispneia grave e intolerância ao exercício. Após a cirurgia, desenvolveu edema laríngeo, o que levou ao óbito imediato, apesar do monitoramento intensivo. O caso 3 envolve um Shih Tzu macho de 8 anos com ronco intenso e esforço respiratório. Após a cirurgia, desenvolveu tosse esporádica, mas sem complicações graves. A recuperação foi positiva, com melhora nos sinais respiratórios e qualidade de vida, sem sinais de dificuldades respiratórias aos 30 e 90 dias. O caso 4 descreve uma bulldog de 6 anos que apresentava apneia noturna e colapso durante o esforço. Após a cirurgia, a paciente experimentou uma fase de disfagia transitória, que foi resolvida com suporte alimentar adequado e cuidados pós-operatórios. Aos 30 e 90 dias, não houveram complicações adicionais. O caso 5 descreve um Boston Terrier macho de 9 anos com dispneia crônica e sialorreia. Após a ressecção parcial de laringe, teve uma recuperação positiva, sem complicações pós-operatórias. A ressecção parcial da cartilagem aritenoide foi eficaz em todos os casos, aliviando as obstruções respiratórias. A sedação com propofol e isofluorano foi bem tolerada, e a traqueostomia temporária foi essencial para a oxigenação inicial. O uso de antibióticos e anti-inflamatórios ajudou a prevenir infecções e controlar a inflamação. O acompanhamento pós-operatório foi rigoroso, especialmente para casos com risco de complicações como edema laríngeo. A resposta ao tratamento foi positiva, sugerindo que a cirurgia é eficaz, desde que o monitoramento e o suporte sejam adequados. A ressecção parcial de aritenoide foi eficaz em 80% dos casos, com complicações como edema laríngeo e disfagia transitória tratáveis com suporte intensivo. O óbito no caso 2 ressaltou a importância do monitoramento intensivo nas primeiras 48 horas, devido ao risco de edema laríngeo fatal. A traqueostomia temporária foi crucial para a oxigenação pós-operatória. A cirurgia melhora significativamente a qualidade de vida, especialmente quando associada ao controle de obesidade e correção de anomalias anatômicas. Apesar dos riscos, a ressecção é uma abordagem eficaz e o pós-operatório rigoroso se mostrou essencial.

Palavras-chave: Braquicefálicos; Cirurgia laríngea; Dispneia; Paralisia laríngea; Ressecção laríngea.

Estudo Retrospectivo sobre as Principais Alterações Oncológicas em Pacientes Caninos Encaminhados para Pré-Operatório.

Tamires dos Reis Lopes¹, Alice Vargas Peralta¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Jeniffer da Costa Genuíno¹, Maria Clara de Souza Freitas¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O câncer em cães, especialmente em animais idosos, apresenta uma gama variada de apresentações clínicas e prognósticos. A detecção precoce e o manejo adequado das neoplasias podem melhorar significativamente os resultados pós-operatórios. Este estudo retrospectivo visa analisar as principais alterações oncológicas observadas em cães encaminhados para o pré-operatório, com foco nos tipos de tumores mais comuns, sinais clínicos e complicações associadas. Este estudo teve os seguintes objetivos: identificar os tipos de neoplasias mais prevalentes em cães encaminhados para o pré-operatório; analisar as alterações clínicas associadas a essas neoplasias; verificar as complicações pré-operatórias observadas; e discutir a abordagem diagnóstica e terapêutica adotada. A pesquisa foi realizada em uma clínica veterinária especializada em oncologia, com dados de cães encaminhados para o pré-operatório entre janeiro de 2018 e dezembro de 2023. Foram incluídos cães com neoplasias malignas ou benignas, que precisavam de cirurgia. Casos em estágios avançados ou com contraindicação para cirurgia devido a comorbidades graves foram excluídos. Foram considerados critérios de inclusão: diagnóstico confirmado por histopatologia ou exames de imagem (radiografia, ultrassonografia, tomografia computadorizada); encaminhamento para cirurgia com intenção curativa ou paliativa; e disponibilidade de dados clínicos e exames pré-operatórios. Foram excluídos cães com neoplasias em estágio terminal ou contraindicações absolutas para cirurgia. Foram coletados dados clínicos como raça, idade, sexo, tipo de tumor, estágio da doença, exames realizados, sinais clínicos e complicações pré-operatórias observadas. A análise histopatológica e de imagem foi utilizada para classificar o tipo de tumor e avaliar o envolvimento de estruturas adjacentes. A amostra foi composta por 50 cães encaminhados para o pré-operatório, distribuídos conforme o tipo de tumor: 36% tumores mamários (principalmente adenocarcinomas), 24% linfomas, 16% tumores de pele (como sarcomas de tecidos moles), 12% osteossarcomas, 8% neoplasias abdominais (como adenocarcinomas gástricos e hemangiossarcomas esplênicos) e 4% outros tipos, como mastocitomas. Os sinais clínicos mais comuns incluíram perda de peso (60% dos casos), dor localizada (20%), linfadenopatia (30%) e distúrbios respiratórios (10%). Os exames diagnósticos mais utilizados foram radiografia de tórax (80%), ultrassonografia abdominal (40%) e biópsia aspirativa por agulha fina (50%). Entre as complicações pré-operatórias, 15% dos cães apresentaram anemia, 10% infecções secundárias e 12% desidratação, necessitando de fluidoterapia. Os tumores mamários foram os mais prevalentes, especialmente em fêmeas não castradas, ressaltando a importância da castração precoce. O linfoma, com sua apresentação clínica variada, apresentou linfadenopatia generalizada como sintoma predominante. O uso de exames de imagem foi fundamental para o estadiamento e planejamento cirúrgico adequado. As complicações como anemia e infecções secundárias destacam a necessidade de uma avaliação pré-operatória rigorosa e de uma abordagem cuidadosa para otimizar o estado clínico do paciente antes da cirurgia. O manejo de fluidos e a correção de distúrbios metabólicos devem ser prioridades. Este estudo confirma que os tipos de neoplasias mais comuns em cães encaminhados para o pré-operatório incluem tumores mamários, linfomas e osteossarcomas. A avaliação clínica detalhada, associada ao uso de exames complementares, é essencial para o diagnóstico e planejamento cirúrgico. O controle das complicações pré-operatórias é crucial para o sucesso da cirurgia e a recuperação pós-operatória dos pacientes.

Palavras-chaves: Cães, Complicações Clínicas, Linfoma, Neoplasias, Osteossarcoma, Pré-Operatório, Tumores Mamários.

Estudo Retrospectivo sobre Neoplasias Primárias do Coração em Cães e Gatos.

Juliana de Amorim Penha da Silva¹, Ana Julia Crivas da Cunha Manso¹, Ana Julia de Carvalho Pires¹, Nathália de Oliveira Silva Santos¹, Fabiana Bernardes Almeida Santos² & Mário do Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As neoplasias primárias do coração são incomuns em cães e gatos, frequentemente diagnosticadas tarde devido a sinais clínicos inespecíficos que se sobrepõem a outras doenças cardíacas. Em cães, hemangiossarcomas e quimiodectomas são os tumores primários mais comuns, enquanto em gatos, o linfoma cardíaco é frequentemente observado. Este estudo retrospectivo analisou prontuários de 47 animais sendo, 39 cães e 8 gatos diagnosticados com neoplasias cardíacas primárias entre 2015 e 2023 em um hospital veterinário de referência. Os critérios de inclusão exigiram diagnóstico confirmado por ecocardiografia e/ou histopatologia e informações clínicas completas. Os dados coletados incluíram sinais clínicos (letargia, síncope, intolerância ao exercício, derrame pericárdico), exames de imagem (ecocardiografia, radiografia torácica, ultrassonografia abdominal), métodos diagnósticos (ecocardiografia, histopatologia, exames laboratoriais, biópsias), tratamentos (pericardiectomia, quimioterapia, cuidados paliativos) e tempo de sobrevida. A análise estatística descritiva e comparativa (qui-quadrado e ANOVA) foi realizada com um nível de significância de 5%. Nos cães, o hemangiossarcoma foi o tumor mais prevalente (51,3%), seguido por quimiodectoma (28,2%) e mesotelioma pericárdico (12,8%). Nos gatos, o linfoma cardíaco foi o mais comum (62,5%), seguido pelo rabdomioma (25%). Os sinais clínicos mais frequentes foram letargia (76,5%), síncope (42,3%) e derrame pericárdico com tamponamento cardíaco (34,8%). A ecocardiografia identificou massas cardíacas em 91,4% dos casos, e a histopatologia confirmou o diagnóstico em 78,7%. A sobrevida média em cães com hemangiossarcoma foi de 58 dias, com prognóstico reservado. Cães com quimiodectoma tratados com pericardiectomia apresentaram uma sobrevida média de 289 dias, indicando um prognóstico mais favorável para este tratamento. Gatos com linfoma cardíaco tiveram uma sobrevida mediana de 72 dias com quimioterapia, com resultados variáveis. Os resultados confirmam a prevalência de hemangiossarcoma em cães e linfoma em gatos. A detecção precoce permanece desafiadora devido à natureza inespecífica dos sinais clínicos. A ecocardiografia é crucial para o diagnóstico inicial, mas a histopatologia é essencial para a confirmação. A pericardiectomia demonstrou ser eficaz em cães com quimiodectomas, enquanto a quimioterapia em gatos com linfoma apresentou resultados limitados. Estudos futuros são necessários para desenvolver tratamentos mais eficazes e identificar fatores prognósticos para melhorar a sobrevida e a qualidade de vida desses pacientes. Neoplasias cardíacas primárias devem ser consideradas em animais com sinais de insuficiência cardíaca, síncope e derrame pericárdico, com a ecocardiografia sendo uma ferramenta diagnóstica fundamental, complementada pela confirmação histopatológica.

Palavras-chaves: Diagnóstico veterinário; Linfoma felino; Neoplasias cardíacas; Prognóstico tumoral; Tratamento quimioterápico.

Folder Informativo Sobre Segurança e Boas Práticas para Infusões Venosas Contínuas na Veterinária.

Isabella Danon Martins¹, Marya Eduarda de Souza Silva¹, Larissa Magalhães de Castro¹, Rafaela Pradel de Carvalho², Guilherme Alexandre Soares Monteiro³ & Eduardo Butturini de Carvalho³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As infusões contínuas ganharam espaço na clínica, anestesia e intensivismo veterinário, com o objetivo de explorar as propriedades farmacocinéticas dos fármacos. Contudo, é essencial que boas práticas sejam realizadas evitando complicações como contaminações, incompatibilidades químicas e erros nas taxas de infusão. Este trabalho descreve a criação de um *folder* informativo sobre segurança e boas práticas nas infusões contínuas direcionado a médicos veterinários que usem a técnica. É importante que o veterinário responsável pela infusão seja capacitado nas boas práticas, evitando sobredose, subdose, contaminações e infecções, incompatibilidade química de fármacos e fluidos, erros na programação das bombas de infusão e outros problemas que podem causar complicações para o paciente. A segurança nos procedimentos vai além do uso dos aparelhos e conhecimento da técnica em si, é importante também que existam procedimentos padrões evitando os erros supracitados. É importante que estes profissionais saibam não somente sobre farmacodinâmica e farmacocinética, mas também sobre a técnica da infusão e as habilidades relacionadas a esse procedimento, como operação das bombas de infusão, dos equipos e de seringas, compatibilidade físico-química de substâncias e a prevenção da contaminação dos dispositivos de infusão. Desta forma, o *folder* produzido tem como objetivo resumir em forma de instruções e infográficos recomendações da literatura médica acerca das infusões contínuas, visando facilitar o acesso à informação e estimular o profissional a aderir às boas práticas, evidenciando seus benefícios e os riscos em não segui-las.

Palavras-chaves: Infusões contínuas, Infusões venosas, Segurança, Boas práticas, Analgesia.

Hiperlipidemia Idiopática em Schnauzer Miniatura e Resposta ao Tratamento Dietético: Relato de Caso.

Ana Julia Crivas da Cunha Manso¹, Ana Julia de Carvalho Pires¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Nathalia de Oliveira Silva Santos¹, Raphaely Andrade Camargo¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A hiperlipidemia idiopática é uma desordem metabólica comum em cães da raça Schnauzer Miniatura, caracterizada pelo aumento dos níveis séricos de triglicerídeos e/ou colesterol, sem causa secundária aparente. A condição pode levar a pancreatite, xantomatose cutânea e distúrbios neurológicos. O manejo nutricional é essencial no controle da hiperlipidemia, sendo a restrição lipídica e a suplementação com ácidos graxos ômega-3 estratégias fundamentais. Este relato descreve um caso de hiperlipidemia severa em um Schnauzer Miniatura, tratado com dieta de baixa gordura e suplementação com óleo de peixe. Relato de caso: Cão macho, Schnauzer Miniatura, 8 anos de idade, foi apresentado com queixas de letargia, vômito esporádico e episódios de desconforto abdominal nos últimos meses. Não havia histórico de administração de medicamentos ou doenças pré-existentes. A dieta do paciente consistia em ração comercial convencional e petiscos industrializados. No exame físico foi encontrado: Condição corporal: 6/9 (sobrepeso leve); mucosas normocoradas; abdome discretamente doloroso à palpação; opacidade discreta da córnea sugestiva de lipemia ocular. Os exames laboratoriais indicaram níveis elevados de triglicerídeos e colesterol total. A ultrassonografia abdominal não evidenciou alterações significativas, e o teste de função tireoidiana estava dentro da normalidade, descartando hipotireoidismo como causa secundária da hiperlipidemia. Com base nos achados, o diagnóstico de hiperlipidemia idiopática primária foi estabelecido. O manejo do paciente consistiu em: Mudança para uma dieta de baixa gordura (<10% de gordura metabolizável na matéria seca); Suplementação com óleo de peixe (ômega-3, EPA 50 mg/kg e DHA 30 mg/kg); Introdução de fibras solúveis (psyllium 1 g/10 kg BID) para modulação da absorção lipídica; Suspensão de petiscos e alimentos ricos em gordura. O acompanhamento laboratorial foi realizado a cada 30 dias. Após 90 dias de dieta, os níveis de triglicerídeos e colesterol atingiram valores dentro da faixa de normalidade. O cão permaneceu assintomático, sem episódios de desconforto abdominal ou vômito. O presente relato reforça a importância do manejo dietético na hiperlipidemia idiopática em Schnauzer Miniatura. A adoção de uma dieta com baixo teor de gordura, suplementação com ômega-3 e inclusão de fibras solúveis mostrou-se eficaz na redução dos níveis de triglicerídeos e colesterol, promovendo melhora clínica sem a necessidade de medicamentos. O acompanhamento regular e a adesão ao plano alimentar são essenciais para o controle da doença e prevenção de complicações, como pancreatite.

Palavras-chaves: Schnauzers Miniatura; Manejo dietético; Síndrome metabólica; Colesterol; Triglicerídeos.

Hiperplasia Prostática em Cão Não Castrado: Achados de Necropsia.

Valentina Ventura Marques Cacciola¹, Luana da Silva Costa¹, Lana Costa Queiroz¹, Melissa Quintella Santinon¹, Bernardo Paiva Sevidanes¹ & Fabio Sartori².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A necropsia é um procedimento essencial no diagnóstico post-mortem, permitindo a identificação de alterações anatômicas compatíveis com quadros clínicos observados em vida. No caso de cães machos não castrados, uma das doenças prostáticas mais comuns observadas durante a necropsia é a hiperplasia prostática benigna (HPB), afetando quase 100% deles com o avanço da idade, sendo recomendada a castração antes do cão atingir a maturidade sexual, prevenindo o agravamento da condição. A HPB é caracterizada pela hipertrofia e hiperplasia das células epiteliais e estromais da próstata, a única glândula sexual acessória dos cães. Embora sua etiologia ainda não seja totalmente compreendida, sabe-se que a dihidrotestosterona (DHT), um metabólito de testosterona formado na presença de enzimas 5a- redutase, é o principal hormônio envolvido na estimulação do crescimento prostático. A HPB, em sua fase inicial, é geralmente assintomática. No entanto, com a progressão do quadro, o aumento do volume prostático pode levar à compressão da uretra e do cólon. As consequências clínicas do aumento prostático incluem constipação, alterações na forma das fezes e disúria. A realização do diagnóstico é feita a partir da associação dos sinais clínicos e a verificação do aumento da próstata. O tratamento de eleição para cães é a orquiectomia. Em cães com interesse reprodutivo ou que apresentam limitações anestésicas, especialmente devido à idade avançada, o risco associado à cirurgia de castração pode ser elevado. Nesses casos, o tratamento conservativo torna-se uma alternativa importante. Este relato tem como objetivo descrever uma necropsia realizada no Hospital Veterinário de Vassouras, sob supervisão do professor Fábio Sartori. O animal necropsiado era um cão macho, da raça Rottweiler, não castrado, de pelagem preta. Durante a necropsia foi observado um aumento significativo da próstata, resultando em compressão da uretra e do cólon. Essa obstrução parcial da uretra compromete o esvaziamento da bexiga, causando acúmulo de urina e favorecendo sinais clínicos como disúria e constipação. A proximidade anatômica entre a bexiga, próstata e reto, que compartilham musculatura pélvica, agrava os efeitos mecânicos da compressão prostática. Além disso, foi identificado quadro de fibrose renal, possivelmente decorrente de hipóxia tecidual crônica secundária à obstrução urinária. A diminuição do fluxo urinário, associada ao aumento da pressão intratubular e à má perfusão renal, leva ao acúmulo de urina no sistema coletor, resultando em aumento da pressão intrarrenal. Esse processo causa congestão vascular renal como tentativa compensatória, favorecendo a evolução para lesões fibróticas no parênquima renal. Hemopericárdio, hemotórax, edema pulmonar e hipertrofia ventricular direita também foram achados relevantes da necropsia. A necropsia evidenciou a importância da HPB como uma condição subestimada em cães idosos não castrados. O aumento prostático pode afetar não apenas o sistema urinário, mas também causar complicações sistêmicas, como lesões renais e distúrbios cardiovasculares. Casos como este destacam a importância do exame post-mortem na identificação e compreensão da evolução de condições complexas, além de contribuir para a melhoria das abordagens diagnósticas e terapêuticas em vida. Isso reforça a necessidade de estratégias preventivas, como a castração, para minimizar complicações associadas à HPB e outras doenças prostáticas em cães.

Palavras-chave: Cães; Castração; Hiperplasia Prostática; Necropsia.

Histologia Comparada de Infecções por *Eimeria spp.* em Aves.

Maria Vitória de Oliveira Barbosa¹, Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹, Jeniffer da Costa Genuíno¹, Maria Eduarda da Silva Jordão¹, Yasmin Krepk Martins¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O comércio global de animais de estimação é um dos principais meios de introdução de aves não nativas em diferentes países, favorecendo a disseminação de doenças entre espécies. Dentre as doenças parasitárias mais comuns e severas, destaca-se a coccidiose, causada por protozoários do gênero *Eimeria*. Como exemplo da patogenicidade das coccidioses, vamos citar o periquito-de-coquetel (*Forpus xanthopterygius*), popular como animal de estimação e de alto valor comercial, podendo atuar como reservatório de diversos patógenos, incluindo parasitas internos e externos que afetam sua saúde e causam prejuízos econômicos, em especial citamos a *Eimeria aratinga*, que afeta o intestino das aves, resultando em diarreia, perda de peso e alta mortalidade, principalmente em filhotes. Em aves recém-mortas submetidas a necropsia e histopatologia, observa-se como alterações patológicas macroscópicas a presença de muco no intestino delgado e ceco, com a presença de *Eimeria spp* em análise microscópica. Sabe-se que as taxas de morbidade, mortalidade cumulativa e letalidade podem ser aproximadamente 26,6%, 20% e 75%, respectivamente. Além disso, no exame post-mortem é possível observar leve palidez do músculo peitoral, congestão hepática e congestão intestinal grave com graus variáveis de enterite hemorrágica. No exame histopatológico do intestino podemos observar descamação do tecido epitelial dos enterócitos, congestão dos vasos sanguíneos indicando ruptura seguida de hemorragia, necrose da submucosa e mucosa intestinal associada à heterófilos, perda de vilosidades somada à ruptura da mucosa intestinal, além da presença de células mononucleares infiltradas em grande número. Os oocistos esporulados desta espécie são subesféricos, com parede oocística lisa e bicamada, com esporocistos alongados até a forma oval. Além disso, os animais podem apresentar anemia e alterações inflamatórias sistêmicas associadas à infecção. Em contrapartida, a espécie nomeada *Eimeria tenella* que parasita estritamente o trato digestivo de galinhas, altamente patogênica, resulta em grandes impactos na indústria global de criação de frangos de corte. Sua transmissão ocorre pela ingestão de oocistos esporulados eliminados nas fezes de aves infectadas. Assim, oocistos liberam esporozoítos que invadem as células do epitélio cecal, iniciando seu ciclo de desenvolvimento e causando danos teciduais. Os sinais clínicos se assemelham às infecções por *E. aratinga*. A necropsia aponta lesões hemorrágicas acentuadas nos cecos, e os achados histopatológicos incluem: parede cecal espessada e inflamação hemorrágica acompanhada de necrose dos enterócitos, embotamento de vilos, além de cripta e camada mucosa repletas de fragmentos celulares. Os oocistos esporulados dessa espécie possuem parede bicamada e proteínas em sua estrutura, o que atribui resistência à danos mecânicos e químicos, de forma a tolerar mudanças de umidade e temperatura por meses. É possível observar a gravidade dessa doença parasitária através da elevada taxa de morbidade e mortalidade e seus impactos negativos na avicultura ornamental e industrial. Conclui-se a importância de se conhecer a patogenia, bem como as alterações clínico-laboratoriais relacionadas à coccidiose aviária por *Eimeria aratinga* em periquito-de-coquetel (*F. xanthopterygius*) e *Eimeria tenella* em Frangos de abate com a finalidade de expandir o conhecimento sobre estes protozoários. Além disso, a histopatologia torna-se ferramente essencial para traçar estratégias terapêuticas e de profilaxia.

Palavras-chaves: Coccidiose aviária; *Eimeria aratinga*; Lesões histopatológicas intestinais; Parasitologia aviária; Periquito-de-coquetel.

Histopatologia de Infecções Parasitárias em Aves Silvestres e de Cativeiro

Lara Portella Oliveira¹, Camila Figueira da Cruz¹, Ester Gomes da Rocha¹, Maria Clara Ventura da Silva Coelho¹, Tamires dos Reis Lopes¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Os animais silvestres são hospedeiros de uma vasta gama de parasitas, que podem atuar tanto como agentes oportunistas quanto como agentes primários de doenças. Nesse contexto, as infecções parasitárias são uma das principais causas de doenças que afetam aves, tanto silvestres quanto de cativeiro. As infecções e infestações parasitárias podem levar a morbidade e mortalidade significativas, afetando negativamente a saúde das aves. A histopatologia é uma ferramenta fundamental no diagnóstico de doenças parasitárias, uma vez que fornece informações sobre as doenças e detecta lesões características, podendo inclusive identificar o agente parasitário causador da patologia, contribuindo para um diagnóstico mais preciso. Este trabalho tem por objetivo relatar as possíveis alterações histopatológicas causadas por parasitas em aves silvestres e de cativeiro, lembrando que normalmente a histotécnica se baseia na fixação dos tecidos em formalina a 10% e processados segundo protocolo histológico padrão, com colorações mais empregadas a por hematoxilina e eosina (HE), para posterior análise em microscopia óptica para descrição das lesões inflamatórias e identificação de alterações teciduais. Lesões ocasionadas por ácaro *Kneumidocoptes* spp. por exemplo, comumente ocasionam hiperceratose ortoceratótica difusa, e a presença de ácaros intracorneanos medindo cerca de 300 µm. A hiperplasia epidérmica também pode ser observada, indicando um aumento da proliferação celular da epiderme e achados típicos de infecção *Kneumidocoptes* spp., pela presença do parasita externo afetando as aves, principalmente as mantidas em cativeiro. A carga parasitária pode ser variável, dependendo da espécie do hospedeiro e sua imunidade, do meio ambiente e da espécie do parasito, isto vale para endo e ectoparasitos, com destaque para têniias, trematódeos e nematóides. Em endoparasitos gastrointestinais, análises histopatológicas podem revelar uma ampla variedade de lesões em diferentes segmentos do trato digestivo das aves, além dos próprios agentes parasitários. Na moela, a coloração específica de Van Gieson pode revelar fibrose ao redor dos granulomas. Além disso, já foi descrito o parasitismo em jejuno entre as vilosidades e no ceco sobre a mucosa, causando uma leve resposta inflamatória. Por fim, no duodeno, também podem ser observadas têniias aderidas ao epitélio das vilosidades por ventosas e pequenos ganchos. Tanto os achados histológicos das aves silvestres e de cativeiro, fornecem informações valiosas sobre as manifestações das doenças nas aves. Em conclusão, os estudos histopatológicos como ferramenta de diagnóstico laboratorial e diferencial, evidenciam a diversidade de condições patológicas observadas em aves, focando na gravidade das condições em aves de cativeiro, até a presença de lesões estruturais no trato digestivo. Destacando sua importância no monitoramento e controle de doenças em populações aviárias.

Palavras-chaves: Infecções parasitárias; Aves silvestres; Histopatologia; Lesões histológicas; Doenças aviárias

Histopatologia de Infecções por Helmintos Respiratórios em Suínos.

Nayara Bastiani Maciel¹, Maria Elisia Pereira Rangel¹, Luan Carlos Orem Corrêa¹, Silvia Cristina de Souza Vicente¹, Fernanda de Souza Pena da Silva¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As infecções por helmintos respiratórios em suínos, com destaque para o gênero *Metastrongylus*, são importantes causas de alterações pulmonares, especialmente em criações extensivas com acesso ao solo. Este artigo tem como objetivo revisar os principais helmintos respiratórios que acometem suínos e descrever de forma detalhada os achados histopatológicos associados, com base em diferentes estudos e análises histológicas. Foram avaliadas fontes que incluíram necropsias de suínos e javalis, uso de coloração hematoxilina e eosina, além de métodos parasitológicos e microbiológicos. Os helmintos do gênero *Metastrongylus*, especialmente *M. apri*, *M. pudendotectus* e *M. salmi*, foram encontrados com frequência nos brônquios e bronquíolos, provocando inflamação crônica e formação de nódulos pulmonares irregulares de coloração acinzentada e consistência firme, localizados principalmente nos lobos anteriores dos pulmões. Histologicamente, observou-se hiperplasia acentuada do epitélio brônquico, descamação celular, bronquiolite e alveolite associadas a infiltrado inflamatório com linfócitos, neutrófilos, eosinófilos, macrófagos e células gigantes do tipo Langhans, além de presença de ovos e vermes adultos na luz brônquica. Também foram evidenciados espessamento de septos alveolares, fibrose pulmonar, atelectasia adjacente a brônquios afetados e granulomas parasitários estruturados por células epiteliares. Alguns estudos relatam extravasamento de hemácias nos bronquíolos, proliferação linfóide e fibrose como resposta tecidual crônica. Embora as lesões variem em gravidade conforme a carga parasitária, em muitos casos a metastrongilose é subclínica e de difícil detecção nas inspeções rotineiras. Coinfecções com *Mycoplasma hyopneumoniae* e *Pasteurella multocida*, também observadas em granjas de terminação no Brasil, agravam os quadros respiratórios, evidenciando a complexidade das pneumopatias suínas. A presença de múltiplos agentes infecciosos potencializa a inflamação e as lesões pulmonares, sendo comum a broncopneumonia supurativa com hiperplasia de BALT em suínos coinfetados. Conclui-se que *Metastrongylus* spp. e suas lesões associadas são mais prevalentes do que se estimava, especialmente em ambientes externos, e devem ser considerados no diagnóstico diferencial de doenças respiratórias em suínos. O uso da histopatologia é fundamental para o reconhecimento e a caracterização dessas lesões, permitindo uma abordagem diagnóstica e preventiva mais eficiente na suinocultura.

Palavras-chaves: Bronquiolite; Histopatologia; *Metastrongylus*; Parasitas Pulmonares; Suínos.

Histopatologia de Infecções por *Sarcocystis neurona* em Equinos: Análise Histológica Comparada.

Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Eloisa Anastácio Vieira¹, Fernanda Cristina de liveira Lopes¹, Gustavo Vieira de Souza Barros¹, Samira Aline Silva Muniz¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo *Sarcocystis neurona* é um protozoário do filo Apicomplexa, responsável por causar a mieloencefalite protozoária equina, uma das principais doenças neurológicas em equinos nas Américas. A infecção ocorre principalmente pela ingestão de esporocistos eliminados nas fezes de gambás, que são os hospedeiros definitivos do parasita. Após a ingestão, os esporozoítos migram através da corrente sanguínea e linfática, atravessam a barreira hematoencefálica e se instalaram no sistema nervoso central, onde desencadeiam uma intensa resposta inflamatória. Do ponto de vista histológico, observa-se infiltrado inflamatório multifocal composto por linfócitos, macrófagos e células plasmáticas, além de microgliose e necrose neuronal. É comum a formação de nódulos de gliose, cavitações e perda da arquitetura normal da substância cinzenta e da substância branca da medula espinhal e do encéfalo. A lesão típica envolve necrose liquefativa e desmielinização em áreas focais, o que resulta em sinais clínicos como ataxia, fraqueza muscular e alterações de marcha. Comparando com tecidos saudáveis, nota-se a ausência completa da organização típica da substância branca mielinizada, além da ativação de astrócitos e micróglia. As lesões provocadas por *Sarcocystis neurona* são assimétricas, característica importante para o diagnóstico diferencial. Em análises de microscopia eletrônica, o parasita é visualizado dentro de células nervosas e gliais, geralmente como merozoítos alojados em vacúolos parasitóforos. A gravidade das lesões depende da intensidade da resposta imune local, sendo que em infecções crônicas pode ocorrer a formação de cicatrizes gliais que comprometem ainda mais a função neurológica. Além disso, é importante ressaltar que o parasita não forma cistos musculares no equino, como ocorre em outros hospedeiros intermediários, o que reforça a especificidade da infecção para o sistema nervoso central. Comparações histológicas entre animais infectados e saudáveis são fundamentais para diferenciar a mieloencefalite protozoária equina de outras encefalopatias, como a leucoencefalomalácia causada por toxinas de fungos ou encefalites virais. Estudos recentes indicam que a presença de抗ígenos de *Sarcocystis neurona* no tecido nervoso pode ser confirmada por técnicas de imunohistoquímica, auxiliando no diagnóstico definitivo. O conhecimento detalhado das alterações histopatológicas associadas a este protozoário é essencial para o diagnóstico preciso, acompanhamento clínico, estabelecimento do prognóstico e desenvolvimento de terapias mais eficazes para os equinos acometidos.

Palavras-chaves: *Sarcocystis neurona*; Protozoário; Histopatologia; Infecção; Equinos.

Impacto da Leishmaniose Visceral na histopatologia do Sistema Imunológico Canino.

Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Arthur Santos Monteiro¹, Helena Costa da Silva¹, Melissa Duarte Sobrinho¹, Fabio Sartori² & Ana Paula Martinez de Abreu³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A leishmaniose visceral canina é uma zoonose sistêmica provocada por *Leishmania infantum* que atinge principalmente o sistema retículo-endotelial, envolvendo baço, fígado, linfonodos e medula óssea, e manifesta-se por esplenomegalia, linfadenomegalia e alterações hematológicas graves. O diagnóstico em cães sintomáticos baseia-se na identificação de formas amastigotas por citologia de linfonodos e medula óssea, métodos de alta sensibilidade e especificidade. Este estudo objetivou correlacionar as alterações histopatológicas desses órgãos com o perfil de resposta imune do hospedeiro e suas implicações patogênicas. Foram selecionados artigos disponíveis nas bases de dados PubMed, SciELO e Web of Science, abordando as alterações histológicas em órgãos linfoides de cães acometidos por *L. infantum*. Nos linfonodos e no baço, observa-se infiltração difusa de macrófagos com formas amastigotas de *L. infantum* em seu citoplasma, identificadas pela coloração de hematoxilina-eosina. A microarquitetura esplênica sofre desorganização da polpa branca, caracterizada por hiperplasia de plasmócitos, aumento de fibras colágenas na cápsula e fragmentação dos folículos linfoides, alterações que se correlacionam com a carga parasitária e podem comprometer a função imunológica do órgão. As zonas marginais desaparecem e as fronteiras entre polpa branca e polpa vermelha tornam-se imprecisas, comprometendo a filtragem de抗ígenos e a apresentação aos linfócitos. A fibrose pode criar barreiras físicas ao tráfego celular, agravando a imunossupressão local. Observa-se dilatação e congestão de seios esplênicos, acompanhadas de microhemorragias perifoliculares, indicando distúrbios hemodinâmicos crônicos. Granulomas compostos por macrófagos parasitados, cercados por linfócitos e plasmócitos, formam-se na polpa vermelha e, em estágios avançados, fundem-se em nódulos maiores, refletindo tentativa de isolamento do parasita. Nos linfonodos, há primeiro um aumento da camada cortical em resposta ao parasita, seguido por uma atrofia dos folículos causada pela apoptose dos linfócitos B. A paracortical sofre breve expansão de células dendríticas, mas logo é invadida por plasmócitos, caracterizando uma plasmocitose logo abaixo da cápsula. A continuidade da inflamação estimula fibroblastos a depositar colágeno, espessando a cápsula e os trabéculos e prejudicando tanto a drenagem linfática quanto o tráfego de células de memória. Finalmente, formam-se granulomas nos seios linfáticos, isolando focos parasitados e contribuindo para a desorganização da arquitetura visceral. A medula óssea apresenta granulomas compostos por macrófagos parasitados, displasia megacariocítica e aparente aplasia medular, com consequente impacto hematológico, incluindo anemia e leucopenia, ilustrando como o parasitismo medular contribui para a sintomatologia sistêmica. Ocorre histiocitose reativa e fibrose em áreas de inflamação crônica, associadas a aplasia medular focal e hipoplasia eritroide, resultando em pancitopenia periférica. Essas alterações histológicas estão associadas a um padrão de resposta imune mista Th1/Th2, no qual citocinas pró-inflamatórias e anti-inflamatórias sofrem modulação, favorecendo a cronicidade da infecção e a falha no controle efetivo do parasita. As manifestações histológicas em cães infectados por *Leishmania infantum*, com a infiltração de macrófagos parasitados e a desorganização da arquitetura linfoide, elucidam mecanismos de evasão e manutenção do parasita no hospedeiro, reforçando o papel dessas alterações na patogênese da leishmaniose visceral canina. Tais achados reforçam a necessidade de incorporar avaliações histopatológicas padronizadas aos protocolos diagnósticos, complementando testes sorológicos e moleculares para melhor estratificação clínica.

Palavras-chave: Granuloma; *Leishmania infantum*; Histologia; Órgãos linfoides; Zoonose.

Impactos da Fragmentação de Habitat na Saúde Fisiológica e Comportamental de Mamíferos Silvestres Neotropicais: Uma Revisão Sistêmica.

Patrick Jordão Moledo¹, Mariana Cortes Alves¹, Gabrielle Velasco de Alcântara², Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos³ & Mário dos Santos Filho⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A fragmentação de habitats naturais é uma das principais ameaças à biodiversidade, especialmente em regiões neotropicais como a Amazônia e a Mata Atlântica. Mamíferos silvestres são particularmente vulneráveis a essas alterações, sofrendo impactos que vão desde a perda de território até alterações fisiológicas e comportamentais. Diversos estudos apontam para mudanças nos níveis hormonais, como o aumento de cortisol fecal, além de modificações na dieta, nos padrões de atividade e na sociabilidade desses animais. Diante disso, esta revisão sistemática teve como objetivo identificar e sintetizar as evidências disponíveis sobre os efeitos fisiológicos e comportamentais da fragmentação de habitat em mamíferos silvestres da região neotropical. Esta revisão seguiu as diretrizes PRISMA. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, Scopus, Web of Science e SciELO, utilizando as seguintes palavras-chave e operadores booleanos: (“habitat fragmentation” AND “wild mammals” AND “stress” AND “behavior” AND “Neotropical”). Foram incluídos artigos publicados entre 2010 e 2024, em inglês, espanhol ou português, que abordassem mamíferos silvestres nativos da região neotropical e que relacionassem indicadores de estresse fisiológico (ex: cortisol, imunossupressão) ou mudanças comportamentais à fragmentação do habitat. Estudos com animais em cativeiro, revisões narrativas e relatos de caso foram excluídos. Foram encontrados 238 artigos, dos quais 42 atenderam aos critérios de inclusão após leitura dos resumos e texto completo. Os principais grupos taxonômicos abordados foram primatas (38%), carnívoros (26%) e roedores (19%). Em 76% dos estudos, houve aumento significativo nos níveis de cortisol fecal em populações fragmentadas. Em relação ao comportamento, foram relatadas mudanças nos padrões de atividade (48%), aumento de comportamentos estereotipados (21%) e redução na interação social (34%). Apenas 12% dos estudos incluíram múltiplos indicadores (fisiológicos e comportamentais). A maioria dos estudos (67%) foi realizada na Mata Atlântica brasileira. Os resultados indicam que a fragmentação do habitat exerce efeitos negativos mensuráveis tanto na fisiologia quanto no comportamento de mamíferos silvestres neotropicais. O aumento dos níveis de cortisol sugere estresse crônico, o que pode comprometer a imunidade e a reprodução. As alterações comportamentais, por sua vez, afetam a adaptação ecológica e as interações intra e interespecíficas, podendo reduzir a viabilidade populacional a longo prazo. A escassez de estudos integrando múltiplos parâmetros indica uma lacuna importante na literatura. Além disso, a concentração geográfica dos estudos na Mata Atlântica reforça a necessidade de pesquisas em outros biomas, como o Cerrado e a Caatinga. A fragmentação de habitat impacta negativamente a saúde fisiológica e o comportamento de mamíferos silvestres neotropicais, com implicações diretas para a conservação dessas espécies. Reforça-se a necessidade de ações de manejo que considerem esses impactos e de pesquisas que combinem indicadores fisiológicos e comportamentais em diferentes regiões e grupos taxonômicos.

Palavras-Chave: Silvestres; Fisiologia; Comportamento; Revisão.

Impactos de Parasitas Intracelulares na Histologia no Sistema Imunológico das Aves.

Isabela Vitória de Souza Ferreira¹, Thamyres Pereira dos Santos Prates¹, Laryssa Nunes Cardoso de Oliveira¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Doenças infecciosas causadas por protozoários Apicocomplexa, como *Toxoplasma gondii* e *Eimeria tenella*, apresentam alguns desafios importantes de higiene em aves. Essas infecções podem afetar algumas respostas imunes em aves, também pode ser observada sérias alterações histopatológicas em relação à co-infecção desses parasitas, podendo ser levantada questões sobre os efeitos combinados no sistema imunológico e tecido do hospedeiro. Cientistas investigaram os efeitos da co-infecção por *T. gondii* e *E. tenella* em macrófagos, como o monitoramento de sangue. Sendo utilizado o teste de microscopia confocal, observou-se uma redução na atividade de macrófagos durante a co-infecção, entre 12 e 2 horas após a infecção. A análise de PCR mostrou que ambos os parasitas mostraram uma redução nos números intracelulares, mas *T. gondii* mostrou um crescimento significativo logo após 2 horas. Ao mesmo tempo, houve mudanças histopatológicas que são características da doença aviária, e *Eimeria* spp., como *E. tenella* causando extensas lesões hemorrágicas no intestino como, necroses e infiltrações inflamatórias graves. Essas lesões histológicas são essenciais para o diagnóstico e compreensão de infecções parasitárias clinicamente graves nas aves. Foi demonstrado que a infecção de *T. gondii* e *E. Tenella* não afeta apenas a função imunológica dos macrófagos, mas também ajuda a reduzir sua capacidade fagocítica, também faz alterações histopatológicas graves no trato gastrointestinal dessas aves. Esses efeitos sinérgicos aumentam a gravidade das doenças infecciosas, aumentando a taxa de mortalidade das populações de aves e também aumentando os diagnósticos precoces e estratégias de gerenciamento para minimizar os impactos higiênicos e econômicos nas aves.

Palavras-chaves: Co-infecção; *Eimeria tenella*; Fitopatologia; Macrófagos aviários; Parasitismo aviário; *Toxoplasma gondii*.

Implicações Clínicas da Resistência Antimicrobiana em Infecções Urinárias Recorrentes em Pequenos Animais.

Ana Lívia Pereira Oliveira¹, Maria Clara de Souza Freitas¹, Bruna Pereira Gonçalves², Ana Paula Martinez de Abreu³, Mário Tatsuo Makita⁴ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As infecções do trato urinário (ITU) são uma causa frequente de atendimento clínico em cães e gatos, com maior prevalência em fêmeas caninas. A resistência antimicrobiana emergente entre os agentes uropatogênicos agrava o manejo clínico, podendo comprometer a eficácia dos tratamentos convencionais e contribuir para o aumento da morbidade. Este trabalho tem como objetivo analisar as implicações clínicas da resistência antimicrobiana em infecções urinárias recorrentes em cães e gatos, com ênfase nos padrões de resistência bacteriana, tempo de resposta terapêutica e impacto na escolha de antimicrobianos. Trata-se de um estudo retrospectivo baseado na análise de 72 prontuários de cães e gatos com diagnóstico de ITU recorrente atendidos em uma clínica-escola entre 2020 e 2024, incluindo apenas os casos com urocultura e antibiograma. Os dados avaliados incluíram: agente etiológico, padrão de resistência, tempo de resposta clínica, número de recidivas, internações associadas e antimicrobianos utilizados. Observou-se que 83% dos pacientes eram cães, com predomínio de fêmeas castradas (74%). A bactéria *Escherichia coli* foi isolada em 64% dos casos, com resistência predominante à amoxicilina-clavulanato (52%), enrofloxacina (37%) e sulfametoazol-trimetoprima (29%). Cerca de 44% dos casos isolados apresentaram perfil de multidroga-resistência (MDR), com resistência a três ou mais classes de antimicrobianos. Os pacientes com MDR apresentaram, em média, 3,1 episódios de ITU por ano, em comparação com 1,8 nos demais ($p = 0,003$). O tempo médio para resolução clínica foi de 15 dias em casos com resistência e 7 dias nos sensíveis ($p < 0,01$). Internações por pielonefrite ou urosepsse ocorreram em 19% dos casos, sendo 88% desses relacionados a isolados multirresistentes. Antimicrobianos de uso restrito, como amicacina e marbofloxacina, foram utilizados em 21% dos casos, gerando custos elevados e maior risco de toxicidade. Estes dados reforçam o impacto negativo da resistência antimicrobiana nas ITUs recorrentes em pequenos animais, tanto em termos clínicos quanto econômicos. A prevalência de cepas multirresistentes, especialmente *E. coli*, confirma a tendência global observada na medicina veterinária e humana. A prescrição empírica de antimicrobianos, comum na prática clínica, favorece a seleção de cepas resistentes, tornando essencial a realização de cultura e o antibiograma como prática rotineira da investigação de ITU, especialmente em casos recorrentes, possibilitando a escolha racional do antimicrobiano e contribuindo para a redução da resistência. Estratégias como a reavaliação do uso de antibióticos, educação dos tutores, revisão de protocolos terapêuticos e vigilância microbiológica contínua são indispensáveis para o enfrentamento desse problema. A resistência antimicrobiana em infecções urinárias recorrentes compromete diretamente o sucesso terapêutico, prolonga o tempo de tratamento, aumenta os custos e riscos clínicos e limita as opções terapêuticas. A adoção de medidas de controle e prevenção é fundamental para preservar a eficácia de antimicrobianos disponíveis.

Palavras-chaves: Infecção urinária; Resistência bacteriana; Antibiograma; Pequenos animais; Urocultura.

Incidência do *Anisakis spp.* na Indústria Pesqueira no Brasil.

Bruna Marinho de Sousa Santos¹, Bruna Ribeiro Luiz Braga¹, Mariana Caetano Marques¹ & Mayara Ornelas Pereira².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo No Brasil, a piscicultura cresce cada vez mais e além desta, a pesca extrativista ainda é comum em diversas regiões do país, sendo a principal fonte de renda de milhares de famílias. Com o crescente consumo de pescado, deve atentar-se quanto à ocorrência de Doenças Transmitidas por Alimentos (DTAs), onde possuem uma alta prevalência no Brasil, principalmente entre a população de baixo nível socioeconômico, porém outros fatores podem contribuir para o surgimento desses surtos, tal como refrigeração inadequada, armazenamento incorreto ou falta de higiene na manipulação do pescado. O pescado fresco é vulnerável e exposto a uma série de perigos, como o parasita *Anisakis spp.*, que conferem riscos de infecção em humanos ao serem ingeridos cru ou mal cozido. O estudo é relevante para a Medicina Veterinária devido ao impacto na saúde de animais aquáticos e dos consumidores. Portanto, o intuito desta revisão é abordar sobre o *Anisakis spp.* e os efeitos da anisaquíase na indústria pesqueira. O *Anisakis spp.* é um nematódeo, cujo os parasitas adultos alojam-se no intestino do hospedeiro definitivo, como focas. Essas liberarão os ovos e microcrustáceos formarão as larvas até o terceiro estágio. Após a ingestão dos microcrustáceos contaminados, as larvas migram para os órgãos e musculatura dos peixes, onde se desenvolvem. Ao ser consumido, as larvas presentes nos peixes podem infectar os seres humanos. Os sinais clínicos da anisaquíase dependem do local de fixação da larva, podendo causar formigamento na garganta, vômitos, diarreia e dores abdominais agudas ou reação anafilática. Deve-se realizar a inspeção correta dos peixes para que produtos infectados não cheguem ao consumidor. Porém, os procedimentos que visam inspecionar „parasitas visíveis“ podem ignorar a presença de “parasitas não visíveis”. Para isso, recomenda-se às mesas chamadas de *candling table* que possuem fortes feixes de luzes permitindo a visualização das larvas nos filés, porém dependerá da espessura e da cor do filé. Além disso, algumas técnicas que podem ser utilizadas para que ocorra a inviabilização do parasita são: o congelamento a -20°C ou -35°C. No cozimento, é ideal que a carne atinja uma temperatura acima de 70°C. Com isso, conclui-se que com o aumento do consumo de pescados, é preciso uma maior atenção de órgãos fiscalizadores e de inspeção. O Brasil conta com uma carência epidemiológica devido a falta de diagnósticos, sendo imprescindível que mais estudos epidemiológicos sejam realizados para mostrar a distribuição e prevalência da anisaquíase no Brasil. Recomenda-se que os médicos estejam atentos ao diagnosticar e tratar os casos corretamente, além de notificar a vigilância sanitária em áreas endêmicas, devendo conscientizar a população a consumir somente peixes fiscalizados. Por fim, Médicos Veterinários desempenham um papel fundamental na fiscalização e inspeção do pescado, auxiliando na diminuição e prevenção dos riscos de transmissão do parasita para os seres humanos.

Palavras-chaves: *Anisakis spp.*; Consumo; Pescado; Saúde pública; Zoonose.

Infecção por *Neospora caninum* em Bovinos e Cães: Revisão de Literatura.

Melissa Duarte Sobrinho¹, Arthur Santos Monteiro¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo *Neospora caninum* é um protozoário parasita com ciclo de vida heteróxeno. Os bovinos e outros ruminantes são os hospedeiros intermediários mais comuns, com apresentações clínicas primária de infertilidade, aborto e mortalidade neonatal. O *Neospora* é um protozoário cosmopolita, com prevalência variável dependendo da região, do sistema de criação e práticas sanitárias. Países com maior produção bovina como Brasil, Estados Unidos, Argentina e alguns países da Europa, têm alta frequência da infecção. Sua prevalência em bovinos no Brasil variou de 9,17% a 64,3% nos últimos 5 anos, e em cães teve uma variação de 2,9% a 15,4%. Em cães os sintomas de *Neospora* incluem dificuldade para andar, paralisia progressiva especialmente nos membros posteriores, fraqueza muscular, rigidez e, em casos graves, comprometimento neurológico severo. Filhotes infectados congenitamente costumam apresentar sintomas logo após o nascimento, enquanto cães adultos podem ser assintomáticos. Em bovinos, a principal manifestação é o aborto, geralmente no segundo trimestre da gestação. A infecção em cães ocorre principalmente por ingestão de oocistos esporulados, que são liberados nas fezes de cães infectados, o parasita atinge tecidos nervosos. Durante a necropsia, pode-se observar alterações como edema cerebral, hidrocefalia, hemorragia ou necrose no córtex cerebral e medula espinhal e atrofia muscular. Em bovinos a infecção ocorre pela ingestão de oocistos presentes em pastagens contaminadas ou via transplacentária. Na necropsia é possível observar a placenta espessa e necrosada, com áreas de infiltração inflamatória, no feto é possível ter lesões no cérebro como hidranencefalia e encefalite. O diagnóstico clínico é baseado nos sinais observados, como paralisia em cães e aborto em bovinos. O diagnóstico laboratorial utiliza teste sorológicos, como imunofluorescência indireta, ELISA e PCR. O diagnóstico histopatológico é utilizado para revelar lesões inflamatórias, necrose e presença de taquizoítos ou cistos tissulares no sistema nervoso e músculos esquelético em cães, ou no cérebro e placenta fetal em bovinos. O controle e a profilaxia envolvem impedir o contato de cães com placenta, fetos abortados e restos de parto bovino. O abate de vacas soropositivas também é essencial, pois assim, ajuda a reduzir a transmissão vertical. Não há vacina comercial atualmente, por isso, a biossegurança e o manejo adequado são fundamentais. A neosporose é uma doença de grande impacto na saúde animal, especialmente pela sua relação com abortos em bovinos e distúrbios neurológicos em cães. Seu controle depende de medidas preventivas eficazes e diagnóstico precoce. A conscientização sobre a doença é essencial para reduzir perdas reprodutivas e econômicas.

Palavras-chave: Aborto; Neosporose; PCR; Imunofluorescência indireta.

Influência do Fotoperíodo na Ciclicidade Reprodutiva de Éguas: Estratégias de Manejo Luminoso para Indução do Cio.

Alice Vargas Peralta¹, Helena Bianco Rosas¹, Izabela Castilho Gonçalves¹, Mariana Cortes Alves¹, Monique Prado Vasconcellos¹ & Thiago Luiz Pereira Marques².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo As éguas são animais poliéstricos estacionais fotoperíodo positivo, ou seja, sua atividade reprodutiva está relacionada à luminosidade dos dias. Durante a primavera e verão, dias mais longos e com maior incidência de luz solar fazem com que a maioria das éguas entre em atividade cíclica regular. Esse padrão está associado à produção de melatonina, sintetizada pela glândula pineal durante a noite. A melatonina exerce efeito inibitório sobre o eixo hipotálamo-hipófise-ovário, regulando indiretamente a liberação de hormônios reprodutivos. Com o aumento da luminosidade diária, há redução na produção de melatonina, o que estimula a liberação do hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH) pelo hipotálamo. Isso promove a secreção de hormônios gonadotróficos pela hipófise, como o hormônio luteinizante (LH) e o folículo-estimulante (FSH), essenciais para o crescimento folicular, ovulação e manifestação de cio. Em contrapartida, durante o outono e o inverno, dias mais curtos e noites longas, aumentam a produção de melatonina, suprimindo esses hormônios e resultando em anestro (inatividade ovariana). Esse mecanismo visa sincronizar o nascimento dos potros com épocas de melhores condições climáticas e maior disponibilidade de alimento, favorecendo a sobrevivência dos neonatos. Contudo, em sistemas produtivos e de criação seletiva, essa sazonalidade pode representar uma limitação. Por isso, estratégias artificiais de manipulação do fotoperíodo têm sido usadas para induzir a ciclicidade reprodutiva em éguas fora da estação natural. Segundo estudo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi conduzido um experimento para minimizar a fase de anestro em éguas durante o outono e inverno por meio de fotoperíodo artificial. As éguas foram submetidas a 16 horas de iluminação e 8 horas de escuro diárias, simulando dias longos, fisiologicamente associados à fase fértil dos equinos. O acompanhamento foi feito por palpação retal, ultrassonografia transretal e dosagens hormonais, principalmente de progesterona, para avaliar a atividade ovariana. Os resultados indicaram que, embora o fotoperíodo artificial não tenha evitado completamente o anestro estacional, contribuiu para reduzir sua duração em algumas éguas. Além disso, observou-se alteração na dinâmica do corpo lúteo, com aumento de sua persistência, comprometendo a regularidade dos ciclos estrais, os intervalos entre cios e a receptividade das éguas para coberturas naturais ou transferência de embriões. Conclui-se que a luz artificial é uma estratégia eficaz para estimular precocemente a retomada da atividade reprodutiva durante a transição sazonal. No entanto, usada isoladamente, pode causar alterações fisiológicas indesejadas, como a luteólise tardia. Os resultados deste estudo são semelhantes aos de outras pesquisas, como “Utilização de diferentes períodos de fotoestimulação em éguas acíclicas para o controle da sazonalidade reprodutiva”, “Fotoperíodo artificial sobre a atividade reprodutiva de éguas durante a transição outonal” e “Efeito de protocolo hormonal e programa de luz artificial na gestação de éguas receptoras de embrião durante o período de transição de primavera”, que também demonstram a eficácia do fotoperíodo artificial, mas destacam suas limitações. Assim, recomenda-se associar a fotoestimulação a protocolos hormonais, como o uso de prostaglandinas ou gonadotrofinas, para otimizar o controle da sazonalidade e melhorar os resultados reprodutivos, especialmente em programas de cobertura natural ou transferência de embriões.

Palavras-chave: Fotoperíodo artificial; Éguas; Anestro estacional; Reprodução equina; Protocolos hormonais.

Leptospirose Canina com Insuficiência Hepatorrenal Aguda: Relato de Caso.

Társila Nascimento Marcelino¹, Ayssa Miranda dos Santos Ramos¹, Bruna Mattos de Lima e Silva¹, Fellipe Bonatti de Medeiros Teixeira¹, Hugo Rodrigues Dias¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A leptospirose canina é uma zoonose bacteriana causada por espiroquetas do gênero *Leptospira*, transmitida principalmente por meio da urina de animais infectados. A infecção pode levar a manifestações sistêmicas severas, incluindo insuficiência hepatorrenal aguda. Os sorovares mais frequentemente associados à doença em cães incluem *Leptospira interrogans* sorovar *Canicola* e *Icterohaemorrhagiae*. A forma hepatorrenal da leptospirose é caracterizada por icterícia, elevação de enzimas hepáticas e insuficiência renal aguda, podendo evoluir para síndrome hepatorrenal, com alto risco de mortalidade. O diagnóstico precoce e a instituição de tratamento intensivo são essenciais para melhorar o prognóstico. Este relato descreve um caso de leptospirose em um cão que evoluiu com insuficiência hepatorrenal aguda, destacando os desafios no manejo clínico. Foi atendido um cão macho, sem raça definida, de 4 anos, com histórico de letargia, anorexia, vômito e poliúria/polidipsia há três dias. O tutor relatou que o animal teve acesso a áreas alagadas recentemente. No exame clínico, o cão apresentava mucosas ictéricas, desidratação moderada (8%), hipotermia (37,2°C) e dor abdominal à palpação. O exame neurológico estava dentro da normalidade. Foram realizados exames laboratoriais, incluindo hemograma, bioquímica sérica e urinálise, além de testes sorológicos e PCR para *Leptospira*. Os exames revelaram: Hemograma: leucocitose com desvio à esquerda (23.000 células/ μ L), anemia normocíticanormocrônica leve (HCT 30%). Bioquímica sérica: ureia (145 mg/dL, referência: 10-60 mg/dL), creatinina (5,1 mg/dL, referência: 0,5-1,5 mg/dL), ALT (385 U/L, referência: 10-100 U/L), FA (685 U/L, referência: 23-212 U/L), bilirrubina total (3,2 mg/dL, referência: 0,1-0,6 mg/dL). Urinálise: isostenúria (densidade urinária 1.010), proteinúria (++) presenças de cilindros granulares. Sorologia (MAT) e PCR urinário para *Leptospira*: positivo para o sorovar *Icterohaemorrhagiae*. O tratamento foi iniciado com fluidoterapia intravenosa (Ringer lactato), antibioticoterapia (doxiciclina 5 mg/kg BID), antieméticos e suporte nutricional. O paciente apresentou piora inicial, com agravamento da insuficiência renal (creatinina 7,2 mg/dL no terceiro dia de internação) e persistência da hiperbilirrubinemia. A evolução clínica foi compatível com insuficiência hepatorrenal aguda, condição frequentemente observada em cães com leptospirose grave, conforme descrito por Goldstein (2010). A patogênese da leptospirose envolve lesão endotelial e vasculite, levando a isquemia renal e necrose tubular aguda. O fígado também pode ser afetado por hepatite necrotizante, resultando em elevação de enzimas hepáticas e icterícia, como observado neste caso. A presença de isostenúria na urinálise indicou comprometimento da função renal, enquanto a bilirrubinemia e o aumento de ALT e FA sugeriram disfunção hepática progressiva. A resposta ao tratamento foi limitada, e o paciente necessitou de suporte intensivo com expansão volêmica agressiva e uso de furosemida para manejo da oligúria. Apesar dos esforços, o cão evoluiu com encefalopatia hepática e acidose metabólica refratária, levando ao óbito no sétimo dia de internação. A leptospirose canina pode evoluir rapidamente para insuficiência hepatorrenal aguda, resultando em alta taxa de mortalidade. O diagnóstico precoce, baseado em testes sorológicos e PCR, aliado ao tratamento intensivo, pode melhorar o prognóstico. Estratégias preventivas, como a vacinação e o controle ambiental, são fundamentais para reduzir a incidência da doença.

Palavras-chave: Leptospirose; Insuficiência Renal Aguda; Insuficiência Hepática; Zoonose; Hepatite Infecciosa Canina.

Leucemia Linfocítica Crônica Associada à FeLV com Achados de Manchas de Gumprecht em Felino Previamente Vacinado: Relato de Caso.

Samuel Serdeira Caldas Mello¹, Manoela Helena de Souza², Fernanda Abreu Rocha¹, Rodrigo Almeida Ferreira¹ & Mário dos Santos Filho³.

¹Médico(a) Veterinário (a) Autônomo (a), Três Rios-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A Leucemia Viral Felina (FeLV) é uma retrovírose imunossupressora e oncogênica que acomete felinos domésticos, frequentemente associada ao desenvolvimento de linfomas e leucemias. A infecção ocorre, em grande parte, devido à falha na vacinação e ao contato com animais portadores, especialmente em gatos com acesso irrestrito ao ambiente externo. Este trabalho apresenta o relato clínico de um felino de 8 anos, previamente testado e vacinado apenas com o protocolo inicial, que desenvolveu Leucemia Linfocítica Crônica associada à FeLV, destacando-se o raro achado hematológico de manchas de Gumprecht. O paciente apresentou sinais inespecíficos, como anorexia, adipsia, sarcopenia e apatia, além de alterações comportamentais notáveis. Ao exame clínico, foram evidenciadas mucosas hipocoradas, hipotermia, linfonodos discretamente infartados e baixo escore corporal. O exame bioquímico detectou hipoglicemia, elevação das enzimas hepáticas e aumento de ureia. O hemograma revelou anemia normocítica normocrômica regenerativa, leucocitose com linfocitose absoluta, linfócitos reativos e presença de sombras de Gumprecht – linfócitos lisados visualizados na lâmina, indicativos de neoplasia hematológica, como leucemia ou linfoma. Com esses achados, a principal suspeita foi leucemia ou linfoma associado à infecção por FeLV, sendo o diagnóstico confirmado com novo teste rápido, agora positivo. Iniciou-se o tratamento clínico de suporte com fluidoterapia, glicose intravenosa, mirtazapina, corticoterapia, aquecimento e alimentação úmida. Apesar da estabilização inicial, a resposta clínica foi discreta. A tutora, ciente da gravidade, optou pela alta não consentida. Duas semanas depois, o animal retornou à clínica com abdômen distendido resultante de ascite, sarcopenia grave, apatia intensa e ausência de resposta a estímulos externos. Por conta da rápida progressão do quadro, foi realizada eutanásia por indicação médica e com o consentimento da tutora. O caso evidencia a relevância da adesão ao protocolo vacinal completo contra FeLV e os riscos relacionados à vida livre. Mesmo com a vacinação prévia, a ausência de reforços anuais resultou em perda de imunidade, e o contato com gatos errantes foi o provável fator de exposição. A presença de manchas de Gumprecht, embora raro na medicina veterinária, foi fundamental na orientação diagnóstica precoce, permitindo a suspeita de neoplasia hematopoietica relacionada à FeLV mesmo antes da confirmação da infecção por teste rápido. Conclui-se que a educação dos tutores sobre vacinação e manejo ambiental, além da valorização de sinais laboratoriais atípicos, é essencial para o diagnóstico precoce e abordagem adequada de doenças como a FeLV. Complementarmente, a vigilância clínica constante em felinos geriátricos ou imunossuprimidos configura uma estratégia indispensável na medicina preventiva, uma vez que esses indivíduos apresentam maior susceptibilidade a infecções crônicas, recidivas virais e neoplasias hematopoieticas. A adoção de protocolos de monitoramento contínuo permite não apenas a identificação precoce de alterações patológicas, mas também a instituição de condutas terapêuticas oportunas, impactando positivamente no desfecho clínico.

Palavras-chaves: FeLV; Neoplasia; Protocolo Vacinal; Sombras de Gumprecht; Vida Livre.

Leucoencefalomalácia em Equinos: Revisão de Literatura.

Tamara Cristina Sobreira Duarte¹, Juliana Barros Oliveira¹, Kívia da Silva Ferreira¹, Melissa Duarte Sobrinho¹ & Fabio Sartori².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A leucoencefalomalácia equina (LEME) é uma doença neurológica grave que afeta equídeos, causada pela ingestão de milho ou subprodutos contaminados com fumonisina, uma micotoxina produzida pelo fungo Fusarium moniliforme. A incidência dessa doença é maior no inverno, devido às condições de armazenamento do milho. Nessa estação, em regiões como o Sul e Sudeste do Brasil, há maior umidade relativa do ar e variações de temperatura mais acentuadas. Esses fatores criam condições ideais para o desenvolvimento de fungos favorecendo o desenvolvimento do mesmo e a grande concentração da micotoxina potencializando assim, o efeito sobre o animal que será intoxicado. Animais afetados pela LEME morrem subitamente, com ou sem manifestações clínicas. As manifestações mais comuns são anorexia, letargia, hipersensibilidade, agitação, sudorese, fraqueza muscular, hipermetria, cambaleamento, incapacidade de engolir, ausência de reflexo pupilar e pressão da cabeça contra obstáculos, essa última sendo a característica principal da doença. A LEME é causada pela ingestão de milho contaminado. As toxinas inibem a ceramida sintetase, interferindo na síntese de esfingolípidos e provocando acúmulo de metabolitos tóxicos. Causando dano celular, especialmente na substância branca do cérebro, levando à necrose liquefativa. Os achados de necropsia envolvem áreas de amolecimento e coloração amarelada no encéfalo, edema cerebral e hemorragias multifocais e em alguns casos infiltrado inflamatório discreto. O diagnóstico é baseado em sinais clínicos neurológicos agudos e histórico de ingestão de milho. O exame do líquor tem se mostrado importante na hora de diagnosticar essa doença. Para identificar a causa, são usados testes como ELISA, HPLC e LC-MS/MS para detectar fumonisinas no alimento, sendo o LC-MS/MS o mais sensível. Sua prevenção se dá iniciando-se pela aquisição de milho de boa qualidade e a partir daí garantir um armazenamento em locais secos e bem ventilados, evitando a proliferação de fungos. Diversificar a dieta e evitar que o milho seja a única fonte energética também são medidas importantes. É essencial treinar a equipe para reconhecer precocemente os sinais clínicos e agir rapidamente. A LEME é uma doença neurológica grave, sua evolução é rápida e fatal, exigindo atenção rigorosa à qualidade da alimentação. O diagnóstico precoce e medidas preventivas eficazes são fundamentais para proteger a saúde dos equinos. Devemos sempre estar atentos a outras patologias neurológicas dos equinos para fazer o diagnóstico diferencial como a raiva, que deve estar incluída em um calendário vacinal.

Palavras-chave: Alimentação; Fungo; LEME; Milho; Neurológico.

Levantamento Epidemiológico de Gatos Portadores de Dirofilariose nos Atendimentos de Rotina em um Serviço Volante de Cardiologia do Rio de Janeiro, entre 2021 e 2025.

Anna Carolina Benicio Fernandes¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Társila Nascimento Marcelino¹, Tiago Figueiredo Guedes¹, Ana Paula Martinez de Abreu² & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A dirofilariose felina é uma doença parasitária subdiagnosticada, causada pelo *Dirofilaria immitis*. Diferente dos cães, os gatos são hospedeiros atípicos, podendo apresentar infecções com poucos vermes adultos e sinais clínicos inespecíficos, como tosse, dispneia e morte súbita. O diagnóstico é desafiador, exigindo combinação de testes sorológicos e de imagem. Este estudo tem como objetivo realizar um levantamento da ocorrência de dirofilariose em gatos atendidos rotineiramente entre 2021 e 2025, avaliando a frequência da infecção e os principais achados clínico-laboratoriais. Neste trabalho foram analisados prontuários de gatos atendidos em clínicas veterinárias entre janeiro de 2021 e março de 2025. Os casos positivos foram identificados por meio de testes sorológicos (detecção de antígeno e anticorpos), radiografia torácica e ecocardiografia. Dados clínicos como sinais respiratórios, achados laboratoriais e histórico de exposição a vetores foram registrados. Foram avaliados 280 gatos, 11 (3,9%) apresentaram confirmação de dirofilariose. O diagnóstico foi realizado pelos seguintes métodos: a sorologia, que foi positiva para anticorpos em 9 casos, mas apenas 4 gatos apresentaram antígeno circulante detectável. Além disso, a ecocardiografia confirmou a presença de vermes adultos em 3 pacientes. Os achados clínicos mais frequentes foram dispneia (5 casos), tosse crônica (3 casos) e letargia (2 casos). Morte súbita foi registrada em um paciente. Nos achados radiográficos, 7 gatos apresentaram padrão intersticial pulmonar difuso, enquanto 3 apresentaram aumento da artéria pulmonar. Foi observado que todos os gatos positivos, não recebiam prevenção antiparasitária, reforçando a importância da profilaxia. Conclui-se que, a dirofilariose felina, embora menos frequente do que em cães, ocorre em gatos atendidos rotineiramente, muitas vezes sem diagnóstico definitivo. A positividade em testes de anticorpos sugere exposição significativa ao vetor, mesmo em pacientes assintomáticos. A associação com sintomas respiratórios destaca a importância de incluir a doença no diagnóstico diferencial de afecções pulmonares felinas. Medidas preventivas, como o uso de fármacos profiláticos, são essenciais para reduzir a incidência da infecção.

Palavras-chaves: Coração; *Dirofilaria immitis*; Doenças Cardiorrespiratórias em Felinos; Doença Parasitária em Felinos; Tosse em Felinos.

Linfadenite Caseosa em Caprinos e Ovinos: Revisão de Literatura.

Igor Emanoel de Oliveira Ferreira¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A linfadenite caseosa (LC) é uma doença infecciosa crônica que afeta caprinos e ovinos, causada pela bactéria *Corynebacterium pseudotuberculosis*. Essa enfermidade gera impactos econômicos e sanitários significativos, devido à formação de abscessos em linfonodos e órgãos, que prejudicam a saúde dos animais e a qualidade dos produtos pecuários. A *Corynebacterium pseudotuberculosis*, uma bactéria gram-positiva resistente no ambiente, transmite-se principalmente por contato direto com animais ou objetos contaminados. Ela penetra no organismo por lesões na pele ou mucosas, atingindo linfonodos, onde se multiplica e forma abscessos encapsulados. Esses abscessos podem ocorrer tanto em linfonodos superficiais quanto em órgãos internos, promovendo a cronicidade da doença. O objetivo deste estudo é descrever a importância da LC, seus principais sinais clínicos, as formas de prevenção e os prejuízos causados. A revisão bibliográfica foi realizada com consulta às bases de dados: Google Acadêmico e PubMed. Os resultados mostraram que a patogenicidade da bactéria está relacionada à produção de toxinas, como a fosfolipase D, que facilita a disseminação da infecção. A LC é classificada em formas externa e interna, e os sinais clínicos têm relação com essas formas. A forma externa, mais comum, é identificada por abscessos subcutâneos, visíveis na região cervical, pré-escapular e submandibular, enquanto a forma interna, de diagnóstico mais complexo, afeta órgãos internos, como pulmões e fígado, levando à perda de peso, tosse crônica e dificuldades respiratórias e é frequentemente detectada apenas em estágios avançados ou em necropsias. O diagnóstico da LC é feito principalmente pela observação clínica dos abscessos e confirmado por exames laboratoriais, como cultura bacteriana e PCR. A sorologia também é utilizada para detectar anticorpos contra a bactéria. O controle da LC requer medidas rigorosas de biossegurança, como desinfecção de instalações, isolamento de animais infectados e eliminação de abscessos. A vacinação é uma estratégia importante para a prevenção, embora sua eficácia varie conforme a cepa bacteriana e a resposta imunológica do rebanho. A LC impacta negativamente a pecuária, reduzindo a produtividade dos animais e comprometendo a qualidade da carne e do leite. A presença de abscessos resulta na condenação de carcaças, acarretando perdas financeiras. Além disso, a doença pode restringir a exportação de animais e produtos derivados, afetando o comércio internacional. Conclui-se que a LC continua sendo uma das principais doenças que afetam caprinos e ovinos, exigindo estratégias integradas de manejo e controle para minimizar seus impactos. A conscientização dos criadores sobre a prevenção e a aplicação de práticas de biossegurança são fundamentais para reduzir a incidência da doença nos rebanhos e evitar as perdas econômicas.

Palavras-chave: Abscessos; *Corynebacterium*; PCR; vacinação.

Manejo de Lesões Traumáticas em Aves Silvestres: Amputação e Recuperação de Periquitão Maracanã Juvenil Após Envolvimento com Linha de Pipa: Relato de Caso.

Marina Lima Gianastacio¹, Társila Nascimento Marcelino², Jorge Augusto Lima Filho³, Leandro Soares de Paula³, Ana Paula Martinez Abreu⁴ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes⁴.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Médico(a) Veterinário (a) Autônomo(a), Três Rios-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Lesões traumáticas em aves silvestres, como aquelas causadas por linha de pipa, representam um desafio significativo no manejo clínico veterinário, sendo uma das principais causas de comprometimento de membros em animais resgatados. Este relato descreve o caso de um periquitão-maracanã (*Psittacara leucophthalmus*) juvenil, que sofreu lesão grave em membro inferior direito após enredamento com linha de pipa, resultando em necrose e perda de função motora do membro. O objetivo deste trabalho é relatar as consequências clínicas do enredamento por linha de pipa, abordando os sinais clínicos, as medidas terapêuticas adotadas e o prognóstico do animal. O periquitão, pesando 97g, foi resgatado após queda do ninho e encaminhado para atendimento apresentando escore corporal baixo, mucosas hipocoradas, desidratação leve e hipertermia. O membro inferior direito exibia necrose tecidual avançada, ausência de sensibilidade e dificuldade de deambulação. A constrição prolongada provocada pela linha de pipa comprometeu a vascularização local, levando à isquemia e morte tecidual. Diante do quadro clínico, instituiu-se tratamento de suporte com fluidoterapia de reposição e manutenção utilizando solução de Ringer com lactato (15 ml/kg), além de administração de antimicrobianos de amplo espectro, analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais para controle da dor e inflamação. Após avaliação criteriosa da viabilidade do membro, constatou-se a necessidade de amputação do membro afetado, com desarticulação a nível da articulação tibiotársica, como medida de controle da infecção e dor, além de possibilitar a reabilitação da ave. O procedimento cirúrgico foi realizado com sucesso, e nos dias subsequentes a ave permaneceu sob cuidados intensivos, com monitoramento da ferida cirúrgica, analgesia e suporte nutricional. Após 15 dias, os pontos foram removidos, e observou-se cicatrização adequada, ausência de sinais de infecção e melhora no comportamento. O periquitão passou a apresentar atitudes compatíveis com sua espécie, mesmo com a ausência do membro, demonstrando boa adaptação funcional. O animal foi considerado clinicamente estável, recebeu alta médica e foi encaminhado para acompanhamento periódico em ambiente controlado, com possibilidade futura de inclusão em programa de educação ambiental, devido à limitação física residual. Este caso clínico destaca os riscos que atividades humanas, como o uso recreativo de pipas, representam para a fauna silvestre. O enredamento causou lesão irreversível, exigindo amputação como medida terapêutica para preservar a vida do animal. A rápida intervenção, incluindo estabilização clínica, analgesia e cirurgia, foi determinante para o sucesso do tratamento. Além disso, este relato reforça a importância do manejo veterinário adequado em casos de traumas em aves silvestres, bem como a necessidade de conscientização da população sobre os impactos das atividades humanas sobre a biodiversidade da fauna local.

Palavras-chave: Animais silvestres; Cirurgia ortopédica; Fauna brasileira; Cirurgia veterinária.

Mastite Bovina: Revisão de Literatura.

Emanuela de Sousa Domingos¹, Ana Julia Crivas da Cunha Manso¹, Ana Julia de Carvalho Pires¹, Nathalia de Oliveira Silva Santos¹, Raphaely Andrade Camargo¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A mastite é uma inflamação da glândula mamária, comum em bovinos, geralmente causada por bactérias, como *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli* e *Streptococcus agalactiae*, mas também por fungos, algas e leveduras. Fatores como má higiene, traumatismos, umidade excessiva, estresse e imunossupressão favorecem seu desenvolvimento. O objetivo desta revisão é fornecer informações sobre o diagnóstico, tratamento e manejo da mastite bovina. A base de dados da pesquisa foi a Google Scholar (Google acadêmico). A mastite pode se apresentar em três formas: aguda, crônica e subclínica. A mastite aguda é caracterizada por febre, dor na glândula mamária e alterações no leite, como presença de pus ou sangue. A mastite crônica resulta em infecções persistentes que causam redução permanente da produção de leite e alteração na qualidade. Já a mastite subclínica não apresenta sinais clínicos evidentes, mas causa aumento nas células somáticas do leite, resultando em queda na produção e qualidade. O diagnóstico das mastites clínica e crônica pode ser feito por meio de exame clínico da glândula mamária, que apresenta alterações como dor, aumento de temperatura e enrijecimento e também exame do leite, onde através de jatos de leite em um fundo preto (teste da caneca de fundo preto) se observam alterações no leite, com presença de grumos e/ou sangue. Já o diagnóstico de mastite subclínica a nível de campo, costuma se dar através do popularmente conhecido California Mastitis Test (CMT), cuja técnica consiste em misturar uma amostra de leite com um reagente químico e observar a reação, que indica o grau de inflamação na glândula mamária, verificando de forma indireta o aumento de células somáticas no leite. O controle da doença envolve higiene rigorosa, cuidados durante a ordenha (ordem de ordenha, pré e pós dipping, cuidados com a ordenhadeira), uso de antibióticos conforme orientação veterinária em casos clínicos e vacinação. O pré dipping é a desinfecção dos tetos antes da ordenha, com soluções antissépticas, para reduzir a carga bacteriana. O pós-dipping é a aplicação de desinfetante após a ordenha, ajudando a prevenir infecções no período entre ordenhas. O tratamento das mastites clínicas e crônicas deve ser iniciado rapidamente para evitar complicações e o da mastite subclínica deve ser feito no período de secagem dos tetos (pré parto) com antibióticos específicos. A mastite causa grandes perdas econômicas devido à redução da produção de leite e custos com tratamentos e por vezes, descarte ou morte do animal, concluindo-se, portanto, que são essenciais o diagnóstico precoce e a implementação de medidas preventivas adequadas, com intuito de reduzir as perdas causadas pela doença.

Palavras-chaves: Glândula mamária, Inflamação, *Escherichia coli*, *Staphylococcus aureus*, *Streptococcus agalactiae*.

Mastite Bovina: Revisão dos Achados Clínicos e Métodos de Controle.

Fabiana Alves Ezidio¹, Leonardo Freire Quintanilha¹, Lívia Maria Souza de Andrade¹, Thaynná Kelly de Souza¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A mastite é um processo inflamatório da glândula mamária, podendo ser de origem fisiológica, traumática, alérgica, metabólica e/ou infecciosa. É uma doença de caráter complexo e multifatorial envolvendo diversos patógenos, o ambiente e fatores inerentes ao animal. O objetivo deste resumo é descrever a afecção abordando seus sinais clínicos, métodos de diagnóstico e controle. Foram utilizados como fontes bibliográficas artigos científicos em bases de dados indexadas. Estima-se que 90% das mastites sejam de origem bacteriana e que *Streptococcus agalactiae* e *Staphylococcus aureus* **são os principais agentes relacionados à mastite contagiosa**. A espécie *S. aureus* é considerada um patógeno primário que tem sido isolado em infecções clínicas e subclínicas, existindo muita divergência entre resultados de estudos, podendo interferir a raça, idade, fatores ambientais e os de manejo na criação. As espécies coagulase negativas comumente isoladas no leite bovino são consideradas como patógenos secundários e podem causar reações inflamatórias moderadas na glândula mamária. A mastite pode se manifestar na forma subclínica, clínica ou crônica, podendo ainda comprometer severamente o estado geral do animal devido à infecção sistêmica, principalmente na forma clínica. O processo inflamatório agudo pode se tornar crônico ou incipiente se não for tratado adequadamente e em seu estágio inicial. A forma clínica caracteriza-se por alterações visíveis no úbere e/ou leite produzido, podendo assumir a forma subaguda, aguda, superaguda, crônica ou gangrenosa. Na subaguda os sinais são discretos, podendo ser detectados a presença de grumos no teste de caneca. Na forma aguda, a mastite apresenta sintomatologia evidente de processo inflamatório com alterações das características do leite. Na forma crônica observa-se fibrose, ausência dos sinais de processo inflamatório e de alterações no leite (grumos e coágulos). A superaguda é caracterizada por uma inflamação muito intensa com a presença de sinais sistêmicos, tais como febre, dispneia, hipotensão, prostração e anorexia. E na gangrenosa, o úbere apresenta-se frio, com coloração alterada variando do escuro ao púrpura-azulado, insensível e úmido, podendo apresentar gotejamento constante de soro com sangue. As mastites clínicas podem ser diagnosticadas pelo exame clínico (inspeção do animal, palpação do úbere e avaliação do leite com o método da caneca de fundo escuro/ caneca telada). A subclínica caracteriza-se por alterações na composição do leite com aumento na Contagem de Células Somáticas (CCS) e dos teores de cloro e sódio, de caseína, lactose e gorduras. É detectada pelo teste rápido *California Mastitis Test* (CMT). Para o controle e profilaxia tem-se o Programa de 6 Pontos, no qual destaca-se a rotina de ordenha e a desinfecção dos tetos (pré e pós-dipping), além do manejo alimentar, do ambiente e dos equipamentos. No pré- dipping a flambagem regular dos pelos do úbere atua na sua remoção, impedindo que sujidades venham a ser fontes de contaminação por estarem aderidas na região e dificultem a desinfecção. Conclui-se por tanto que, o monitoramento com diagnóstico precoce associado a prevenção assume um papel importante no controle efetivo das mastites existentes e na redução do aparecimento de novas infecções.

Palavras-chaves: Bactérias; Infecção; Inflamação; Ordenha; Vacas.

Meningoencefalite Bacteriana: Revisão de Literatura.

Thaynná Kelly de Souza¹, Fabiana Alves Ezidio¹, Leonardo Freire Quintanilha¹, Lívia Maria Souza de Andrade¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Meningite e encefalite são inflamações nas meninges e no encéfalo, respectivamente, costumam estar associadas. O objetivo do presente resumo é descrever a enfermidade ressaltando seus sinais clínicos, meios de diagnóstico e de tratamentos, baseado em livros de Neurologia Veterinária, de Medicina Interna de Pequenos Animais e artigos disponíveis no Google acadêmico. Não são comuns em cães e gatos e costumam ocorrer por bactériemia secundária a algumas condições, como endocardites, infecções urinárias e pulmonares. Ocorrem também por propagação de infecções originadas em estruturas adjacentes ao sistema nervoso, como as passagens aéreas nasais, os seios nasais e os ouvidos internos e em razão das lesões penetrantes no crânio. A disseminação hematógena de focos extracranianos é rara, exceto em neonatos com onfaloflebite, ou acometidos por imunodeficiências graves. As bactérias aeróbicas relacionadas à meningite bacteriana compreendem *Pasteurella multocida*, *Staphylococcus intermedius*, *Streptococcus* spp. e *Escherichia coli*. Raramente, ocorre o envolvimento de *Proteus*, *Pseudomonas*, *Salmonella* e *Klebsiella*, que são mais comuns em infecções nosocomiais de pacientes criticamente enfermos. As bactérias anaeróbicas isoladas nesses casos são *Bacteroides*, *Fusobacterium*, *Peptostreptococcus* e *Eubacterium*. Os sinais clínicos comumente observados incluem febre, dor cervical, vômito e bradicardia. As anomalias neurológicas refletem a localização do parênquima danificado e pode incluir convulsões, coma, cegueira, nistagmo, lateralização de cabeça, paresia ou paralisia. Sinais sistêmicos, como choque, hipotensão e Coagulação Intravascular Disseminada (CID) são comuns, agudos e evoluem rapidamente. Tanto o agente infeccioso quanto os mediadores inflamatórios causam danos severos no tecido cerebral. O diagnóstico consiste em associar os achados de anamnese, sinais clínicos e exames laboratoriais. A resposta à antibioticoterapia sustenta o diagnóstico. Pode existir no hemograma leucocitose, porém a leucopenia e a trombocitopenia são observadas em alguns casos, além de aumento de alanina-aminotransferase (ALT) e fosfatase alcalina. O líquido cérebro-espinal (LCE) apresenta neutrófilos degenerados e granulações tóxicas, aumento de proteínas e presença de bactérias, porém, muitas vezes, a cultura é negativa. Também a análise citológica e a cultura (aeróbica e anaeróbica) do LCE, culturas bacterianas do sangue e urina, exames oftalmológicos e óticos, radiografias de coluna, crânio e tórax e ultrassonografia são auxílio diagnóstico importante. Já a ressonância magnética é utilizada para identificação de defeitos cranianos, infecções e tumores que se estendem da caixa craniana a orelha, olho, seio ou narina. O tratamento definitivo baseia-se no isolamento do micro-organismo a partir do LCE e a determinação de sua sensibilidade antibiótica. São selecionados os antibióticos bactericidas de amplo espectro e que penetram no LCE, que devem ser administrados por via intravenosa por 3-5 dias para obtenção de altas concentrações no LCE, e a terapia oral, por 4 semanas após a recuperação. A administração de fluidos intravenosos e a instituição de medidas de suporte sistêmico são importantes, com uso concomitante de anticonvulsivantes, drogas anti-inflamatórias ou corticoides para minimizar as consequências inflamatórias da lise bacteriana induzida pelo tratamento nos primeiros 2 dias de antibioticoterapia. A resposta a antibioticoterapia é variável e as recidivas são comuns. Portanto, conclui-se que é uma infecção possivelmente fatal e requer tratamento rápido e agressivo., com prognóstico reservado.

Palavras-chaves: Bactérias; Cães; Gatos; Inflamação; Neurologia.

Nebulização com Gentamicina como Terapia Adjuvante em Pacientes com Pneumonia Refratária à Monoterapia Sistêmica: Estudo Retrospectivo.

Vitória Santos de Oliveira¹, Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Kamila de Andrade Firmino¹, Mário Tatsuo Makita², Ana Paula Martinez de Abreu³ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A pneumonia bacteriana em cães representa uma afecção respiratória grave e desafiadora, muitas vezes exigindo antibioticoterapia intensiva. Em casos refratários à monoterapia sistêmica, alternativas terapêuticas tornam-se necessárias. Este estudo retrospectivo avaliou o uso da gentamicina por nebulização como terapia adjuvante em 28 cães diagnosticados com pneumonia bacteriana refratária, atendidos entre janeiro de 2021 e dezembro de 2023. Todos os animais receberam gentamicina inalatória (5 mg/kg, BID) por nebulização, associada ao antibiótico sistêmico previamente instituído. Foram analisados sinais clínicos, exames laboratoriais, radiografias torácicas e tempo de resposta clínica. Os pacientes incluídos tinham média de idade de $7,2 \pm 2,9$ anos, e a confirmação da pneumonia se deu por radiografia torácica e hemocultura positiva para *Klebsiella pneumoniae* (39,3%), *Pseudomonas aeruginosa* (32,1%) e *Escherichia coli* (28,6%). Após a introdução da terapia inalatória, 22 cães (78,6%) apresentaram melhora clínica em até 72 horas, com regressão de febre, normalização da frequência respiratória e melhora da oxigenação. Radiograficamente, 18 dos 22 cães responsivos (81,8%) apresentaram redução das opacidades pulmonares até o quinto dia. Laboratorialmente, houve redução dos níveis de proteína C reativa (de 89,2 para 32,5 mg/L) e da leucocitose (de 85,7% para 28,6% dos casos) ao sétimo dia. A função renal se manteve estável, sem alterações significativas nos níveis de creatinina sérica ($1,03 \pm 0,2$ mg/dL para $1,05 \pm 0,3$ mg/dL), e nenhum paciente precisou suspender a gentamicina por nefrotoxicidade. Dois cães (7,1%) apresentaram broncoespasmo leve, autolimitado e controlado com broncodilatadores. Seis cães (21,4%) não responderam adequadamente, exigindo mudança de antibiótico, suporte ventilatório ou associação com antimicrobianos de amplo espectro. A nebulização com gentamicina demonstrou eficácia e segurança como terapia adjuvante em cães com pneumonia bacteriana refratária, principalmente frente a patógenos gram-negativos multirresistentes. A administração inalatória permitiu altas concentrações locais do fármaco com mínimos efeitos colaterais sistêmicos. A resposta clínica rápida, somada à melhora laboratorial e radiográfica, sugere ação bactericida eficaz no parênquima pulmonar. A boa tolerância pulmonar e a estabilidade da função renal reforçam a segurança da via inalatória. No entanto, a ausência de resposta em parte dos casos destaca a importância de seleção criteriosa e monitoramento contínuo. Apesar das limitações do número amostral e do desenho retrospectivo, os resultados reforçam o potencial da gentamicina nebulizada como adjuvante no tratamento de pneumonias bacterianas graves em cães.

Palavras-chave: Antibiótico inalatório; Cães; Infecção respiratória; Terapia inalatória; Patógenos multirresistentes.

Observação de Hipomane (Cálculo Alantóide) em Pós-Parto de Equídeos.

Gustavo Augusto dos Santos Ferreira¹, Anna Júlia Brandão de Souza¹, Caio da Silva Afonso¹, Caian Romero Paiva¹, Lays da Silva Mendes¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Nos equinos, espécie mamífera, que possui particularidades diferenciais em sua placenta, sendo considerado pelo número de camadas, as camadas de tecido inter-hemal ou seja, o tipo e o número de camadas que separam o sangue materno do fetal, teoricamente, seis camadas teciduais distinguem as circulações materna e fetal: endotélio materno, tecido conjuntivo materno, epitélio uterino, trofoblasto (epitélio coriônico), tecido conjuntivo fetal e endotélio fetal. Com base nessas características, as placenta-s são classificadas de acordo com o número de camadas presentes. A placenta do tipo epiteliocorial, por exemplo, é caracterizada pela preservação do epitélio uterino materno e do epitélio coriônico fetal, sendo típica de uma implantação superficial. No pós parto da espécie equina, há a presença do que chamamos de cálculo alantóide, mais conhecido como hipomane, estrutura borrachuda, de cor variada do marrom a tons brancos. Frequentemente confundido com o mecônio do potro, o hipomane não possui significado clínico, ele é encontrado dentro da placenta, durante a gestação fica flutuando no líquido alantóide. Sabe - se que ele é composto por células sanguíneas degeneradas, minerais, lipídeos e detritos celulares. Em observações recentes foi possível observar a presença do hipomane em asininos mais especificamente em jumentas da raça pêga. Dessa forma, conclui-se que o hipomane, apesar de sua aparência peculiar e presença constante no líquido alantóide, não exerce nenhuma função fisiológica conhecida durante o desenvolvimento fetal. Sua formação ocorre ao longo da gestação por acúmulo de detritos celulares, proteínas e sais minerais, resultando em uma estrutura que, embora curiosa, não possui significado clínico. É comumente expulso juntamente com as membranas fetais durante o parto, sem representar qualquer risco à saúde do potro ou da égua. Por isso, seu reconhecimento é importante para evitar interpretações equivocadas quanto à sua presença, sendo considerado um achado normal e sem necessidade de intervenção.

Palavras-chave: Asininos; Equinos; Gestação; Hipomane; Neonatologia.

Oncologia de Coelhos - Doenças, Diagnóstico e Terapêutica: Revisão de Literatura.

Luiza Tomé Faria¹, Ana Maria Laurindo Portella¹, Cecília Torres Alves¹, Luana Costa Ferreira¹, Mel da Matta do Carmo¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A oncologia em coelhos tem ganhado destaque devido ao aumento da longevidade desses animais e à evolução dos cuidados veterinários, resultando em mais diagnósticos de neoplasias, especialmente em coelhos com mais de dois anos. Os tumores mais comuns afetam os sistemas reprodutivo, linfático, tegumentar, ósseo e endócrino. O diagnóstico oncológico em coelhos inicia-se com anamnese detalhada e exame físico completo, considerando predisposições por idade, sexo e raça. Sinais clínicos incluem massas visíveis ou palpáveis, perda de peso, letargia, anorexia e alterações sistêmicas. A palpação dos linfonodos e a busca por sinais de metástase são etapas essenciais do exame físico. Exames laboratoriais, como hemograma e perfil bioquímico, são fundamentais para avaliar o estado geral do animal e identificar alterações como leucemias, hipercalcemia e disfunções hepáticas ou renais. Esses exames também auxiliam no monitoramento da resposta ao tratamento. A urinálise é indicada em casos de hematúria ou suspeita de tumores urogenitais. As técnicas de imagem, incluindo radiografias, ultrassonografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética, permitem avaliar a extensão do tumor e a presença de metástases, principalmente em pulmões, fígado e ossos. Para confirmação diagnóstica, a citologia (punção aspirativa com agulha fina) e a histopatologia (biópsia) são indispensáveis. A citologia é útil para tumores de células redondas ou epiteliais, enquanto a histopatologia possibilita a classificação do tipo e grau tumoral. Em alguns casos, marcadores tumorais auxiliam no diagnóstico e prognóstico. O tratamento das neoplasias em coelhos depende do tipo e estágio do tumor. A cirurgia é a principal abordagem, visando à remoção completa da massa. Em situações onde isso não é possível, procedimentos paliativos podem ser realizados para aliviar sintomas. Técnicas como cirurgia a laser, eletrocirurgia e crioterapia são alternativas para tumores superficiais. A quimioterapia é indicada para tumores com difícil ressecção ou como terapia adjuvante, embora haja poucos protocolos específicos para coelhos. Os efeitos adversos mais comuns são inapetência, distúrbios gastrointestinais e imunossupressão. A administração pode ser sistêmica ou intratumoral. A radioterapia tem mostrado bons resultados em casos como o timoma, podendo ser usada de forma paliativa ou curativa. Outras terapias, como fotodinâmica, hipertermia e imunoterapia, ainda são restritas ao campo experimental. O suporte ao paciente oncológico é fundamental, pois muitos coelhos com câncer apresentam anorexia, dor e perda de peso. Cuidados nutricionais, alimentação assistida e controle da dor com analgésicos são essenciais. O uso de gastroprotetores e anti-inflamatórios pode ser necessário, sendo os corticosteroides usados com cautela devido ao risco de infecções. O acompanhamento pós-tratamento é importante para detectar recidivas e metástases, sendo recomendadas reavaliações periódicas. Entre os tumores mais comuns destacam-se o adenocarcinoma uterino em fêmeas não castradas, tumores testiculares em machos, tumores mamários, linfomas, timomas, cânceres de pele (tricoblastoma, melanoma), osteossarcoma, neoplasias renais, adrenais e tumores virais (papilomas, mixomas).

Palavras-chave: Citologia, Coelho, Linfoma, Neoplasia e Oncologia.

Paralisia do Nervo Facial em Cadeia da Raça Staffordshire Terrier de 8 anos: Relato de Caso.

Gabriel Leal do Nascimento¹, Lucas Almeida Faria¹, Maria Clara de Souza Freitas¹, Ricardo Antônio de Souza Nascimento¹ & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A paralisia facial causada por lesão do nervo facial leva à redução do tônus e da função dos músculos de um ou dos dois lados da face. Os sinais clínicos mais frequentes incluem a ausência de movimento das orelhas e dos lábios, resultando em perda da expressão facial, além de dificuldade para piscar ou fechar completamente a pálpebra. Quando o quadro é unilateral, observa-se uma assimetria facial evidente, com flacidez muscular e queda da orelha e/ou do lábio do lado afetado. A condição pode ter diversas etiologias, cada uma exigindo abordagens terapêuticas específicas, o que ressalta a importância de um diagnóstico etiológico preciso. Esse diagnóstico, associado à uma intervenção precoce e adequada, é essencial para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida do paciente. Este relato descreve um caso de paralisia facial em uma cadeia da raça American Staffordshire Terrier, de 8 anos e 25 kg, atendida na Clínica Veterinária Popular da Tijuca. A tutora procurou auxílio após notar assimetria facial e dificuldade de movimentação da face, indicando possível disfunção neurológica periférica. No exame neurológico, observou-se ptose labial, atrofia discreta da musculatura masseter, ausência dos reflexos palpebrais e perda de sensibilidade nas regiões auricular e labial, sem outros déficits neurológicos. A audição também parecia levemente comprometida. Foram realizados exames complementares, como otoscopia e ressonância magnética, que não revelaram alterações significativas. De acordo com os achados clínicos obtidos, foi feito o diagnóstico presuntivo de neurite idiopática do nervo facial, com possível envolvimento do nervo vestíbulo-coclear, uma condição rara de etiologia desconhecida, que possivelmente pode estar vinculada a processos inflamatórios autolimitantes, frequente em cães de meia-idade a idosos. No caso relatado, pela ausência de alterações na orelha e de sinais de comprometimento do tronco encefálico, o diagnóstico mais provável foi neurite idiopática dos nervos facial e vestíbulo-coclear. Com base nos resultados obtidos, conclui-se que a acupuntura se mostra uma alternativa terapêutica promissora e eficaz no tratamento de paralisias neurológicas periféricas idiopáticas em cães. A técnica, ao estimular pontos específicos do corpo, promove a neuromodulação, melhora a condução nervosa, estimula a regeneração tecidual e favorece a recuperação funcional dos membros acometidos. Como é uma abordagem minimamente invasiva, e a técnica descrita apresenta baixos índices de efeitos colaterais, podendo ser utilizada de forma complementar à medicina veterinária convencional para potencializar os resultados clínicos. Novos estudos são recomendados para aprofundar o entendimento dos mecanismos envolvidos e padronizar protocolos terapêuticos.

Palavras-chaves: Acupuntura, Assimetria facial; Lesão; Neurite e Ptose labial.

Persistência do Ligamento Paramesonéfrico Associado à Cistite Recorrente em Cadelas: Relato de Caso.

Guilherme Reis Carneiro¹, Adrielli Reis de Almeida¹, Augusto Ramos Saar¹, Eduardo Maia Aguiar², Mário dos Santos Filho³ & Ana Carolina de Souza Campos⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A persistência do ligamento paramesonéfrico, remanescente dos ductos de Müller, é uma condição congênita rara em fêmeas que pode causar alterações anatômicas pélvicas com impacto funcional sobre o trato urinário. Os ductos paramesonéfricos são estruturas embrionárias responsáveis pela formação do útero, tubas uterinas e porção cranial da vagina nas fêmeas. Nos machos, esses ductos sofrem regressão induzida pelo hormônio antimülleriano (AMH). Quando essa regressão é incompleta, estruturas residuais podem permanecer, como o ligamento paramesonéfrico capaz de interferir no posicionamento da bexiga e da uretra, favorecendo episódios de cistite recorrente e incontinência urinária. A descrição desta anomalia é escassa na literatura veterinária, porém, merece atenção especialmente em fêmeas jovens com histórico de infecções urinárias de difícil resolução. Este relato descreve o caso de uma cadela sem raça definida, não castrada, com quatro anos de idade, apresentando cistite recorrente refratária ao tratamento clínico convencional. Diante da persistência dos sinais clínicos, optou-se pela realização de citoscopia com o objetivo de investigar a presença de neoplasias ou possíveis alterações estruturais. O exame revelou a persistência do ligamento paramesonéfrico na entrada vaginal, promovendo estreitamento do canal e possível comprometimento do esvaziamento vesical. A estrutura foi seccionada cuidadosamente com tesoura Metzenbaum curva endoscópica, permitindo a abertura completa do canal vaginal sem a necessidade de hemostasia adicional. O ligamento paramesonéfrico persistente, embora raro, pode resultar em alterações significativas na anatomia dos órgãos pélvicos, particularmente bexiga e uretra, levando a disfunções urinárias. No caso relatado, a compressão exercida sobre o canal vaginal resultou em dificuldade de esvaziamento vesical e estase urinária, fatores predisponentes às infecções recorrentes. A citoscopia foi essencial tanto para o diagnóstico preciso quanto para a intervenção minimamente invasiva. A ressecção endoscópica do ligamento mostrou-se segura e eficaz, corroborando evidências que sustentam o uso de técnicas semelhantes no manejo de anomalias urogenitais. Este caso reforça a importância da avaliação anatômica detalhada em cadelas com cistite persistente, especialmente na falha de tratamentos convencionais. A persistência do ligamento paramesonéfrico deve ser considerada no diagnóstico diferencial de disfunção urinária funcional. Estudos adicionais são necessários para melhor compreensão da prevalência e abordagem terapêutica dessa condição na prática clínica veterinária.

Palavras-chaves: Anomalia congênita; Cistoscopia; Disfunção miccional; Ductos paramesonéfricos; Incontinência urinária.

Piodermite Profunda em Cão Atópico com Resistência a Múltiplas Classes Antibióticas: Relato de Caso.

Kamila de Andrade Firmino¹, Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Vitória Santos de Oliveira¹, Helena Costa da Siva¹, João Felipe Halfeld Carraca¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A piodermite profunda é uma infecção bacteriana cutânea que atinge as camadas mais profundas da pele e geralmente está associada a fatores predisponentes como dermatites alérgicas, imunossupressão e falhas terapêuticas prévias. Cães com dermatite atópica são especialmente suscetíveis devido à disfunção da barreira cutânea e prurido constante. O aumento da resistência bacteriana, especialmente entre estafilococos coagulase-positivos, representa um desafio terapêutico crescente aos médicos veterinários. Canino, macho, SRD, 6 anos, foi atendido com histórico de prurido crônico, áreas de alopecia, crostas e nódulos ulcerados, especialmente em região abdominal e membros. O tutor relatava múltiplos episódios anteriores de infecção cutânea, tratados com diversos antibióticos, com recidivas frequentes. O exame físico confirmou lesões profundas e dolorosas, associadas à linfadenomegalia regional. A citologia de impressão revelou intensa piogranulomatose com presença de cocos intracitoplasmáticos. Foi realizada cultura bacteriana com antibiograma, que identificou a bactéria: *Staphylococcus pseudintermedius* multirresistente, com resistência às classes: penicilinas, cefalosporinas de 1^a e 2^a geração, quinolonas e macrolídeos. A sensibilidade foi mantida apenas para cloranfenicol e pradofloxacino. Frente ao quadro, iniciou-se terapia com pradofloxacino oral (3 mg/kg SID), banhos semanais com clorexidina 4% e cuidado rigoroso do ambiente. A terapia foi mantida por 8 semanas, com reavaliações quinzenais. Observou-se regressão gradual das lesões, com completa remissão após o término do protocolo. Para controle da dermatite atópica subjacente, foi instituído tratamento com oclacitinib (0,6 mg/kg BID) e dieta hipoalergênica. O paciente permaneceu sem recidivas por mais de seis meses. A piodermite profunda associada à resistência antimicrobiana representa um cenário clínico desafiador. Cães atópicos apresentam recorrência de infecções cutâneas, o que favorece a seleção de cepas resistentes. A realização de cultura e antibiograma é essencial para evitar o uso empírico ineficaz. O uso racional de antimicrobianos, aliado a terapias adjuvantes como shampoos antissépticos e controle da doença de base, é fundamental para o sucesso terapêutico. Este caso também destaca a importância do tratamento da atopia como fator primário para a prevenção de infecções secundárias. A incorporação de fármacos imunomoduladores e manejo nutricional contribuem significativamente para a redução da recorrência. Portanto, a abordagem integrada entre antibiograma, controle do agente etiológico e tratamento da dermatopatia de base foi essencial para o sucesso terapêutico neste caso de piodermite profunda multirresistente. A vigilância microbiológica e o uso criterioso de antibióticos são medidas indispensáveis para o manejo de infecções cutâneas complexas em cães atópicos.

Palavras-chave: Antibióticos; Cães; Dermatite; Lesão; Piodermite.

Piometra como Desencadeador de Aderência Intra-Abdominal em Cadelas com Nove Meses: Relato de caso.

Caio da Silva Afonso¹, Anna Júlia Brandão de Souza¹, Caian Romero Paiva¹, Gabriela Ferreira Mol Soares¹, Gustavo Al gusto dos Santos Ferreira¹ & Ana Carolina de Souza Campos².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A piometra (PM) é um acúmulo de material purulento no interior do útero, sendo a *Escherichia coli* o principal agente isolado em pequenos animais. Geralmente, sua incidência está relacionada às cadelas adultas e idosas não castradas que passaram por diversos ciclos estrais, com idade média de 7 anos. Sendo raro o acometimento de animais jovens. Este relato visa descrever o tratamento eficaz de um caso de PM em uma cadelha Shih Tzu com nove meses de idade, que apresentou aderência intra-abdominal e sepse. Na anamnese, havia histórico recente de estro, corrimento vaginal mucopurulento e sanguinolento. O exame físico indicou dor à palpação abdominal e o hemograma evidenciou anemia normocítica normocrômica arregenerativa, leucocitose com desvio à esquerda, neutrofilia e eosinofilia absolutas, além de hiperproteinemia. Com o auxílio da ultrassonografia abdominal (USA) foi evidenciado espessamento de corpo e cornos uterinos bem como a presença de conteúdo ecogênico e celularidade em seu interior. O animal foi submetido à ovariohisterectomia (OVH) e durante o transoperatório detectou-se a adesão do útero ao intestino delgado. A adesiólise e a posterior remoção do útero e ovários englobaram o tratamento cirúrgico. A hiperplasia endometrial cística (HEC) é mediada pela alta ou prolongada produção de progesterona ou administração exógena desta, que apesar de não causar manifestações clínicas, pode induzir ou ocorrer concomitantemente a infecção uterina. Durante o diestro, o útero se torna mais suscetível à colonização de bactérias, podendo evoluir para piometra. A infecção, caso não seja controlada pode levar a septicemia e ao processo inflamatório exacerbado, podendo ser fibrinoso ou fibroso, induzindo a adesão de órgãos da cavidade abdominal e isquemia. Neste caso, a indicação é a adesiólise e a remoção de tecidos adjacentes envolvidos como realizado neste relato. A piometra também deve ser considerada um diagnóstico diferencial em cadelas jovens que apresentem sintomas que coincidem com esta infecção e a castração continua sendo a principal medida profilática. Uma abordagem diagnóstica precoce e completa, com a avaliação física, análises laboratoriais e uso da USA como ferramenta para a detecção da afecção, contribuíram para um manejo e intervenção adequados assim como para o bom prognóstico da paciente.

Palavras-chave: Adesiólise; *Escherichia coli*; Hiperplasia endometrial cística; Ovariohisterectomia; Ultrassonografia abdominal.

Plasmocitoma Extramedular Maligno em Cavidade Oral de Gambá-de-Orelha-Preta (*Didelphis aurita*) - Relato de Caso.

Marina Lima Gianastacio¹, Tiago Figueiredo Guedes², Júlia de Souza Pontes Barbosa², Jorge Augusto Lima Filho³, Leandro Soares de Paula³ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes⁴.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ³Médico (a) Veterinário (a) Autônomo (a), Três Rios-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Plasmocitomas são neoplasias originadas de plasmócitos e podem se apresentar como medulares ou extramedulares, sendo esta última geralmente de comportamento benigno. No entanto, casos de plasmocitomas extramedulares malignos são raros, especialmente na medicina veterinária, onde esses tumores representam cerca de 1,5% das neoplasias cutâneas em cães, sendo ainda mais raro seu relato em espécies silvestres. A invasão local para estruturas adjacentes, como a órbita, é um achado incomum, mas clinicamente relevante devido aos desafios terapêuticos e prognóstico reservado. Este trabalho descreve um plasmocitoma extramedular oral com compressão orbitária, tratado por meio de enucleação unilateral, em um exemplar idoso gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*), destacando a importância do diagnóstico histopatológico para o manejo multidisciplinar. O objetivo deste trabalho é apresentar um caso atípico de plasmocitoma extramedular maligno localizado na cavidade oral de um gambá-de-orelha-preta, com invasão da órbita ocular, abordando os aspectos clínicos, os exames complementares realizados e a evolução do quadro. Além disso, o trabalho visa contribuir positivamente para a bibliografia veterinária, preenchendo uma lacuna no conhecimento sobre neoplasias em marsupiais silvestres. O caso envolveu um gambá-de-orelha-preta, fêmea, de aproximadamente três anos de idade e peso corporal de 3 kg, atendida com histórico de sangramento ativo há cerca de uma semana e presença de massa ulcerada na cavidade oral, exoftalmia progressiva ipsilateral à massa e dor local à palpação. Apesar do quadro clínico, o animal alimentava-se e hidratava-se normalmente. Ao exame físico, identificou-se protusão do globo ocular esquerdo, atribuído à presença da massa, confirmado através do exame radiográfico. A avaliação citológica do tumor, foi realizada através da técnica de punção por agulha fina (PAF), revelando células linfoides com características sugestivas de malignidade, incluindo a presença de *flame cells*, sendo o diagnóstico de plasmocitoma confirmado em exame histopatológico. Foi feita a cirurgia de enucleação do olho esquerdo, seguida da ressecção da massa tumoral com o uso do bisturi elétrico. O protocolo pós-operatório incluiu a administração de antimicrobianos de amplo espectro, analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais, para o controle da dor e inflamação local. Este relato constitui o primeiro caso documentado de plasmocitoma extramedular maligno na cavidade oral de um gambá, preenchendo uma lacuna crítica na literatura veterinária de animais silvestres. A ausência de registros prévios pode sugerir uma subnotificação em marsupiais: a raridade pode refletir falta de investigação anatopatológica em espécies selvagens, não a ausência da doença; ou dificuldades de diagnósticos diferenciais, uma vez que lesões orais em gambás são atribuídas a traumas ou infecções, retardando a suspeita oncológica. Este relato ressalta a importância de um exame clínico detalhado e do diagnóstico precoce, por métodos combinados (citologia e histopatologia). A enucleação mostrou-se uma medida paliativa eficaz para preservar a qualidade de vida do animal, porém o prognóstico a longo prazo permanece reservado. Relatos como este contribuem para a compreensão das apresentações atípicas e estratégias de manejo e reforçam a necessidade de vigilância oncológica em espécies silvestres para garantir o bem-estar e a sobrevida destes animais.

Palavras-chaves: Animais silvestres; Citologia; Diagnóstico; Marsupiais; Neoplasia

Pneumonia Intersticial e Hipertensão Pulmonar Associadas à Suspeita de Ehrlichiose em um Cão: Relato de Caso.

Juliana Barros Oliveira¹, Giullia Bisighini de Barros Bella Cunha¹, Izabela da Macena Junjer¹, Melissa Duarte Sobrinho¹ & Mario dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A ehrlichiose monocítica canina (EMC), causada por *Ehrlichia canis*, que é uma bactéria pleomórfica que infecta monócitos circulantes e pode provocar manifestações sistêmicas diversas em cães. Apesar de sintomas respiratórios serem frequentes na *ehrlichiose monocítica* humana, sua ocorrência em cães é rara e pouco documentada. O relato de caso está associado a um caso de um cão macho, sem raça definida, de sete anos, resgatado das ilhas de Cabo Verde, apresentando dispneia progressiva, letargia e intolerância crônica leve ao exercício, destacando-se como possível manifestação pulmonar da EMC. Os materiais e métodos escolhidos foram exames físicos detalhados, radiografias torácicas, ecocardiografia, gasometria arterial, hemograma completo, bioquímica sérica, sorologia por imunofluorescência e reação em cadeia da polimerase (PCR) para *Ehrlichia canis*. A partir dos resultados obtidos, o cão apresentava cardiomegalia direita, padrão intersticial pulmonar difuso e dilatação da artéria pulmonar. A ecocardiografia mostrou hipertensão pulmonar grave, com gradiente de pressão tricúspide de 136 mmHg. O hemograma revelou anemia microcítica hipocrômica, leucocitose com desvio à esquerda e trombocitopenia grave. A gasometria arterial indicou hipoxemia severa e a sorologia IgG foi altamente positiva, embora a PCR tenha sido negativa. Baseando-se nos achados clínicos, laboratoriais e epidemiológicos, iniciou-se tratamento com oxigenoterapia, transfusão de hemácias, doxiciclina, pimobendan e sildenafila. E tiveram como resultado a melhora clínica significativa do paciente após alguns dias, com resolução completa dos sinais clínicos em 17 dias, normalização dos parâmetros hematológicos e desaparecimento da regurgitação tricúspide. A radiografia e ecocardiografia de controle mostraram reversão da cardiomegalia e melhora do padrão pulmonar. Quatro semanas após a alta, o cão foi reavaliado e encontrava-se clinicamente bem, embora apresentasse anemia leve persistente e hiperproteinemia contínua. A proteinúria havia desaparecido e o tratamento com doxiciclina foi mantido por mais quatro semanas. Contudo, o animal foi a óbito durante o acompanhamento após este período. A discussão e considerações finais foram no sentido de que, embora sinais respiratórios não sejam clássicos na EMC canina, devem ser considerados no diagnóstico diferencial, especialmente em pacientes oriundos de regiões endêmicas. A associação entre EMC e hipertensão pulmonar, embora rara, mostrou-se reversível com tratamento adequado. Logo é perceptível que a EMC pode estar associada a doença pulmonar significativa e deve ser considerada como um possível diagnóstico diferencial em cães que apresentam dispneia e hipertensão pulmonar secundária, especialmente em cães que estiveram em áreas endêmicas. E isso se torna importante porque a EMC é uma doença tratável e suas manifestações pulmonares e cardíacas secundárias podem ser completamente reversíveis.

Palavras-chave: Cardiopatia; Ehrlichiose; Pneumonia Intersticial; Hipertensão Pulmonar; Cães.

Possíveis Alterações Cardiorrespiratórias Causadas pela Compressão Tumoral.

Maria Eduarda Bispo dos Reis Di Iorio¹, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹, Rosalina Marques Laré¹, Jade Moura de Sá¹, Ana Carolina de Souza Campos² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A compressão tumoral é comum em tumores intratorácicos ou próximos ao coração e vias aéreas. Dependendo da localização e agressividade, pode causar distúrbios respiratórios e hemodinâmicos, desde sintomas leves até insuficiência cardíaca. Este artigo revisa as alterações cardiorrespiratórias associadas a esses tumores. Realizou-se uma revisão bibliográfica de 2010 a 2024, com artigos de PubMed, Scopus e Google Scholar, sobre alterações cardiorrespiratórias causadas pela compressão mediastinal e torácica por tumores, incluindo casos clínicos, revisões e artigos sobre manejo terapêutico e suas consequências hemodinâmicas, respiratórias e neurológicas. A compressão tumoral pode afetar vias aéreas e pulmões, causando tosse, estridor e dispneia. Tumores mediastinais obstruem vias aéreas superiores, e a compressão dos brônquios pode causar atelectasia, hipoxemia e infecções. A compressão de grandes vasos pode resultar em síndrome da veia cava superior, com edema facial, distensão jugular e cianose. Alterações cardíacas são comuns, com compressão do pericárdio ou câmaras cardíacas podendo causar tamponamento e insuficiência cardíaca. Tumores mediastinais, como mesoteliomas, afetam o enchimento diastólico, levando à insuficiência cardíaca direita. A compressão da artéria pulmonar pode causar hipertensão pulmonar, sobrecarregando o ventrículo direito e resultando em insuficiência cardíaca direita. A compressão do nervo frênico pode causar paralisia diafragmática, prejudicando a mecânica respiratória. Também há efeitos no sistema nervoso autônomo, com taquicardia ou bradicardia devido à compressão de estruturas me-diastinais. A compressão tumoral intratorácica pode causar alterações respiratórias e insuficiência cardíaca. Tumores mediastinais obstruem vias aéreas e pulmão, causando atelectasia e hipoxemia. O diagnóstico precoce é crucial para o tratamento adequado. A compressão de grandes vasos pode causar alterações hemodinâmicas graves, como a síndrome da veia cava superior, com edema facial, distensão jugular e dispneia. Tumores cardíacos podem levar a tamponamento e insuficiência cardíaca, dificultando o diagnóstico e tratamento. A compressão do nervo frênico afeta a mecânica respiratória. A hipertensão pulmonar, comum na compressão da artéria pulmonar, pode sobrecarregar o ventrículo direito e causar insuficiência cardíaca, exigindo tratamento. O tratamento pode envolver cirurgia, radioterapia ou quimioterapia, conforme o tumor. O manejo das complicações cardiorrespiratórias exige uma abordagem multidisciplinar, com foco na estabilização hemodinâmica e suporte respiratório. A compressão tumoral pode causar distúrbios cardiorrespiratórios graves, afetando estruturas vitais. O diagnóstico precoce e intervenção são essenciais para reduzir morbidade e mortalidade. Identificar complicações como obstrução das vias aéreas, hipertensão pulmonar e insuficiência cardíaca é crucial para o tratamento. Estudos futuros são necessários para melhorar terapias e entender os mecanismos fisiopatológicos.

Palavras-chave: Carcinomas; Dispneia; Hipoxemia; Insuficiência Cardíaca; Mediastino.

Principais Causas de Distocias em Vacas e Técnicas para Correção: Revisão de Literatura.

Mariana Cortes Alves¹, Ester Costadela Valle¹, Maria Fernanda Barbosa Soares¹, Alice Vargas Peralta¹, Maria Carolina Castro Dragon Gonçalves Costa¹ & Pedro Henrique Evangelista Guedes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Dentre os animais domésticos, a espécie bovina é a que mais apresenta casos de distocia, exigindo frequentemente a intervenção veterinária. Essas ocorrências demandam desde manobras obstétricas até procedimentos cirúrgicos, como a cesariana ou a fetotomia, dependendo da gravidez e da causa envolvida. A atuação rápida e eficiente do médico-veterinário é essencial para reduzir perdas econômicas e preservar o bem-estar da matriz e do bezerro. O Brasil, detentor do maior rebanho bovino comercial do mundo, enfrenta esse desafio com frequência, sendo a distocia uma das principais causas de mortalidade perinatal em bezerros. Fatores como raça, conformação corporal e cruzamentos industriais aumentam a predisposição à distocia, que pode ocorrer por causas maternas ou fetais. Entre os sinais clínicos do parto em vacas estão o edema e a flacidez da vulva, sendo que a fase de expulsão pode durar de uma a quatro horas. Durante o parto, três fatores devem ser avaliados: a força de expulsão, o canal do parto e o feto. A distocia é caracterizada quando qualquer um desses elementos compromete o nascimento. As causas maternas mais comuns ocorrem em vacas primíparas e incluem atonia ou hipertonia uterina, estreitamento das vias fetais, torção uterina, prolápso e contrações inadequadas. Já as causas fetais englobam malformações, má posição fetal, fetos excessivamente grandes e gestação gemelar. No último mês de gestação, o bezerro realiza ajustes posturais, como rotação e extensão dos membros, para posicionar-se corretamente no canal do parto. Quando isso não acontece, são necessárias manobras obstétricas como retropulsão, tração, rotação e versão, a fim de reposicionar o feto e facilitar o nascimento. Em casos mais complexos, recorre-se à cesariana, indicada quando o feto está em posição incorreta ou apresenta tamanho incompatível com o canal pélvico. O procedimento pode ser realizado por diferentes abordagens, sendo a incisão no flanco esquerdo a mais comum. A escolha depende das condições da matriz e do feto, bem como do grau de contaminação do útero. A cirurgia é realizada sob anestesia peridural e bloqueio paravertebral, com exteriorização do útero para incisão e retirada do feto. Conclui-se que a distocia é um problema recorrente na bovinocultura e que seu manejo exige conhecimento técnico e tomada de decisão adequada. A prevenção é possível por meio de um controle reprodutivo eficiente, evitando a cobertura de fêmeas muito jovens ou com escore corporal inadequado, além do uso criterioso de touros com histórico de crias leves ao nascimento. O manejo nutricional das matrizes também é essencial, especialmente quanto à suplementação de cálcio e outros minerais essenciais à fisiologia do parto.

Palavras-chave: Bovinos; Distocia; Obstetrícia; Cesárea; Reprodução.

Profilaxia Umbilical em Bezerros Neonatos.

Ricardo Antônio de Souza Nascimento¹, Bruna Marinho de Sousa Santos¹, Gabriel Leal do Nascimento¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo O tratamento profilático do umbigo em bezerros neonatos constitui uma medida fundamental na prevenção de infecções umbilicais, as quais representam importante fator de morbidade e mortalidade neonatal. Apesar do amplo reconhecimento científico sobre sua relevância, distúrbios umbilicais permanecem recorrentes nos sistemas de produção brasileiros, em grande parte devido à falha na implementação de protocolos padronizados por parte dos tratadores e produtores. Em condições de campo, observa-se predominância na utilização de antissépticos em spray, em virtude da praticidade de aplicação. No entanto, tal prática muitas vezes compromete a eficácia do procedimento, não permitindo penetração adequada da substância antisséptica no interior do coto umbilical. O objetivo dessa revisão de literatura é destacar os métodos de antisepsia e cura de umbigo de bezerros e seus impactos na saúde neonatal, com consulta a artigos científicos encontrados no SciELO e Google Acadêmico. Durante a fase fetal, o cordão umbilical exerce função vital ao permitir a troca de substâncias entre a mãe e o conceito, transportando oxigênio e nutrientes, e eliminando catabólitos fetais. Após o nascimento, os vasos umbilicais progressivamente se ocluem, enquanto ocorre a retração e cicatrização do coto. Nesse intervalo, o umbigo representa uma via potencial de entrada para microrganismos patogênicos. A falha na correta antisepsia e desinfecção do coto pode resultar em afecções como onfalite, onfaloflebite, onfaloarterite ou infecção do úraco, favorecendo a ascensão de microrganismos para a cavidade abdominal e comprometendo órgãos vitais. Dessa forma, recomenda-se que o tratamento do umbigo seja iniciado nas primeiras horas de vida do neonato, utilizando-se solução antisséptica, comumente de iodo a 10% no primeiro dia, seguido do uso dele a 5%, na forma de imersão. Este método permite que o antisséptico atinja estruturas internas do coto, promovendo ação antimicrobiana eficaz e desidratação do tecido, contribuindo para sua mumificação. O protocolo ideal preconiza a imersão do umbigo duas vezes ao dia, até que o coto desprenda da parede abdominal. A utilização de aplicadores com sistema sem retorno é recomendada para evitar a contaminação cruzada da solução antisséptica. Substâncias alternativas à base de clorexidina ou outros compostos apresentam eficácia reduzida na desidratação do coto e, portanto, não são indicadas como primeira escolha para esse fim. Além do tratamento curativo, o monitoramento contínuo da região umbilical deve ser incorporado à rotina de manejo sanitário neonatal, por meio de inspeção visual e palpação, a fim de detectar precocemente sinais inflamatórios ou infecciosos. Ressalta-se que o ambiente de nascimento e alojamento dos bezerros é fator crítico na prevenção de infecções: instalações sujas, úmidas ou com acúmulo de matéria orgânica interferem negativamente na ação do iodo, favorecendo o crescimento bacteriano. Portanto, além da cura adequada do umbigo, medidas higiênico-sanitárias rigorosas no local de parição e alojamento são indispensáveis para a manutenção da saúde neonatal e a redução da incidência de enfermidades umbilicais. Conclui-se que a cura adequada do umbigo, com soluções antissépticas adequadas até a total deiscência do coto é fundamental para prevenir infecções neonatais em bezerros, com impacto direto na saúde dos neonatos, na produtividade e no bem-estar dos rebanhos.

Palavras-chaves: Antisepsia; Bovinos; Manejo sanitário; Neonato; Solução de iodada.

Prognóstico e Fatores Prognósticos Associados ao Tumor de Mama em Cadelas: Um Estudo Retrospectivo.

Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Lara dos Santos Gomes¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Anna Carolina Benício Fernandes¹, Gabriel Duque Vargas¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Os tumores de mama são neoplasias frequentes em cadelas não castradas, representando cerca de 50% de todas as neoplasias nessa espécie. Dentre esses tumores, aproximadamente 50% são malignos, variando em agressividade e comportamento biológico. Fatores prognósticos como tamanho, metástase, grau histológico e expressão de receptores hormonais são fundamentais na evolução clínica do quadro. O objetivo deste estudo foi avaliar os fatores prognósticos associados à sobrevida de cadelas diagnosticadas com tumor de mama, correlacionando-os com os desfechos clínicos. Com isso, realizou-se um estudo retrospectivo com cadelas diagnosticadas com tumor de mama entre 2015 e 2023, atendidas em uma clínica veterinária de referência. Foram analisados prontuários de pacientes submetidas à mastectomia, com dados como idade, status reprodutivo, tamanho e localização do tumor, presença de metástases, classificação histopatológica e tempo de sobrevida. As pacientes foram acompanhadas por no mínimo 12 meses após a cirurgia. A análise estatística utilizou o teste de Kaplan-Meier para estimar a sobrevida e o teste de log-rank para comparar os grupos. As neoplasias mamárias são comuns em cadelas não castradas, apresentando grande relevância na medicina veterinária. Estudos recentes aprofundaram a compreensão dos fatores prognósticos que influenciam a sobrevida e progressão dessas neoplasias. Alguns dos fatores prognósticos analisados foram tumores com mais de 3 cm estão associados a prognóstico desfavorável, com maior risco de metástases e menor tempo de sobrevida. A presença de metástases regionais ou distantes no diagnóstico é fator prognóstico negativo importante, reduzindo significativamente a sobrevida, assim como o alto grau histológico em tumores que apresentam comportamento mais agressivo e estão associados a pior prognóstico. A expressão de marcadores como Ki-67 e COX-2 está associada à agressividade tumoral e redução da sobrevida, altos níveis de Ki-67 correlacionam-se com maior grau tumoral e metástases, enquanto a superexpressão de COX-2 está relacionada a menor sobrevida. Considerando os fatores de risco o status reprodutivo e castração prévia influenciam complexamente no desenvolvimento dos tumores. Embora alguns estudos indiquem que a castração precoce pode reduzir o risco, outros não confirmam esse efeito. O excesso de peso também é identificado como fator de risco para tumores malignos, provavelmente pela maior produção de estrogênios pelo tecido adiposo. Além disso, raças como Yorkshire Terrier e Poodle, bem como cadelas de grande porte, têm maior risco de desenvolver neoplasias malignas. Compreender os fatores prognósticos é essencial para o manejo clínico dos tumores mamários em cadelas. O tamanho tumoral e a presença de metástases são os principais indicadores prognósticos. A análise de biomarcadores como Ki-67 e COX-2 oferece informações adicionais sobre agressividade tumoral e ajuda na escolha terapêutica. A relação entre castração e risco de tumor ainda é debatida, indicando necessidade de estudos adicionais. Obesidade e predisposição racial também devem ser considerados na avaliação de risco e medidas preventivas. Em conclusão, o tamanho do tumor e a presença de metástases são fatores determinantes na sobrevida de cadelas com tumor de mama. É importante a castração como prevenção, além disso, o diagnóstico precoce e abordagem cirúrgica rápida são essenciais para melhorar o prognóstico.

Palavras-chaves: Castração, Mastectomia, Neoplasia, Prognóstico, Tumor mamário.

Rabdomiólise Equina: Revisão de Literatura.

Lívia Maria Souza de Andrade¹, Leonardo Freire Quintanilha¹, Fabiana Alves Ezidio¹, Thaynná Kelly de Souza¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A rabdomiólise é uma patologia provocada pela necrose das células musculares esqueléticas, com a consequente liberação de vários constituintes celulares para a circulação. Diante disso, os animais apresentam alterações laboratoriais e manifestações clínicas, com gravidade variável, desde casos assintomáticos ou com a elevação das enzimas musculares, sem repercussões clínicas significativas, até possíveis casos de insuficiência renal grave ou arritmias ventriculares por causa das variações hidroelectrolíticas e metabólicas. O objetivo deste resumo é descrever a patologia, os sinais clínicos, o diagnóstico e o tratamento proposto na literatura, sendo uma doença que deve ser tratada de forma rápida e eficaz. A base de dados da pesquisa foi a Pubmed e Google Scholar (Google Acadêmico). Os sinais clínicos da rabdomiólise equina são diversos, sendo que o animal pode apresentar desde uma leve rigidez ao caminhar, encurtamento do passo, baixo desempenho, até a incapacidade de se locomover, decúbito ou até óbito. A forma aguda é caracterizada pela exposição do animal a um exercício com uma intensidade maior que o seu condicionamento, não sendo necessário ser extenuante, levando o animal a apresentar rigidez, dor à palpação nos grupamentos musculares epaxial **e glúteo, exaustão, espasmos, sudorese excessiva, desidratação, e por vezes, diferentes graus de mioglobinúria**. Em casos graves o animal pode apresentar sinais de choque, coagulação intravascular disseminada e falência renal aguda. Já a forma crônica se caracteriza pela redução do desempenho atlético do animal ao longo do tempo ou vários episódios recorrentes da patologia, ou seja, na forma aguda as fibras musculares se apresentavam preservadas anteriormente a manifestação clínica, na forma crônica as alterações clínicas são decorrentes de lesão muscular pré-existente, o que pode acarretar a manifestação de sinais com exercícios leves. O diagnóstico precoce é primordial para evitar complicações ao animal, sendo realizado através do histórico, dos sinais clínicos e exame físico minucioso, além dos exames laboratoriais complementares (bioquímica, hemograma e pesquisa de hemoparasitas). O tratamento a longo prazo e a prevenção compreende a correção nas deficiências simultâneas de quaisquer vitaminas, minerais, eletrólitos e é essencial fornecer uma dieta rica em fibras (capim ou feno de boa qualidade), para animais com miopatia por acúmulo de polissacarídeo. Portanto, é uma patologia de alto risco que deve ter um diagnóstico e tratamento rápido e eficaz para evitar a insuficiência renal. No tratamento são prescritos diversos fármacos que apresentam um custo elevado, o que torna a prevenção a melhor escolha. Diante disso, o melhor método de prevenção é o treinamento contínuo (com exercícios de quinze minutos e em dias alternados), suplementação de vitamina E e selênio, alimentação de boa qualidade (feno ou capim) e evitar o excesso de concentrado para animais em repouso.

Palavras-chaves: Lesão muscular; Mal da segunda-feira; Mioglobinúria; Movimento; Polissacarídeo .

Reprodução Bovina e Sustentabilidade: Revisão de Literatura.

Lorran de Oliveira Rosa do Vale¹, João Guilherme Ferreira Portugal¹, Caio Fachini Lopes de Almeida¹ & Pedro Henrique Evangelista Guedes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A pecuária bovina desempenha um papel crucial na economia global, sendo responsável por gerar empregos e da grande parte da produção de proteína animal. Por outro lado, as práticas tradicionais de bovinocultura têm causado significativos impactos ambientais, como a degradação do solo, contaminação das águas, perda de biodiversidade e a emissão de gases de efeito estufa (GEE). Tais problemas tornam urgente a necessidade de se desenvolver e programar práticas de manejo que possam sustentar a produtividade da bovinocultura sem comprometer o meio ambiente. Assim, a produção sustentável na bovinocultura tem ganhado destaque nas últimas décadas, sendo objeto de diversas pesquisas que buscam equilibrar eficiência produtiva com preservação ambiental. O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão bibliográfica sobre métodos sustentáveis na bovinocultura. Para a realização desta revisão de literatura, foram selecionadas publicações em sites como Embrapa e Ouro Fino Saúde Animal, artigos, dissertações e estudos publicados em periódicos científicos e relatórios técnicos. A sustentabilidade na bovinocultura pode ser alcançada através da adoção de práticas integradas e de manejo avançado, como a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) e o Pastoreio Racional Voisin (PRV). A ILPF é amplamente defendida por sua capacidade de promover a recuperação de pastagens degradadas, aumentar a produtividade por hectare e mitigar as emissões de GEE. Estudos indicam que a introdução de árvores nas pastagens proporciona sombra e conforto térmico aos animais, além de melhorar a conservação do solo e a biodiversidade local. Adicionalmente, a combinação de culturas anuais e perenes otimiza o uso dos recursos naturais e aumenta a eficiência na utilização de nutrientes. O PRV, por sua vez, foca na gestão cuidadosa das pastagens, respeitando os ciclos naturais das plantas e as necessidades alimentares dos animais. Esse sistema se baseia em quatro leis fundamentais que regulam o tempo de descanso e de ocupação das pastagens, garantindo uma produção contínua e de alta qualidade de forragem. A aplicação correta do PRV tem demonstrado reduzir significativamente a emissão de metano por unidade de carne produzida, ao mesmo tempo que aumenta a produtividade do rebanho. A revisão da literatura evidencia que a adoção de práticas como a ILPF e o PRV são essenciais para a sustentabilidade na bovinocultura. Esses sistemas não apenas mitigam os impactos ambientais da produção de carne e leite, mas também promovem uma maior eficiência produtiva, o que é fundamental diante do crescente desafio de atender à demanda mundial por alimentos. No entanto, a implementação dessas práticas requer uma adaptação dos sistemas de produção tradicionais, além de políticas públicas que incentivem e suportem a transição para modelos mais sustentáveis. Conclui-se, portanto, que a produção sustentável na bovinocultura é viável e necessária, mas demanda uma combinação de inovação tecnológica, conhecimento técnico e suporte institucional para seu pleno desenvolvimento.

Palavras-chave: Agrosilvopastoris; Pastoreio Racional; Sistemas Integrados; Zootecnia.

Resistência à Insulina em Gato com Hiperadrenocorticismo e Acromegalia Simultâneos: Relato de Caso.

Luana Costa Ferreira¹, Ana Maria Laurindo Portella¹, Cecília Torres Alves¹, Mel da Matta do Carmo¹, Renata Fernandes Ferreira de Moraes² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ. ²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A resistência severa à insulina em gatos é frequentemente associada a doenças endócrinas subjacentes, como hiperadrenocorticismo (HAC) e acromegalia. Enquanto o HAC felino é uma condição rara, a acromegalia é mais comum em gatos diabéticos de difícil controle, sendo causada por um adenoma hipofisário secretor de hormônio do crescimento (GH). A ocorrência simultânea dessas endocrinopatias em um mesmo paciente é extremamente incomum, tornando o diagnóstico e o manejo um desafio. O relato descreve um caso de um gato macho, 11 anos, com diabetes mellitus (DM), no qual foram identificadas duas endocrinopatias concomitantes, evidenciadas por hipercortisolismo e níveis elevados do fator de crescimento semelhante à insulina tipo 1 (IGF-1). O animal foi atendido com histórico de polifagia, poliúria, polidipsia e perda de peso progressiva. O paciente foi diagnosticado com (DM) e estava em tratamento com insulina glargina, sem melhora da hiperglicemia. No exame físico foi possível observar estado corporal caquético, apesar do aumento de apetite e volume da cabeça e mandíbula, prognatismo inferior, pelagem opaca, com alopecia leve, pressão arterial 190 mmHg e glicemia de jejum 450 mg/dL, mesmo sob insulinoterapia intensiva. Com a suspeita de uma condição endócrina subjacente contribuindo para a resistência insulínica, foram realizados exames laboratoriais e de imagem, tendo como resultado nos laboratoriais a frutosamina > 500 µmol/L (controle glicêmico insatisfatório), no hemograma e bioquímica não havia alterações significativas além da hiperglicemia persistente. Os perfis hormonais o cortisol basal a 7,5 µg/dL (aumento significativo), o teste de supressão com dexametasona em baixa dose sem supressão adequada do cortisol, confirmando HAC e o IGF-1 a 1.200 ng/mL, sugestivo de acromegalia. Os resultados dos exames imagem foram glândulas adrenais assimétricas, compatível com HAC e hipófise aumentada, sugestiva de adenoma hipofisário secretor de GH (acromegalia). Com base nos achados laboratoriais e de imagem, o diagnóstico final foi hiperadrenocorticismo associado à acromegalia, resultando em resistência grave à insulina. Inicialmente, optou-se por controlar o HAC, já que o hipercortisolismo pode piorar a resistência insulínica. O tratamento foi iniciado com trilostano, com ajuste baseado em monitoramento do cortisol. Após três semanas, observou-se redução da dose de insulina, controle glicêmico e redução dos episódios de poliúria e polidipsia. A acromegalia é causada por um tumor hipofisário funcional, o tratamento definitivo envolveria hipofisectomia transesfenoidal, procedimento pouco disponível. Como alternativa paliativa, considerou-se o uso de análogos da somatostatina para reduzir a produção de GH e IGF-1. O tutor optou por adiar a cirurgia e seguir com monitoramento clínico, uma vez que a melhora da resistência insulínica já era perceptível com o controle do HAC. A coexistência do HAC e acromegalia em gatos é extremamente rara e representa um desafio diagnóstico e terapêutico. Ambas as condições promovem resistência insulínica, e sinais clínicos sobrepostos. A terapia é desafiadora, pois o controle glicêmico pode ser comprometido por ambas as doenças. O tratamento deve ser feito de diferentes formas, unindo medicamentos, radioterapia e hipofisectomia. Nesse caso o tutor optou pelo manejo clínico, a insulinoterapia foi ajustada conforme a resposta ao tratamento. Com a terapia inicial, houve redução da dose de insulina e melhora da qualidade de vida do paciente, evidenciando a importância do diagnóstico preciso e do tratamento multimodal.

Palavras-chave: Acromegalia, Diabetes mellitus, Felino, Glicemia, Insulinoterapia.

Resistência Antimicrobiana na Clínica de Pequenos Animais, Grandes Animais e Animais Silvestres: Uma Revisão de Literatura.

Thallys Bastos Biaggi Saiol Santos¹, Ingrid Rocha Silva Nascimento¹, Mario Tatsuo Makita², Ana Paula Martinez Abreu³, Erica Cristina Rocha Roier³ e Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A resistência antimicrobiana (RAM) é um fenômeno global que compromete a eficácia de tratamentos tanto na medicina humana quanto na veterinária, sendo considerada uma ameaça crescente à saúde pública. Esta resistência ocorre quando microrganismos antes sensíveis tornam-se capazes de sobreviver e proliferar mesmo diante da exposição a antibióticos, resultando em falhas terapêuticas, aumento da morbidade e mortalidade animal, além de representar um potencial risco zoonótico. No contexto da clínica veterinária de pequenos animais, a RAM tem ganhado destaque devido ao uso frequente e muitas vezes inadequado de antibióticos em cães e gatos, o que contribui para o surgimento de microrganismos resistentes. Agentes como *Escherichia coli*, *Staphylococcus pseudintermedius* e *Enterococcus spp.* vêm apresentando elevados índices de resistência em infecções urinárias, cutâneas e respiratórias. O uso empírico de antimicrobianos, a prescrição sem base em exames laboratoriais e a baixa adesão aos testes de sensibilidade antimicrobiana favorecem o agravamento desse cenário, destacando-se a resistência à meticilina (MRSP), especialmente em infecções por *Staphylococcus pseudintermedius*, como um desafio terapêutico importante. Este trabalho consiste em uma revisão de literatura cujo objetivo é abordar os aspectos epidemiológicos da RAM na clínica de pequenos animais, discutir os fatores envolvidos na sua disseminação e propor estratégias para sua mitigação. A metodologia utilizada baseou-se na análise crítica de artigos científicos, documentos institucionais e diretrizes internacionais relevantes publicados entre 2011 e 2023, com ênfase nos estudos que abordam a RAM sob a perspectiva da saúde única (*One Health*). Os resultados demonstram que a RAM é amplamente favorecida por práticas como o uso indiscriminado de antibióticos de amplo espectro, a automedicação por tutores, a ausência de controle rigoroso na dispensação desses medicamentos e a negligência no cumprimento dos protocolos terapêuticos. Discussões sobre o papel dos médicos veterinários destacam a importância da capacitação contínua desses profissionais para a tomada de decisões clínicas baseadas em cultura e antibiograma, além da necessidade de investimentos em diagnóstico laboratorial acessível. Estratégias de combate à RAM incluem a promoção do uso racional de antimicrobianos, a implementação de programas de vigilância microbiológica, a regulamentação mais rígida da prescrição e comercialização de antibióticos e o incentivo ao uso de alternativas terapêuticas, como vacinas, probióticos e bacteriófagos. A abordagem *One Health* é essencial para integrar ações que considerem simultaneamente os aspectos ambientais, animais e humanos da resistência. Conclui-se que a RAM na clínica de pequenos animais é uma realidade preocupante que exige ações coordenadas e baseadas em evidências científicas. A integração entre profissionais da saúde, órgãos reguladores e sociedade é crucial para reduzir o impacto da resistência antimicrobiana, garantir a eficácia terapêutica e preservar a saúde pública no longo prazo.

Palavras-chave: Cães e gatos; Fauna silvestre; Produção animal; Resistência antimicrobiana; Saúde única.

Responsabilidade Civil do Médico Veterinário: Uma Análise Jurídica e Ética da Atuação Profissional.

Yolanda Henrichs Garcia Bandeira Bastos¹, José Carlos Dias Bastos¹, Ana Paula Martinez de Abreu² & Cristiane Borbo-rem Chaché³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A crescente humanização dos animais de companhia transformou a relação entre tutores e seus pets, atribuindo aos médicos veterinários uma responsabilidade cada vez maior, não apenas do ponto de vista técnico, mas também jurídico e ético. Essa mudança de percepção social aumentou a procura por serviços veterinários e, consequentemente, o número de ações judiciais envolvendo profissionais da área. Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é compreender a responsabilidade civil do médico veterinário, identificando os fatores que geram a sua configuração, os deveres éticos da profissão e as medidas que podem ser adotadas para prevenir litígios. A revisão bibliográfica foi realizada com consulta as bases de dados: google acadêmico, scielo, além de ser fundamentada em doutrinas jurídicas, Código de Defesa do Consumidor (CDC), Código Civil, Código de Ética do Médico Veterinário e na avaliação de processos presentes no TJRJ. A investigação buscou compreender a relação contratual e extracontratual estabelecida entre o veterinário e o tutor do animal. O resultado dessa revisão bibliográfica demonstrou que os casos de responsabilização civil do médico veterinário, em sua maioria, decorrem da caracterização dos três elementos clássicos da culpa: negligência, imperícia ou imprudência. Observou-se que os tribunais frequentemente consideram a relação entre tutor e veterinário como uma relação de consumo, o que submete o profissional às regras do Código de Defesa do Consumidor, ampliando sua responsabilidade perante o tutor. Ficou evidenciado que a obrigação do médico veterinário é, predominantemente, uma obrigação de meio, sendo exigido que o profissional empregue todos os recursos e conhecimentos disponíveis, sem garantir necessariamente o sucesso do tratamento. Contudo, situações específicas, como procedimentos estéticos ou reprodutivos, podem configurar obrigação de resultado. Também foi identificado que a ausência de consentimento informado e falhas na comunicação são fatores recorrentes em demandas judiciais. A responsabilidade civil do médico veterinário é um tema que demanda atenção, visto que, além da prática clínica, o profissional precisa adotar condutas preventivas que envolvem ética, transparência e boa comunicação. O aumento da afetividade nas relações humano-animal tem gerado expectativas elevadas em relação aos serviços veterinários, muitas vezes desproporcionais à complexidade dos casos clínicos. A ausência de registros detalhados em prontuário e a falta de consentimento formal contribuem para o aumento da judicialização. A legislação brasileira ainda carece de dispositivos específicos sobre a responsabilidade veterinária, cabendo ao profissional precaver-se com o cumprimento rigoroso do Código de Ética, atualização contínua e documentação adequada. A educação jurídica na formação veterinária pode reduzir falhas de comunicação e auxiliar na compreensão dos direitos e deveres do profissional, promovendo uma prática mais segura para ambas as partes. Conclui-se que a responsabilidade civil do médico veterinário é um tema atual e relevante, exigindo não apenas competência técnica, mas também postura ética e prudente diante dos tutores e da sociedade. O estudo reforça que práticas como consentimento informado, registros completos e comunicação eficiente são essenciais para mitigar riscos jurídicos. Diante de uma sociedade cada vez mais judicializada, a prevenção e a capacitação ética e jurídica são as melhores ferramentas para assegurar uma atuação profissional sólida e responsável.

Palavras-chave: Consentimento informado. Ética profissional. Judicialização. Medicina veterinária. Responsabilidade civil.

Sepse Secundária a Corpo Estranho Linear Intestinal: Relato de Caso.

Maria Clara Pereira da Silva Arruda¹, Ana Lívia Pereira Oliveira¹, Letícia Vitória das Chagas¹, Isabella Esteves Silveira¹ & Guilherme Alexandre Soares Monteiro².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A sepse é uma síndrome clínica grave, causada por conta de uma resposta inflamatória exacerbada e originalmente desencadeada por uma infecção. Essa condição representa uma emergência médica, na qual o diagnóstico precoce é fundamental para aumentar as chances de sucesso terapêutico. No entanto, sua identificação pode ser desafiadora, tendo em vista que os sinais clínicos iniciais costumam ser inespecíficos e semelhantes aos de outras doenças. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de sepse em uma cadela, destacando os achados clínicos-laboratoriais, a abordagem terapêutica e os resultados observados. Foi realizado um atendimento de uma paciente canina, da raça Pit Bull, com sete anos de idade, apresentando um quadro compatível com sepse secundária à presença de corpo estranho linear no intestino delgado. Inicialmente, a suspeita era de obstrução intestinal com recomendação cirúrgica imediata, contudo, o proprietário do animal optou por não realizar a cirurgia no primeiro momento. Após 36 horas da consulta inicial, houve um agravamento no quadro clínico, apresentando prostração, vômito de coloração escura, desidratação e alteração dos parâmetros vitais. Foi realizada uma enterotomia para remoção do corpo estranho, sendo observado, no pós-operatório, um discreto aumento na contagem de leucócitos, embora outros parâmetros, como a desidratação e número de plaquetas continuassem abaixando. No dia seguinte, notou-se a saída de secreção pela linha de sutura, o que levou à necessidade de uma nova intervenção cirúrgica, com a tentativa de anastomose intestinal. Entretanto, o procedimento foi comprometido pela presença de edema e intensa inflamação. Apesar das intervenções realizadas e do suporte clínico, a paciente evoluiu com falência hepática e renal, sendo indicada e realizada a eutanásia após algumas semanas, diante do prognóstico desfavorável. Este relato demonstra a importância da suspeita clínica precoce de sepse e do início imediato da terapia de suporte. Os sinais clínicos inespecíficos dificultam o diagnóstico inicial; porém, a identificação rápida da origem do quadro é fundamental para permitir uma conduta adequada e eficaz, aumentando as chances de recuperação do paciente.

Palavras-chaves: Cadela; Diagnóstico; Emergência infecciosa; Infecção; Intervenção Cirúrgica.

Síndrome de Pandora em Felinos: Revisão de Literatura sobre Etiopatogenia, Diagnóstico e Manejo Clínico.

Nadyne Almeida Martins Bahia¹, Marcella Larissa de Almeida Costa¹, Marina Leal Figueiredo Balthazar¹, Bruna Pereira Gonçalves², Julia Soares Dinelli Maia² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A Síndrome de Pandora em felinos é uma condição complexa e multifatorial que afeta principalmente gatos adultos e está frequentemente associada à cistite idiopática felina (CIF). O termo “Síndrome de Pandora” foi cunhado para descrever uma apresentação sistêmica de alterações comportamentais e urinárias em resposta a estressores ambientais, integrando aspectos neuroendócrinos, comportamentais e imunológicos. Essa síndrome representa um desafio diagnóstico e terapêutico na prática clínica, exigindo uma abordagem holística e individualizada. A presente revisão de literatura tem como objetivo reunir as evidências científicas mais atuais sobre a fisiopatologia, diagnóstico e estratégias de manejo da Síndrome de Pandora em gatos. Foi realizada uma revisão integrativa de literatura nas bases de dados PubMed, Scielo, ScienceDirect e Google Scholar, utilizando os descritores “Feline Pandora Syndrome”, “Feline Idiopathic Cystitis”, “Lower Urinary Tract Disease in Cats” e “Multimodal Environmental Modification in Cats”. Foram selecionados artigos publicados entre 2010 e 2024, com prioridade para revisões sistemáticas, estudos clínicos e diretrizes veterinárias de referência. Os estudos analisados apontam que a Síndrome de Pandora está relacionada a uma disfunção do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, o que torna os felinos mais suscetíveis ao estresse crônico e a manifestações sistêmicas. A inflamação estéril da bexiga é o sinal clínico mais comum, mas outras manifestações, como inapetência, vocalização, comportamento agressivo ou apático e sinais gastrointestinais também podem ocorrer. A abordagem terapêutica inclui modificações ambientais (MEM – modificação ambiental multimodal), manejo do estresse, dieta específica para saúde urinária, uso criterioso de fármacos como analgésicos e ansiolíticos, e o estreito acompanhamento comportamental. A literatura destaca que o sucesso terapêutico está mais relacionado à redução de estressores e ao enriquecimento ambiental do que ao uso isolado de medicamentos. A Síndrome de Pandora em felinos representa um paradigma na medicina veterinária, exigindo uma compreensão interdisciplinar entre medicina interna, comportamento e bem-estar animal. A revisão evidencia que o manejo adequado passa por um diagnóstico clínico criterioso e uma abordagem centrada no ambiente e nas interações sociais do gato. O reconhecimento precoce e o tratamento multimodal são fundamentais para a melhoria da qualidade de vida desses pacientes e a prevenção de recidivas.

Palavras-chaves: Cistite idiopática felina; estresse crônico; medicina felina; tratamento multimodal; vias urinárias inferiores.

Síndrome do Choque Tóxico Estafilocócico em Cães - Relato de Casos e Revisão de Literatura.

Jeniffer da Costa Genuíno¹, Isabela Vitória de Souza Ferreira¹, Laryssa Nunes Cardoso de Oliveira¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹, Yasmin Krepk Martins¹ & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A Síndrome do Choque Tóxico Estafilocócico (SCTS) é uma condição rara e grave causada por toxinas produzidas por *Staphylococcus* spp., principalmente *Staphylococcus aureus* e *Staphylococcus pseudintermedius*. Essas exotoxinas atuam como superantígenos, levando a uma resposta inflamatória sistêmica exacerbada, caracterizada por febre alta, hipotensão, disfunção multiorgânica e descamação cutânea. Em medicina veterinária, a SCTS é pouco documentada, tornando seu reconhecimento clínico um desafio. O presente estudo descreve dois casos de cães diagnosticados com SCTS, destacando achados clínicos, desafios diagnósticos e resposta ao tratamento. Caso 1: Um cão macho, sem raça definida, 4 anos, foi atendido com histórico de letargia, febre persistente ($40,2^{\circ}\text{C}$) e hipotensão refratária. O exame clínico revelou taquicardia, mucosas pálidas e petéquias em abdômen ventral. Hemograma demonstrou leucocitose com desvio à esquerda e trombocitopenia (80.000 plaquetas/ μL). Hemocultura isolou *S. pseudintermedius* produtor de enterotoxinas. O tratamento incluiu fluidoterapia agressiva, administração de vasopressores (dopamina) e antibioticoterapia com clindamicina e enrofloxacina. O paciente apresentou melhora progressiva, mas desenvolveu descamação cutânea na fase de recuperação. Caso 2: Uma cadela da raça Labrador Retriever, 6 anos, foi encaminhada com choque hipovolêmico, febre ($39,8^{\circ}\text{C}$), vômitos e diarreia hemorrágica. A paciente havia sido submetida a uma cirurgia ortopédica recente. Hemocultura e cultura da ferida cirúrgica revelaram *S. aureus* resistente à meticilina (MRSA). Apesar do suporte intensivo com fluidoterapia, antibióticos e ventilação assistida, a paciente evoluiu para falência múltipla de órgãos e óbito em 48 horas. A SCTS em cães é rara e frequentemente subdiagnosticada. Os casos apresentados demonstram que o choque séptico estafilocócico pode ocorrer tanto por infecções de pele e tecidos moles quanto por infecções sistêmicas pós-cirúrgicas. A hemocultura foi essencial para o diagnóstico definitivo. A literatura descreve que o tratamento deve ser baseado em suporte hemodinâmico intensivo e antibioticoterapia direcionada, sendo a clindamicina eficaz na inibição da produção de toxinas. A evolução pode ser fatal, especialmente em casos com resistência antimicrobiana, como evidenciado no segundo caso. A SCTS deve ser considerada em cães com febre alta, choque refratário e sinais sistêmicos progressivos. O diagnóstico precoce e o manejo intensivo são fundamentais para aumentar a taxa de sobrevivência. Mais estudos são necessários para elucidar os fatores predisponentes e estratégias terapêuticas mais eficazes para essa síndrome na medicina veterinária.

Palavras-chaves: Antibioticoterapia; Choque séptico; Diagnóstico precoce; Homecultura; *Staphylococcus* spp.

Telangiectasia em Vísceras Bovinas: Revisão de Literatura.

Anna Julia Brandão de Souza¹, Ana Júlia de Carvalho Pires¹, Helena Costa da Silva¹, Helena Fiorelli de Souza¹, Mariana Silva de Souza¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A telangiectasia é uma enfermidade que se caracteriza pela dilatação dos capilares e desaparecimento de hepatócitos, onde ocorre alteração na barreira sinusoidal que aumenta a deposição de componentes na membrana basal, perissinusoidal, dificultando a troca de oxigênio e substratos. Essa alteração provoca um desequilíbrio que provoca à atrofia dos hepatócitos e à ruptura sinusoidal. Tratando-se de uma dilatação focal e congestão dos capilares, sendo evidenciadas macroscopicamente por pontos vermelhos-acastanhados de forma única ou múltiplos. Sendo uma das principais patologias encontradas em fígados bovinos durante a inspeção post-mortem, frequentemente descartados por não possuírem uma aparência agradável. Os achados microscópicos são caracterizados por apresentarem uma dilatação dos espaços com presença de hepatócitos atrofiados que ocupam capilares sinusoides. Ela pode ser associada a vários fatores como inflamação vascular do sistema porta renal, necrose hepática e plantas tóxicas. A patogênese da telangiectasia ainda é desconhecida, onde é sugerido que seu surgimento é produzido pela oclusão dos sinusóides e necrose causados por uma embolia ou pelo acúmulo de glicogênio na região subendotelial do sinusóide que destrói o endotélio fazendo com que o sangue entre no espaço. Em alguns casos a telangiectasia pode ser focal leve, multifocal leve e microscópica localizada profundamente e sendo observada apenas após o corte do material por não apresentarem infiltrado inflamatório. Órgãos que apresentam mais da metade de sua superfície afetada são totalmente descartados, caso apenas uma área esteja comprometida, realiza-se a remoção da região afetada, realizando seu aproveitamento condicional. Embora os órgãos sejam descartados por sua aparência desagradável, a maioria dos fígados que apresenta essa condição não apresenta células inflamatórias, podendo, portanto serem destinados ao consumo humano.

Palavras-chave: Capilares; Condenação; Fígado; Macroscópico; Post-mortem

Transmissão de Esporotricose por Contato Direto para Humano: Relato de Caso.

Diana Ivanov Pedroso¹, Clara Marques Barros¹, Camila Figueira Barros¹, Mário Tatsuo Makita², Adriana Silva de Paula Oliveira Wildhagen³ & Priscilla Nunes dos Santos⁴.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Médica Veterinária da Secretaria Municipal de Saúde de Vassouras, Vassouras-RJ.

⁴Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos do gênero *Sporothrix*. As espécies mais associadas à doença em humanos incluem fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, com destaque no Brasil, para a espécie *Sporothrix brasiliensis*. A forma clínica mais comum é a cutânea, caracterizada por lesões nodulares e ulceradas, podendo evoluir para a forma linfocutânea. Tradicionalmente, a via de transmissão para humanos envolve a inoculação traumática do fungo no tecido subcutâneo, geralmente por meio de lesões provocadas por espinhos, farpas ou materiais contaminados. Entretanto, a esporotricose zoonótica tem ganhado destaque, com gatos infectados atuando como fonte de infecção para humanos, por meio de mordidas, arranhões ou, menos frequentemente, por contato. O diagnóstico é feito por isolamento do agente em cultura, sendo a citologia, histopatologia e sorologia métodos complementares. O tratamento de escolha é realizado com itraconazol. O presente trabalho relata um caso de esporotricose em um felino com transmissão a um humano na região sul-fluminense do Rio de Janeiro. No bairro Itakamosi, em Vassouras, foi notificado à vigilância epidemiológica da prefeitura um caso de esporotricose em um gato macho sem raça definida. O felino apresentava lesão crostosa disseminada em região de nariz e cauda. Foi feita a citologia por meio da coleta de material pelo método de imprint, e na análise microscópica foi possível ver a presença de leveduras com características micromorfológicas sugestivas do gênero *Sporothrix*. Um morador da mesma residência apresentou lesões nodulares na região do pescoço e, após exames, foi diagnosticada a esporotricose. Levantou-se o questionamento sobre a possibilidade de transmissão, iniciando-se uma investigação. Após análise dos resultados e circunstâncias, foi acordado que o contágio ocorreu por contato, uma vez que não houve arranhadura nem mordedura, mas o tutor relatou que o gato tinha acesso à cama e ao sofá da sala, o que levou à conclusão de transmissão por contato direto com lesão previamente existente. A esporotricose é uma micose de relevância crescente na medicina veterinária e humana, sobretudo no Brasil, onde *Sporothrix brasiliensis* tem emergido como principal agente etiológico. Em felinos, a doença provoca lesões ulceradas, crostosas e disseminadas, especialmente em regiões como o focinho e a cauda, sendo os gatos reconhecidos importante fonte de infecção do fungo devido à alta carga de leveduras na pele. A transmissão zoonótica, anteriormente associada à inoculação traumática por arranhões e mordeduras, tem assumido novas formas com relatos de infecção humana por contato de pele previamente lesionada com secreções de felinos infectados. Esse modo de transmissão evidencia a importância da vigilância epidemiológica e da educação em saúde, reforçando a necessidade de medidas preventivas no manejo dos animais e no ambiente domiciliar. Diante do potencial de disseminação, a esporotricose representa uma zoonose emergente, exigindo abordagem integrada entre medicina humana, veterinária e saúde pública. Diante do aumento de casos em gatos e humanos e da facilidade de transmissão entre essas espécies, a esporotricose configura-se como uma zoonose emergente de grande relevância, exigindo estratégias integradas de vigilância, diagnóstico precoce, tratamento e controle da infecção em animais para conter sua disseminação na população humana.

Palavras-chaves: Citologia; Felinos; Leveduras; *Sporothrix brasiliensis*; Zoonose.

Tratamento Fitoterápico de Ferida em Jabuti-Piranga (*Chelonoidis carbonaria*): Relato de Caso.

Raphaely Andrade Camargo¹, Ana Julia Crivas da Cunha Manso¹, Ana Júlia de Carvalho Pires¹, Emanuela de Sousa Domingos¹, Nathália de Oliveira Silva Santos¹ & Alvaro Alberto Moura Sá dos Passos¹.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Este relato de caso tem como objetivo descrever um tratamento fitoterápico em jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), macho, com a idade aproximada de 3 anos e 4 meses que foi atendido em uma clínica veterinária particular em Serra-ES. Durante a anamnese, a tutora relatou que o animal havia sido atacado por um cachorro da mesma residência onde o jabuti habitava, no dia anterior à consulta. Na avaliação clínica, foi observada uma lesão pela mordida na região latero-medial de plastrão. O paciente apresentava sinais de dor, com a temperatura corporal em 28,3°C e não estava se alimentando. Devido a impossibilidade da tutora arcar com os custos dos exames complementares, foi sugerido o tratamento com pomada fitoterápica Fitofix Gel Cicatrizante da Organnact®, um composto que contém tintura de Calendula officinalis L. (calêndula), Stryphnodendron barbatiman Mart. (barbatimão), Symphytum officinalis L. (confrey), Aloe vera (aloe), Matricaria chamomilla L. (camomila), Echinacea DC. (equinacea) eprópolis de Apis mellifera. Logo no momento da consulta, foi realizada a limpeza da lesão com solução de cloreto de sódio a 0,9% e digliconato de clorexidina a 2%. Foi aplicada a pomada fitoterápica por toda extensão da ferida e feito curativo. A tutora foi orientada a fazer a limpeza da ferida, aplicação da pomada e curativo duas vezes ao dia até a cicatrização completa da lesão. Após seis dias de tratamento foi possível observar um estágio avançado de deposição de tecido de granulação, o paciente se alimentava e locomovia bem e sem sinal de dor. No décimo dia de tratamento observou-se um início da queratinização no local da lesão e no vigésimo segundo dia a ferida se encontrava em estado avançado de cicatrização, apenas apresentando uma fistula na região mais profunda. No vigésimo sexto dia de tratamento a fistula já havia cicatrizado, desta forma suspendeu-se a aplicação de curativo. A tutora continuou com a limpeza e a aplicação da pomada fitoterápica durante cento e trinta dias, onde foi avaliada a queratinização completa do local da lesão e ausência de sinais de inflamação e/ou infecção. Após 465 dias do início do tratamento, foi observada ecdise, conhecida como muda ou troca de pele, no local da lesão completamente queratinizado. No fim do tratamento, foi observado um processo cicatcial compatível com o esperado pelo fabricante da pomada fitoterápica Fitofix Gel Cicatrizante da Organnact® no tratamento de ferida em um réptil, considerando que houve a cicatrização efetiva da lesão, o paciente não persistiu a demonstrar sinais de dor, voltou a se alimentar normalmente e não houveram infecções secundárias.

Palavras chaves: Fitoterápico; Fitofix Gel Cicatrizante da Organnact®; Lesão; Jabuti-Piranga; Tratamento.

Treinamento Multidisciplinar em Cavalos Atletas: Garantia de Bem-Estar.

Helena Bianco Rosas¹, Monique Prado Vasconcellos¹, Mariana Cortes Alves¹, João Philippe Halfeld Carraca¹, Melissa Quintella Santinon¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A prática de modalidades equestres traz à tona discussões quanto ao bem-estar dos equinos, principais atletas desses esportes. Tendo em vista que esportes equestres envolvem intensa movimentação econômica, os equinos se tornaram sinônimo de lucro e por isso é estabelecido a eles rotinas rígidas de treinamento, que visam alto rendimento atlético e consequentemente lucros financeiros aos proprietários desses cavalos. Entretanto, não deve ser deixado de lado discussões sobre o bem-estar desses animais envolvidos no esporte: animais, esses, que devem ter seu nicho ecológico respeitado. Uma forma de respeitar o bem-estar desses animais e tornar sua rotina de treinamento agradável é por meio do treinamento cruzado e multidisciplinar. A pesquisa baseou-se em artigos indexados no PubMed, dos quais seis foram selecionados por sua relevância. Os principais trabalhos multidisciplinares previnem desgaste físico e estresse psicológico nos equinos e são facilmente realizados por tratadores já treinados para isso. O trabalho de guia longa é útil em dias de recuperação, pois estimula a circulação sanguínea e promove relaxamento. O trabalho em liberdade, realizado sem sela ou embocadura em redondel ou pista cercada, permite movimentos espontâneos e explora a capacidade esportiva do animal. Dias de exterior, como trilhas em companhia a outros conjuntos, favorecem o relaxamento e permitem a expressão de comportamentos naturais, essenciais para reduzir estereotipias como aerofagia, coprofagia e síndrome do urso. Além disso, a hidroterapia é uma forma eficaz de exercício cardiovascular com baixo impacto articular, indicada tanto para condicionamento quanto reabilitação. O uso de cavaletes e varas no chão melhora coordenação, ritmo e musculatura com baixo risco de lesão. Já os obstáculos naturais como troncos, riachos e ladeiras desenvolvem equilíbrio, atenção e autoconfiança, além de tornarem o treinamento mais dinâmico. Já o treinamento sensorial, que expõe o cavalo a sons, objetos ou superfícies variadas, reduz reações de medo e aumenta a segurança em ambientes desconhecidos. Essas práticas, integradas à rotina, promovem saúde física e emocional, melhoram o desempenho esportivo e contribuem para a longevidade dos cavalos atletas. Em suma, percebe-se a importância de promover ao animal atleta uma rotina que respeite seus comportamentos e vontades naturais, de forma a evitar vícios comportamentais que comprometam o rendimento esportivo e a situação psicológica do animal.

Palavras-chave: Equitação; Bem-estar Animal; Reabilitação.

Sistema *flash* de monitorização da glicose em cães e gatos: Uma revisão de literatura.

Yolanda Henrichs Garcia Bandeira Bastos¹ & Ana Paula Martinez de Abreu².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A monitorização da glicose é fundamental no manejo do diabetes mellitus em cães e gatos, permitindo um controle mais preciso da glicemia e a prevenção de complicações decorrentes da hipoglicemia ou hiperglicemia. Tradicionalmente, essa monitorização é realizada por meio de glicosímetros portáteis com amostras de sangue capilar, o que pode ser estressante para o animal, além de demandar múltiplas coletas ao longo do dia. Nesse contexto, os sistemas de monitorização contínua da glicose (CGM, do inglês *Continuous Glucose Monitoring*), em especial o sistema flash, vêm ganhando espaço como alternativa prática e menos invasiva. Este estudo tem como objetivo revisar a literatura atual sobre a utilização do sistema flash de monitorização da glicose em cães e gatos nas bases de dados google acadêmico e scielo, destacando sua aplicabilidade clínica, limitações e benefícios. O sistema flash de monitorização da glicose é composto por um sensor subcutâneo que mede continuamente a glicose no líquido intersticial, fornecendo dados em tempo real ou sob demanda, sem a necessidade de punções frequentes. Dentre os dispositivos disponíveis, destaca-se o FreeStyle Libre®, amplamente utilizado em humanos e recentemente adaptado para uso veterinário. Estudos demonstram que, apesar de o sistema ter sido desenvolvido para a fisiologia humana, sua aplicação em cães e gatos tem se mostrado promissora, principalmente no acompanhamento da glicemia em domicílio e na avaliação da resposta ao tratamento com insulina. A literatura aponta vantagens importantes, como maior conforto para o animal, redução do estresse associado às coletas sanguíneas e obtenção de um perfil glicêmico mais completo, incluindo variações noturnas ou pós-prandiais que poderiam passar despercebidas em medições pontuais. No entanto, limitações também são relatadas, como a acurácia variável em valores extremos de glicemia, a interferência de movimentos ou da pelagem no local de fixação do sensor, e a curta duração de funcionamento do dispositivo em algumas espécies, destacando -se que a calibração adequada, a escolha correta do local de inserção e a familiarização do tutor com o sistema são fatores essenciais para o sucesso do monitoramento. Além disso, reforça-se a necessidade de correlação entre os dados do sensor e os valores obtidos por glicosímetros convencionais, sobretudo em situações clínicas críticas. A aplicação clínica do sistema flash vem sendo explorada tanto em ambientes hospitalares quanto domiciliares, possibilitando ajustes terapêuticos mais precisos e uma melhor compreensão do padrão glicêmico individual de cada paciente. Conclui-se que o sistema flash de monitorização da glicose representa uma ferramenta inovadora e eficaz no acompanhamento de cães e gatos diabéticos, contribuindo para um controle glicêmico mais seguro e individualizado. Ainda que existam limitações técnicas e a necessidade de adaptação à rotina veterinária, os benefícios superam os desafios, principalmente no contexto de uma medicina veterinária cada vez mais voltada ao bem-estar e à qualidade de vida dos pacientes. Estudos adicionais e o desenvolvimento de dispositivos específicos para uso animal poderão aprimorar ainda mais a acurácia e aplicabilidade desses sistemas na clínica veterinária.

Palavras-chave: Cães e gatos. Diabetes mellitus. Medicina veterinária. Monitoramento glicêmico. Sistema flash.

Úlcera de Córnea em Equinos e Uso de Soro Autólogo como Adjuvante no Tratamento: Revisão de Literatura.

Maria Eduarda Takiguti Machado Silva¹, Deicy Jhurany Roosli Cassiano¹, Helena Fiorelli de Souza¹, Isabella Cristina Galdino Furtado¹, Júlia Aléxia Fernandes Barros¹ & Erica Cristina Rocha Roier².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Úlceras de córnea são afecções oculares comuns em equinos e podem comprometer a visão de forma permanente. Essas lesões apresentam inúmeras causas, afetando à integridade da visão em vários graus. Este estudo visa revisar a literatura sobre úlcera de córnea em equinos, com ênfase ao uso de soros autólogos para tratamento. A revisão foi realizada nas bases de dados PubMed, e Google Scholar. Diversos fatores podem desencadear úlceras de córnea, como traumas, corpos estranhos, infecções, e anormalidades no posicionamento do aparelho lacrimal e dos cílios. Os principais sinais clínicos incluem secreção mucopurulenta, edema palpebral, lacrimejamento, fotofobia, dor ocular e dificuldades para enxergar, pode também provocar uma destruição progressiva do estroma corneal, promovendo fragmentação do colágeno, com liquefação e necrose da córnea, comprometendo toda a estrutura ocular elevando a cegueira. Essa afecção ocular é de alta importância, principalmente pelo potencial da perda da visão, diante disso há uma busca constante por novas abordagens terapêuticas. Nesse contexto, o soro autólogo (SA) tem ganhado destaque como uma alternativa terapêutica eficaz, sendo utilizado como coadjuvante no tratamento de úlceras de córnea. O SA é obtido a partir do sangue do próprio animal, sem adição de conservantes, o que evita efeitos tóxicos à superfície ocular. Sua composição é semelhante à da lágrima natural e contém diversos fatores de crescimento, além de proteínas anti-inflamatórias e antimicrobianas. Ele tem sido amplamente utilizado na rotina clínica de oftalmologistas veterinários, apresentando resultados positivos para o tratamento de úlceras de córneas. Além de possuir efeitos semelhantes a lágrima fisiológica o soro autólogo pode atuar em desordens, como defeitos epiteliais persistentes e ceratite seca, resistente a terapias convencionais. Estudos clínicos demonstram resultados promissores com o uso do SA, destacando sua eficácia em curto prazo e a ausência de efeitos colaterais significativos. Suas principais vantagens incluem o baixo custo, facilidade de obtenção e compatibilidade biológica, sendo uma ferramenta acessível mesmo em ambientes com recursos limitados. Conclui-se que o soro autólogo é uma alternativa promissora e viável como coadjuvante no tratamento de úlceras de córnea em equinos. Seu uso vem se consolidando na rotina oftalmológica veterinária, oferecendo uma alternativa segura e eficaz, sendo capaz de contribuir significativamente para recuperação ocular e preservação da visão dos animais.

Palavras-chaves: Equino; Úlcera de córnea; Soro autólogo; Tratamento; Oftalmologia veterinária.

Ultrassonografia como Diagnóstico de Hidropsia Fetal em Cadeia: Relato de Caso.

Bruna Pereira Gonçalves¹, Larissa Magalhães de Castro¹, Gabrielle Velasco de Alcântara¹, Julia Soares Dinelli Maia¹, Leandro Soares de Paula² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

² Médico(a) Veterinário(a) Autônomo(a), Três Rios-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A hidropsia fetal é definida como o acúmulo anormal de líquidos, podendo acometer o tecido subcutâneo, assim como as cavidades peritoneal, pleural e pericárdica. Esse quadro pode causar distocia devido ao edema generalizado e obstrução do canal do parto, levando ao óbito do feto acometido, assim como dos demais. A condição é rara em cães, mas é descrita com maior frequência em raças braquicefálicas. A hidropsia pode se apresentar de forma isolada ou como anasarca fetal, quando o edema é generalizado. O exame ultrassonográfico é considerado o método de escolha para diagnóstico de hidropsia fetal e de outras alterações congênitas, permitindo também estimar a data provável do parto e antecipar possíveis complicações. Em fetos com hidropsia, observa-se aumento desproporcional do volume corporal em relação aos demais, com evidência de acúmulo de líquido nas regiões pleural, peritoneal e/ou subcutânea. A ultrassonografia possibilita ainda a detecção de sinais de sofrimento fetal, como ausência de movimentos ou alterações na frequência cardíaca. A etiologia da hidropsia fetal ainda não está completamente esclarecida, porém fatores genéticos parecem estar envolvidos, especialmente em raças predispostas, principalmente os braquicefálicos. Alterações hipofisárias, mutações em genes autossômicos recessivos, infecções virais e exposição a medicamentos durante a gestação são descritos como possíveis fatores associados. Diante disso, o objetivo do presente trabalho é relatar o caso clínico de uma cadeia braquicefálica, de 4 anos de idade, com histórico de gestações anteriores, sem complicações, que chegou à emergência apresentando distocia devida à obstrução do canal do parto por um feto com hidropsia do tipo anasarca. A paciente foi encaminhada para atendimento após o nascimento de quatro filhotes, em um intervalo médio de 3 horas. Após o parto, manteve contrações rítmicas, porém sem expulsão de novos filhotes. Ao exame clínico, constatou-se dilatação vaginal, secreção esverdeada e contrações persistentes, indicando necessidade de avaliação ultrassonográfica. O exame ultrassonográfico revelou a presença de um feto vivo, com batimentos cardíacos de aproximadamente 219 bpm, ausência de movimentação fetal, acúmulo de líquido em cavidade peritoneal, pleural e subcutânea, além de espessamento placentário. Diante do quadro de distocia confirmado, optou-se pela realização de cesariana de emergência. Durante o procedimento, foi retirado um feto sem sinais vitais, apresentando dimensões aumentadas, fenda palatina, fontanela aberta e crânio de tamanho inferior ao esperado para a raça e idade gestacional, sugerindo associação de múltiplas anomalias congênitas. A presença de malformações, como fenda palatina e alterações cranianas, pode indicar a existência de síndromes congênitas associadas à hidropsia fetal. Ressalta-se que a identificação precoce de fetos com alterações estruturais e sinais de sofrimento intrauterino, através do acompanhamento ultrassonográfico regular, é essencial para o planejamento de intervenções obstétricas, prevenindo sofrimento materno, morte fetal e complicações adicionais à ninhada. Portanto, este relato reforça a importância do monitoramento gestacional em cadelas de raças predispostas, permitindo a detecção precoce de alterações fetais graves e aumentando as chances de um desfecho obstétrico mais favorável.

Palavras-chaves: Anasarca; Cadelas; Distocia; Hidropsia Fetal; Ultrassonografia.

Uma Revisão Sobre o Uso da Ozonioterapia no Tratamento da Mastite Bovina.

Gabriela Maia Godinho¹, Luana Lopes dos Santos¹, Luis Otávio Dutra Diniz¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A mastite se destaca entre as enfermidades que acometem a pecuária leiteira por ser comumente diagnosticada nas propriedades rurais e pelo prejuízo econômico resultante da diminuição da produção e gastos com o tratamento, além do descarte do leite inviabilizado. Quando a origem da doença é bacteriana, o tratamento convencional é feito com antibióticos. Porém, vale ressaltar que a exposição contínua a esses fármacos é capaz de induzir à resistência bacteriana, assim como à permanência de resíduos no leite para o consumo. A ozonioterapia, que consiste na utilização do gás ozônio (O_3), possui propriedades vantajosas e baixo custo de realização, surgindo como um tratamento alternativo para a mastite ao ser usado de forma intramamária. Sendo assim, esta revisão de literatura tem como objetivo evidenciar a capacidade benéfica deste tratamento em casos de mastite bovina. A metodologia foi feita a partir da seleção de artigos científicos com conteúdo voltado para a ozonioterapia e mastite encontrados no Google Acadêmico® e ResearchGate®. Os resultados indicaram que não há alteração na composição do leite de vacas tratadas com ozonioterapia intramamária e, diferentemente do que ocorre no tratamento com antibióticos, o O_3 não implica no acúmulo de resíduos no leite para consumo. Além disso, o ozônio possui propriedades anti-inflamatória, analgésica e antioxidante, o que lhe confere ação fungicida, viricida e bactericida. O gás também é capaz de acelerar o metabolismo, aumentar o fornecimento de oxigênio para os tecidos e estimular o sistema imunológico. Com isso, é evidente a vantagem do uso do O_3 como uma ferramenta terapêutica em casos de mastite. Conclui-se que a ozonioterapia é um método eficiente e destacado pelo seu mecanismo de ação, que aliado à possibilidade de substituição de antibióticos, se revela como um tratamento promissor para mastite em vacas.

Palavras-chaves: Glândula mamária; Ozônio; Produtividade leiteira; Qualidade do leite; Terapia não convencional.

Uso da Citologia Aspirativa para Diagnóstico de Tumores Cutâneos em Cães.

Luana da Silva Costa¹, Milena de Oliveira Cruz¹, Augusto Ramos Saar¹, Ana Paula Martinez de Abreu², Renata Fernandes Ferreira de Moraes² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Os tumores cutâneos são uma das neoplasias mais comuns em cães, representando um desafio diagnóstico devido à grande diversidade de tipos histológicos e à semelhança clínica entre algumas lesões benignas e malignas. A citologia aspirativa com agulha fina (CAA) é uma ferramenta diagnóstica amplamente utilizada para avaliação inicial de massas cutâneas, oferecendo vantagens como o baixo custo, a simplicidade do procedimento e a rápida obtenção de resultados. Este estudo objetiva avaliar a acurácia da citologia aspirativa no diagnóstico de tumores cutâneos em cães, comparando com o diagnóstico histopatológico pós-cirúrgico. O estudo foi realizado em 45 cães com massas cutâneas diagnosticadas clinicamente como suspeitas de neoplasias. Para cada caso, foi realizada uma citologia aspirativa com agulha fina, seguida de excisão cirúrgica da massa para análise histopatológica. A citologia foi realizada com agulha fina de 22-23G, e as amostras foram coradas por Romanowski (Giemsa). O diagnóstico histopatológico foi utilizado como padrão-ouro para avaliar a citologia aspirativa no diagnóstico de tumores malignos, que apresentou sensibilidade de 88%, especificidade de 94% e acurácia geral de 91%. A taxa de falsos positivos foi de 6% e de falsos negativos, 12%. Os tumores mais frequentemente diagnosticados foram os mastocitomas (26%), lipomas (22%) e adenomas sebáceos (14%). Tumores malignos, como mastocitomas e fibrossarcomas, tiveram alta sensibilidade citológica (92% e 89%, respectivamente), enquanto tumores benignos, como lipomas e adenomas sebáceos, mostraram alta especificidade (98% e 96%). Tumores raros, como melanomas e hemangiomas, apresentaram maior dificuldade diagnóstica na citologia, com 15% de falsos negativos. A citologia aspirativa com agulha fina é uma ferramenta eficaz para o diagnóstico inicial de tumores cutâneos em cães, apresentando alta sensibilidade para tumores malignos e alta especificidade para benignos. Sua principal limitação está na dificuldade de diagnosticar com precisão certos tumores, como melanomas e hemangiomas, devido aos padrões celulares complexos. Tumores altamente celulares, como mastocitomas, são mais facilmente avaliados, enquanto aqueles com componentes fibrosos ou lipídicos podem gerar resultados inconclusivos. A combinação com exames como a histopatologia pós-cirúrgica é essencial para confirmação diagnóstica e definição do tratamento. A citologia aspirativa permanece como uma das melhores opções para avaliação inicial de massas cutâneas, pela sua simplicidade, eficácia e por evitar procedimentos mais invasivos. A citologia aspirativa com agulha fina é uma ferramenta de diagnóstico altamente eficaz para tumores cutâneos em cães, proporcionando um diagnóstico rápido e preciso na maioria dos casos. Embora existam limitações, especialmente em tumores raros ou com componentes difíceis de analisar citologicamente, ela é de grande valia no diagnóstico inicial e no planejamento de abordagens terapêuticas.

Palavras-chave: Cães; Citologia aspirativa; Diagnóstico; Mastocitomas; Tumores cutâneos.

Uso da Dosagem de Glicose Cavitária como Indicativo de Transudato Séptico em Cães com Eefusão Abdominal e Pleural.

Lara dos Santos Gomes¹, Gabriel Duque Vargas¹, Giovanna Doval Wergles Rodrigues¹, Luiza Amorim Gonçalves¹, Eduardo Butturini de Carvalho² & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A efusão cavitária é uma manifestação comum em cães com diversas condições patológicas, incluindo transudatos, exsudatos e efusões sépticas. Diferenciar efusões sépticas de não sépticas é fundamental para orientar o manejo terapêutico adequado e promover uma intervenção precoce em casos de infecção. Nesse contexto, a dosagem da glicose no líquido cavitário tem sido proposta como um método diagnóstico auxiliar. Essa abordagem baseia-se na hipótese de que microrganismos e células inflamatórias consomem glicose no espaço pleural ou peritoneal, resultando em uma diferença significativa entre os níveis de glicose do líquido cavitário e do sangue periférico. O presente estudo teve como objetivo avaliar a acurácia da dosagem de glicose cavitária como indicativo de transudato séptico em cães com efusão abdominal e pleural. Foram incluídos cães atendidos entre janeiro de 2020 e dezembro de 2024 com diagnóstico confirmado de efusão cavitária. As amostras de líquido foram obtidas por toracocentese ou abdominocentese realizadas de forma estéril e, em seguida, analisadas quanto à contagem celular, proteína total e cultura bacteriana. Simultaneamente, foram coletadas amostras de sangue periférico para comparação dos níveis de glicose. Considerou-se sugestiva de infecção a diferença glicêmica entre o sangue e o líquido cavitário igual ou superior a 20 mg/dL. Para análise estatística, utilizou-se a curva ROC a fim de determinar o ponto de corte mais apropriado. A presença de transudato séptico foi confirmada por cultura bacteriana positiva em 31 dos 84 cães avaliados, representando 36,9% da amostra. Em cães com efusão séptica, a glicose cavitária apresentou valores significativamente inferiores aos observados no sangue periférico, com média de 29 ± 12 mg/dL. Já nos cães com efusão não séptica, a diferença entre os valores de glicose permaneceu abaixo de 10 mg/dL. A diferença glicêmica igual ou superior a 20 mg/dL demonstrou sensibilidade de 91% e especificidade de 88% para a detecção de efusões sépticas, representando um marcador eficaz para triagem inicial. Houve ainda correlação positiva entre a dosagem de glicose cavitária e outros parâmetros diagnósticos, como a presença de neutrófilos degenerados e a cultura bacteriana, o que reforça seu valor como indicativo precoce de infecção, muitas vezes antes da confirmação microbiológica por cultura. Conclui-se que a dosagem da glicose no líquido cavitário é um método simples, acessível e confiável para diferenciar efusões sépticas de não sépticas em cães. A aplicação clínica da diferença glicêmica ≥ 20 mg/dL mostrou alta acurácia diagnóstica e pode ser utilizada como critério inicial para a introdução de antibioticoterapia e avaliação da necessidade de drenagem cirúrgica. Quando associada a outros parâmetros laboratoriais, como a contagem celular e o lactato cavitário, essa abordagem pode otimizar o diagnóstico e o manejo de pacientes críticos na rotina da clínica veterinária.

Palavras-chave: Diagnóstico; Glicose; Líquido cavitário; Infecção; Sepse.

Uso de Antibióticos na Produção de Alimentos e sua Contribuição para a Resistência Microbiana.

Aline Maria Andrade da Silva¹, Davidson Werlick Velloso dos Santos², Jackeline Faria Souza¹, Ana Paula Martinez de Abreu³ & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo Os antibióticos são fármacos que podem ser produzidos por microrganismos ou sintetizados artificialmente. Ambos podem atuar como bactericidas, com o efeito de eliminar as bactérias, ou como bacteriostáticos, que inibem seu crescimento e multiplicação. O uso indiscriminado de antibióticos tanto em humanos quanto em animais, resultou no surgimento de superbactérias. Atualmente, é um enorme problema para a saúde única, pois favorece o avanço da resistência antimicrobiana. Esta revisão tem como objetivo abordar o uso de antibióticos em animais de produção, seus impactos na saúde humana e na resistência bacteriana, sendo feita por meio da análise de literatura científica nacional e internacional, encontrados nas bases de dados PubMed, SciELO, ScienceDirect e Google Scholar. A dispersão da resistência pode ocorrer através de diversas fontes e reservatórios, como a agricultura e a pecuária. Esses medicamentos são comumente utilizados na prevenção e no tratamento de doenças em animais de produção, bem como produtores de crescimento. O uso em dosagens subterapêuticas melhora a conversão alimentar dos animais e favorece o ganho de peso, contribuindo também para o bem-estar animal, por reduzir a disseminação de patologias. No entanto, o uso excessivo desses fármacos pode levar à presença de resíduos nos produtos de origem animal. Quando tratados com antibióticos, pequenas quantidades dessas substâncias podem permanecer nos órgãos e tecidos dos animais. Caso esses resíduos não sejam adequadamente eliminados durante o processamento, podem representar risco à saúde humana, incluindo reações alérgicas, efeitos carcinogênicos e contribuição para a resistência bacteriana. As bactérias desenvolvem mecanismos de sobrevivência no hospedeiro. São microrganismos com grande capacidade de adaptação frente a ameaças ambientais, ao sistema imune e à presença de antibióticos. Por esse motivo, conseguem desenvolver diferentes formas de resistência, o que afeta a eficácia dos tratamentos antibióticos e pode causar desequilíbrio na flora bacteriana do indivíduo, favorecendo a disseminação de microrganismos oportunistas e o surgimento de novas infecções. Os principais mecanismos de desenvolvimento de resistência incluem a transferência de genes, mutações e formação de biofilmes. Dentre esses, a mutação é a forma mais comum de aquisição de resistência. Diante da crescente ameaça representada pela resistência bacteriana, é essencial adotar medidas eficazes de prevenção e controle. Sendo a principal forma de prevenção o uso racional e responsável de antibióticos pelos profissionais da saúde, evitando o uso empiricamente e também respeitando o período de carência em animais de produção. Além da importância das boas práticas de manejo sanitário e biossegurança nas criações, promovendo o uso de alternativas aos antibióticos como probióticos, prebióticos e vacinação. Também é indispensável à conscientização da população em geral, por meio de campanhas, palestras educacionais e cursos para profissionais da área da saúde. São medidas importantes para conter o avanço da resistência microbiana e para proteger a eficácia dos antibióticos para as gerações futuras.

Palavras-chave: Antibióticos; Produção Animal; Resistência antimicrobiana; Resíduos alimentares; Saúde Única.

Uso de Células-Tronco Mesenquimais no Tratamento de Doenças Ortopédicas e Inflamatórias em Pequenos Animais: Uma Revisão de Literatura.

Ana Júlia de Carvalho Pires¹, Juliana de Amorim Penha da Silva¹, Raphaely Andrade Camargo¹, Bruna Pereira Gonçalves², Julia Soares Dinelli Maia² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A medicina regenerativa vem ganhando espaço na prática veterinária, com destaque para a terapia com células-tronco mesenquimais (CTMs), oriundas de tecidos como medula óssea, tecido adiposo e cordão umbilical. CTMs possuem potencial multipotente, permitindo sua diferenciação em diversos tipos celulares, além de modularem a resposta imune e promoverem regeneração tecidual. Em cães e gatos, os principais focos terapêuticos têm sido doenças ortopédicas, como a osteoartrite e a displasia coxofemoral, bem como enfermidades inflamatórias crônicas, como dermatites atópicas e doenças intestinais inflamatórias. As CTMs atuam principalmente por meio da paracrinia: liberam citocinas, fatores de crescimento e vesículas extracelulares com propriedades anti-inflamatórias, imunossupressoras e estimuladoras da regeneração tecidual. Embora não se integrem permanentemente aos tecidos lesados, seu efeito funcional ocorre pela modulação do microambiente inflamatório e estímulo à reparação. Suas principais indicações clínicas são doenças ortopédicas (osteoartrite e Displasia Coxofemoral), sendo amplamente estudadas no tratamento da osteoartrite (OA), promovendo alívio da dor, melhora da mobilidade e redução do uso de anti-inflamatórios. A via intra-articular é a mais comum, com relatos de melhora clínica entre 65% e 85% dos pacientes tratados. Na displasia coxofemoral, a ação das CTMs auxilia na manutenção da cartilagem articular e controle da inflamação local. Estudos demonstram que as CTMs têm impacto positivo em casos de doença inflamatória crônica como a doença inflamatória intestinal (DII), reduzindo diarreia, perda de peso e inflamação histológica. Outras indicações incluem dermatopatias imunomedidas, como dermatite atópica, e fistulas perianais refratárias, em especial em cães da raça Pastor Alemão. As CTMs podem ser autólogas (do próprio animal) ou alogênicas (de doadores saudáveis). A fonte mais comum na prática clínica é o tecido adiposo, por apresentar maior rendimento celular e menor invasividade na coleta. A administração pode ser intra-articular, intravenosa, subcutânea ou intralesional, conforme a patologia-alvo. O uso de CTMs é geralmente considerado seguro, com baixa incidência de efeitos adversos. Reações leves, como dor local ou febre transitória, são pouco frequentes. Ainda há limitações na padronização de protocolos, tempo ideal de tratamento, número de aplicações e controle de qualidade celular, o que exige cautela na extração de resultados. As evidências clínicas disponíveis apontam que as CTMs são uma ferramenta terapêutica eficaz em diversas condições clínicas, promovendo melhora significativa da qualidade de vida dos animais. Contudo, a literatura ainda carece de ensaios clínicos randomizados de longo prazo, com maior número de animais e padronização metodológica. A combinação da terapia celular com tratamentos convencionais (fisioterapia, anti-inflamatórios, dietas especiais) tende a trazer resultados mais consistentes. O custo ainda representa uma barreira ao uso mais disseminado da terapia celular na prática clínica de pequenos animais. Portanto, podemos concluir que a terapia com células-tronco mesenquimais representa uma abordagem inovadora e promissora para o manejo de doenças ortopédicas e inflamatórias em cães e gatos. Os avanços na técnica de cultivo, conservação e aplicação têm tornado seu uso cada vez mais viável. Entretanto, a necessidade de mais estudos clínicos robustos permanece, com vistas à consolidação de protocolos seguros e eficazes para diferentes indicações.

Palavras-chave: Cães; Célula-Tronco; Gatos; Medicina Regenerativa; Terapia Celular.

Vocalizações e Comunicação Química em Canídeos Silvestres Brasileiros.

Sophya Vitória Esteves Rocha¹, Pamella Cerdeira Gomes Serrazine Ramos¹, Ana Beatriz Gomes de Assunção Braga¹, Gabrielle Velasco de Alcântara² & Mário dos Santos Filho³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

²Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

³Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Resumo A comunicação é um elemento essencial na ecologia comportamental dos canídeos silvestres brasileiros, influenciando diretamente aspectos como organização social, reprodução, defesa territorial e adaptação ao ambiente. Entre as espécies destacam-se o cachorro-do-mato (*Speothos venaticus*), o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e a raposa-do-campo (*Cerdocyon thous*), que utilizam principalmente dois tipos de comunicação: a vocal e a química. A comunicação vocal envolve sons variados como uivos, gemidos, rosnados e latidos, que têm funções sociais específicas, como manter contato com o grupo, atrair parceiros, afastar intrusos ou sinalizar estados emocionais. Estudos revelam que o cachorro-do-mato, por apresentar comportamento mais social, possui um repertório vocal mais amplo e dinâmico, sendo o gemido curto o mais frequente, especialmente entre fêmeas. Já o lobo-guará, por seu hábito solitário, utiliza vocalizações de longo alcance, como o rugido-latido, para comunicação à distância. A comunicação química, por sua vez, ocorre por meio de secreções corporais, urina e fezes, permitindo a marcação de território, o reconhecimento individual e a sinalização de status reprodutivo. Essa forma de linguagem olfativa tem sido estudada principalmente em contextos de cativeiro, onde se observou, por exemplo, que a raposa-do-campo responde de forma positiva a estímulos odoríferos, aumentando sua atividade exploratória e interações com o ambiente. Isso demonstra o potencial da comunicação química como ferramenta de enriquecimento ambiental, capaz de promover bem-estar e reduzir o estresse em ambientes artificiais. Mesmo em cativeiro, os canídeos mantêm muitos de seus comportamentos naturais de vocalização e marcação olfativa, o que ressalta a importância da compreensão desses mecanismos para o manejo ético e a conservação das espécies. As vocalizações e os sinais químicos também se mostram úteis como indicadores do estado emocional e fisiológico dos indivíduos, possibilitando intervenções mais adequadas por parte das equipes técnicas. Portanto, compreender a comunicação vocal e química desses animais contribui não apenas para o avanço do conhecimento científico, mas também para o desenvolvimento de estratégias eficazes de conservação, reabilitação e cuidado em ambientes controlados, especialmente em zoológicos e centros de pesquisa.

Palavras-chave: Comunicação vocal; Manejo Ético; Comunicação Química; Canídeos.

**Materiais Didáticos e de Divulgação Apresentados na Mostra de Extensão-2025-I
do Curso de Graduação em Medicina Veterinária e de Discentes do Programa de
Mestrado Profissional, Submetidos ao Evento.**

Detecção de Doenças por Sensores Térmicos em Grandes Animais.

Ana Maria¹, Thainá Campos¹, Pedro Vasconcellos¹, Miguel Camargo¹, Letícia dos Reis¹, Laura Lavinhas¹, Milena Melucci¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

DETECÇÃO DE DOENÇAS POR SENSORES TERMICOS EM GRANDES ANIMAIS

UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

CÂMERAS TERMOGRÁFICAS

O QUE SÃO ?

O exame termográfico consiste na mensuração da energia infravermelha empregando câmeras que captam as radiações emitidas pelo corpo de um animal. Geram termogramas que se diferem de acordo com a diferença de temperatura.

COMO USAMOS ?

São usados para monitorar temperatura sem contato físico, auxiliando no diagnóstico precoce de inflamações e lesões. Os veterinários, treinadores e pesquisadores utilizam para avaliar a saúde e o desempenho dos animais.

MANEJO EM GRANDES ANIMAIS!

Em equinos de hipismo e corrida, detectam pontos de sobrecarga muscular, inflamações e problemas ortopédicos. Já no estresse térmico em bovinos, ajudam a identificar hipertermia e desconforto térmico, permitindo ajustes no manejo.

FLIR

31.4 °C

38.8

23.6

UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

FLIR

16 °C

24

22

20

18

16

14

12

10

Acesse o QR CODE para mais informações.

Dispositivos Wearables (Vestíveis).

Maria Elisia Pereira Rangel¹, Fernanda de Souza Pena da Silva¹, Jeniffer da Costa Genuíno¹, Maria Eduarda da Silva Jordão¹, Maria Vitória de Oliveira Barbosa¹, Luan Carlos Orem Corrêa¹, Yaritza Vitória Alves Saiol¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.



Folder informativo de classificação de emergência na triagem.

Gabriele Barbosa Brandão¹, Isabella Danon Martins¹, Larissa Magalhães de Castro¹ & Eduardo Butturini de Carvalho².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Classificação de emergência na triagem



Protocolo de Manchester



Classificação do Protocolo de Manchester



A triagem é a primeira parte do atendimento do paciente no ambiente hospitalar. Consiste em uma avaliação inicial para determinar a urgência de cada caso. Após esse procedimento os pacientes são classificados de acordo com suas categorias de risco, indicando o nível de prioridade para o atendimento.

A triagem ainda acontece de forma subjetiva e intuitiva na medicina veterinária e erros médicos podem ocorrer durante o processo de tratamento dos animais, devido falta de organização e comunicação dentro das clínicas veterinárias. Esse processo também é importante para garantir que os casos mais urgentes não sejam negligenciados em favor de casos menos graves.

É uma ferramenta clínica desenvolvida para a triagem e classificação de risco em serviços de emergência, sendo amplamente utilizada para priorizar atendimentos em unidades de emergência e prontos-socorros. Criado em 1997 no Reino Unido, o protocolo visa otimizar o atendimento ao paciente, garantindo que os casos mais urgentes sejam tratados de forma rápida e eficiente, enquanto aqueles com menor gravidade sejam avaliados de acordo com a sua prioridade clínica.

EMERGÊNCIA
Atendimento imediato

MUITO URGENTE
Atendimento em até 10 minutos

URGENTE
Atendimento em até 1 hora

POUCO URGENTE
Atendimento em até 2 horas

NÃO URGENTE *
Atendimento em até 4 horas

- a identificação azul é pouco utilizada na medicina veterinária, já que a maioria dos atendimentos são de urgência ou emergência.

Folder Informativo Sobre Recomendações de Monitorização Anestésica e Sedativa.

Larissa Magalhães de Castro¹, Isabella Danon Martins¹, Gabriele Barbosa Brandão¹, Bruna Pereira Gonçalves¹ & Eduardo Butturini de Carvalho².

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

Período de Recuperação

Atenção às primeiras 3h.

Monitoração contínua:

- Coloração de mucosas;
- Esforços ventilatórios;
- Patênia de vias aéreas;
- Oximetria de pulso;
- Frequência e ritmo cardíaco;
- Pressão arterial em pacientes instáveis ou com histórico de instabilidade;
- Visualização da excursão e auscultação torácica;
- Temperatura;

Alta apenas para pacientes normotérmicos, orientados mentalmente e deambulando sem náusea e dor.

MONITORIZAÇÃO DA SEDAÇÃO

Sedação leve: deve-se observar coloração das mucosas, pulso e ventilação básica.

Sedação moderada: a vigilância deve ser reforçada, oxigênio suplementar, ausculta e oxímetro de pulso são indicados.

Sedação profunda: pode ser necessária intubação orotraqueal e monitoramento completo.

RECOMENDAÇÕES DE MONITORIZAÇÃO ANESTÉSICA E SEDATIVA



UNIVERSIDADE DE
VASSOURAS

Para ter acesso ao documento completo com todas as recomendações da ACVAA, escaneie o QR CODE abaixo.



Diretrizes ACVAA 2025, quais orientações?



OBJETIVOS

- Fornecer recomendações baseadas em evidências para anestesiologistas e não-anestesiologistas.
- Garantir segurança, eficácia, respaldo científico e legal.
- Aplicáveis a todos os pequenos animais.

TIPOS DE RECOMENDAÇÕES

- **Mínimas:** exigidas sempre que possível.
- **Alternativas:** quando os recursos mínimos não estão disponíveis.
- **Avançadas:** indicadas para pacientes críticos ou com comorbidades.

MONITORIZAÇÕES ESPECÍFICAS

Profundidade

- **Mínimas:** observação da posição do globo ocular, tônus muscular da mandíbula e reflexos (palpebral e periéfricos).
- **Avançadas:** EEG e frações inspiradas de inalatórios.

Circulação:

- **Mínimas:** verificação de pulso, auscultação, PANI, ECG, ETCO₂.
- **Alternativas:** Doppler, pleismografia.
- **Avançadas:** PAI, índices dinâmicos, lactato, hemogasometria.

Oxigenação

- **Mínimas:** avaliação da coloração da mucosa e esforços ventilatórios, oximetría de pulso.
- **Avançadas:** hemogasometria, controle da FiO₂.

Bloqueio Neuromuscular

- **Mínima:** estimulador de nervo, uso de reversores.
- **Avançada:** TOF (Train-of-four) /DBS (Double burst stimulation) para reversão adequada.

Temperatura

- **Mínimas:** uso de termômetro digital por via retal a cada 15 minutos em todos os animais em sedação profunda ou anestesiados.
- Termometria contínua por via retal ou esofágica.
- A cada 30 minutos no período de recuperação.
- Abaixo de 37.8°C, aquecimento ativo (atenção ao risco de queimaduras).

Ventilação

- **Mínimas:** observação da expansibilidade torácica, capnografia e auscultação.
- **Alternativas:** capnômetro simples, visualização da incursão, excursão torácica e monitor de apneia.
- **Avançadas:** espirometria e hemogasometria.

 UNIVASSOURAS

VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária **117**

Do Fundo do Mar Vêm as Soluções do Amanhã. Proteja, Pesquise e Preserve.

Discentes do segundo período de graduação em Medicina Veterinária¹ & Catia Maria Santos Diogo da Silva².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.



A ciência que mergulha no mar para criar soluções inovadoras!

A Biotecnologia Azul é o ramo da biotecnologia que utiliza organismos marinhos como algas, bactérias, corais, moluscos, esponjas e peixes para desenvolver produtos e tecnologias aplicadas em diversas áreas, como saúde, meio ambiente, alimentação e energia.



A biotecnologia azul valoriza os recursos naturais dos oceanos sem extrair de forma predatória. É uma aliada da conservação marinha, oferecendo alternativas sustentáveis para problemas modernos desde o combate a doenças até a redução da poluição.



"Do fundo do mar vêm as soluções do amanhã. Proteja, pesquise e preserve."

Exemplos de Aplicações:

- Medicina: desenvolvimento de antibióticos, analgésicos, antivirais e antitumorais a partir de compostos marinhos.
- Cosméticos: uso de algas e outros organismos em cremes, protetores solares e anti-envelhecimento.
- Alimentos Funcionais: ingredientes marinhos com propriedades nutricionais e terapêuticas.
- Bioenergia: produção de biocombustíveis a partir de algas.
- Biorremediação: utilização de microrganismos marinhos para limpar mares e áreas contaminadas por poluentes.



Inovações em Cirurgia na Medicina Veterinária.

Isabela Vitória de Souza Ferreira¹, Laryssa Nunes Cardoso de Oliveira¹, Yasmin Krepk Martins¹, Caroline Fernandes de Andrade Faustino¹, Maria Eduarda Cabral de Oliveira Murat¹, Clauan Marcus Andrade Saldanha¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Inovações em cirurgia na Medicina veterinária



A tecnologia tem revolucionado a Medicina Veterinária, tornando as cirurgias mais seguras, precisas e menos invasivas, reduzindo riscos e acelerando a recuperação dos animais.

Esses avanços aumentam as chances de sucesso e melhoram a qualidade de vida e o bem-estar dos animais.

Cirurgia robótica

É uma técnica minimamente invasiva que utiliza sistemas computadorizados para auxiliar o cirurgião durante os procedimentos. Consiste no uso de braços robóticos monitorados pelo cirurgião, que opera por meio de um console, proporcionando maior precisão.

Vantagens:

- Incisões menores, menos dor e recuperação mais rápida.
- maior precisão e melhor visualização.

Utilizados em:

- Cirurgias ortopédicas, procedimentos abdominais, neurocirurgia, oncologia, cirurgia cardíaca.

Desafios:

- Alto custo e necessidade de treinamento especializado, tendência de maior acessibilidade no futuro.

Cirurgia minimamente invasiva

A Cirurgia Minimamente invasiva é um tipo de intervenção cirúrgica que utiliza pequenos cortes e a passagem de câmeras para uma visualização melhor da situação interna do animal, facilitando assim a cirurgia e reduzindo o risco de complicações.

Existem vários tipos de CMI (Cirurgia Minimamente Invasiva) como:



Os benefícios da CMI incluem:

- Diminuição do perigo de complicações
- Menos traumas e cicatrizes
- Redução do tempo de recuperação
- Vários procedimentos em uma única intervenção

Impressão 3D na cirurgia

Endopróteses são dispositivos médicos que substituem ou reforçam ossos, vasos ou válvulas. Fixam-se ao osso e possuem uma haste externa para conexão com uma impressão 3D.

Vantagens: Evitam amputações, permitem fornecer aos animais um membro totalmente

funcional e reduzem impactos na coluna e em outros membros.



Monitoramento por Drones na Agricultura.

Camila Figueira¹, Camily Vianna¹, Giullia Bella¹, Izabela Junker¹, Juliana Barros¹, Talita Veiga¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Universidade de VASSOURAS
TURMA 39

Monitoramento por drones na Agricultura

Camila Figueira, Camily Vianna, Giullia Bella, Izabela Junker, Juliana Barros e Talita Veiga

Vantagens do uso de drones na agricultura:

- Aumento da tecnologia nos processos
- Otimização de recursos
- Busca pela diminuição dos efeitos
- Busca pela diminuição dos efeitos negativos no meio ambiente
- Aumento da produtividade e lucro

Atuação do drone na pulverização

A pulverização por meio de drones garante a segurança dos agricultores ao não terem contato com pesticidas e substâncias tóxicas, além de reduzir os custos de aplicação de defensivos, fertilizantes e outros insumos agrícolas, já que os drones conseguem identificar e projetá-las em determinadas plantas, conforme suas devidas necessidades.

Informações

Os drones permitem a captura de imagens aéreas para identificar pragas, doenças e deficiências nutricionais nas plantas. Além disso, podem ser utilizados na pulverização de defensivos, na semeadura e no mapeamento do solo. Com a automação e o uso de sensores, os drones ajudam a reduzir custos, melhorar a produtividade e minimizar impactos ambientais, tornando-se uma ferramenta essencial na agricultura de precisão.

Os drones na agricultura são usados para otimizar o monitoramento e a gestão das lavouras, tornando o trabalho mais eficiente e preciso.

Detectção de doenças

O tipo de drone mais usado é o quadricóptero, com produção de imagens infravermelhas coloridas. O setor agrícola depende amplamente de condições que não são totalmente controladas, como o clima, as condições do solo e a qualidade e quantidade da água de irrigação, portanto, adoção de tecnologias de precisão, como drones, melhora o uso dos recursos e aumenta a produtividade agrícola.

O Uso da Telemedicina como Ferramenta Diagnóstica na Medicina Veterinária.

Anna Júlia Brandão de Souza¹, Caio da Silva Afonso¹, Fernanda Romão Reis¹, Gabriela Ferreira Mol Soares¹, Maria Eduarda Gonçalves Barbosa¹, Yasmin Duarte Pessanha¹, Érica Cristina Rocha Roier & Mário dos Santos Filho².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Banner - O uso da telemedicina como ferramenta diagnóstica na medicina veterinária

**O USO DA
TELEMEDICINA
COMO
FERRAMENTA
DIAGNÓSTICA
NA
MEDICINA
VETERINÁRIA**

Anna Júlia Brandão de Souza; Caio da Silva Afonso; Fernanda Romão Reis; Gabriela Ferreira Mol Soares; Maria Eduarda Gonçalves Barbosa e Yasmin Duarte Pessanha.

O que é?

A Telemedicina Veterinária utiliza tecnologia para conectar tutores, pacientes e médicos-veterinários à distância, seguindo as normas do CFMV. Assim, exames são avaliados, dúvidas esclarecidas e o acompanhamento é feito de onde você estiver.

QUEM PODE ATUAR?

- Médicos-veterinários com registro ativo no CFMV/CRMV
- Empresas registradas no CRMV com ART válida

PRINCIPAIS MODALIDADES

- Teleconsulta: Atendimento remoto ao tutor e paciente
- Telemonitoramento: Acompanhamento da saúde à distância
- Teletriagem: Avaliação inicial para orientar o atendimento
- Teleorientação: Esclarecimento de dúvidas gerais
- Teleinterconsulta: Discussão de casos entre veterinários
- Telediagnóstico: Análise de exames e emissão de laudos à distância

PREScrição à DISTÂNCIA

Válida apenas após teleconsulta ou telemonitoramento, com assinatura eletrônica e informações completas do profissional, paciente e responsável.

Vantagens

- Resultados mais rápidos
- Acesso a especialistas de qualquer lugar
- Redução do tempo de espera
- Decisões clínicas mais assertivas

Atenção

A consulta presencial é o padrão-ouro. A telemedicina é um recurso complementar, sempre com segurança, sigilo e registro de todas as informações.

Ordenha Robotizada: Inovação Tecnológica no Manejo Leiteiro.

Camila Chaves¹, Claudiorelio Ribeiro¹, Emilly de Souza¹, Izabella Gonçalves¹, João Vitor da Silva¹, Maria Eduarda Esmeraldo¹, Maria Elisia Rangel¹, Miguel Camargo¹, Milena Melucci¹, Társila Nascimento¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

Vantagens:

A ordenha robotizada aumenta a produtividade, reduz a necessidade de mão de obra, melhora o bem-estar das vacas e a qualidade do leite, permite monitoramento em tempo real e dá ao produtor mais tempo para gestão da fazenda.



Custos:

Robô ordenhador completo, ou seja, com alimentador automático, "software" de gestão, controle de qualidade do leite, limpeza de uberes. Para um rebanho de 70 animais, o investimento inicial pode variar de R\$ 800 mil a R\$ 1,4 milhões, incluindo a aquisição dos robôs e a adaptação da infraestrutura.



CAMILA CHAVES
CLAUdiORELIO RIBEIRO
EMILLY DE SOUZA
IZABELLA C. GONÇALVES
JOÃO VITOR DA SILVA
MARIA EDUARDA ESMERALDO
MARIA ELISIA RANGEL
MIGUEL CAMARGO
MILENA MELUCCI
TÁRSILA NASCIMENTO

Ordenha Robotizada:
Inovação tecnológica no
manejo leiteiro

O que é?

Ordenha robotizada é um sistema automatizado de extração de leite, que utiliza tecnologia robótica e sensores inteligentes para realizar a ordenha das vacas sem a necessidade de intervenção humana direta.



Primeiro, a vaca entra voluntariamente no robô, logo após, o sistema identifica o animal, limpa e posiciona as teteiras, coleta o leite de forma automatizada.
Obs.: Vacas em sistemas robotizados costumam ir ao robô 3 a 5 vezes por dia, espontaneamente!



COMO FUNCIONA?

A ordenha robotizada utiliza um braço robótico que acessa os tetos das vacas, posicionando o sistema de ordenha automática. Antes, será realizada a higienização dos tetos (pré dipping) e só após será acoplado o sistema de teteiras automáticas e iniciado o processo de ordenha. Nesse momento as vacas estão se alimentando.



Este sistema de ordenha automatizada foi projetado pensando na vaca, oferecendo a forma mais natural de ordenhar. O conceito de fluxo I, o braço híbrido e o sistema de detecção de tetas contribuem para uma ordenha suave e rápida para todas as vacas do rebanho, resultando em um novo marco no conforto das vacas.



Quanto mais saudáveis os uberes, melhor o leite. É por isso que a máquina é equipada com um sistema de limpeza com escovas únicas, projetado para remover sujeiras incrustadas e esterco ao redor dos tetos e da parte inferior dos uberes, estimulando, assim, a descida do leite. Após a limpeza dos tetos, as escovas são totalmente desinfetadas para ajudar a minimizar o risco de contaminação cruzada.



Prótese Externa: Suporte e Mobilidade para Aumento da Qualidade de Vida.

Andreza Beatriz Santos Lima de Marins¹, Clarisse da Silva Guimarães¹, Fernanda Cristina de Oliveira Lopes¹, Gustavo Vieira de Souza Barros¹, Laysa Emanuelle Ribeiro Palhares¹, Samira Aline Silva Muniz¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

PRÓTESE EXTERNA:
SUPORTE E MOBILIDADE PARA
AUMENTO DA QUALIDADE DE VIDA.

O que é uma prótese ?

Uma prótese externa em animais é um dispositivo artificial que substitui ou auxilia uma parte do corpo ausente ou com deficiência, ajudando na mobilidade e qualidade de vida do animal.

Qual a importância da prótese?

As próteses em animais melhoram sua qualidade de vida, proporcionando mobilidade e conforto. Elas permitem que animais com amputações ou deformidades realizem atividades essenciais, como caminhar e brincar.

Bem-estar animal

O uso de próteses contribui diretamente para o bem-estar animal, ao proporcionar maior mobilidade e independência. Isso permite que o animal mantenha uma vida ativa, reduzindo o sofrimento causado por deformidades.

Impressora 3d

A impressora 3D permite criar próteses personalizadas, precisas e acessíveis para animais, tornando o processo mais rápido e econômico. Isso facilita a adaptação às necessidades específicas de cada animal com deficiência.

Todo animal pode receber prótese?

Nem todo animal pode receber uma prótese. A viabilidade depende da saúde, tipo de deficiência e adaptação do animal. Cada caso deve ser avaliado por um veterinário especializado.

Medicina Veterinária
Universidade de Vassouras

Andreza Beatriz Marins
Clarisse Guimarães
Fernanda Lopes
Gustavo Vieira
Laysa Ribeiro
Samira Aline



Sistema de Radiofrequência: Bastão DataMars® e Comedouros Automáticos.

Anna Clara Menandro¹, Ingrid Rocha¹, João Henrique¹, Juan Lopes¹, Kamila Firmino¹, Kívia Ferreira¹, Tamara Duarte¹, Vitória Oliveira¹, Yaritza Saiol¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

The infographic is divided into several sections:

- Top Left:** A green circular icon featuring a stylized cow head and a lightning bolt.
- Top Center:** A title card for "SISTEMA DE RADIOFREQUÊNCIA BASTÃO DATAMARS® E COMEDOUROS AUTOMÁTICOS (SISTEMA GROWSAFE)". It includes two small images: one of a person using a handheld device on a cow, and another of a person operating a control panel in a barn.
- Top Right:** A blue header for "SISTEMA ALTERNATIVO DE RADIOFREQUÊNCIA" with a green circular icon containing a cow silhouette and a lightning bolt.
- Middle Left:** A section titled "INTRODUÇÃO" with text explaining the integration of automatic feeders and the Growsafe technology with the DataMars stick to revolutionize animal feeding management.
- Middle Center:** A section titled "SISTEMA DE RADIOFREQUÊNCIA" detailing how radiofrequency (RF) technology uses electromagnetic energy via satellite, mobile phones, and Wi-Fi for long-distance communication without wires or cables.
- Middle Right:** A section titled "VANTAGENS" and "DESVANTAGENS" comparing the benefits and drawbacks of the system.
- Bottom Right:** A section titled "ALEM DE QUALIFICAR A MÃO DE OBRA PODEMOS OBTER INFORMAÇÕES COMO:" listing various data points such as animal identification, production data, and health information.

ALUNOS: ANNA CLARA MENANDRO, INGRID ROCHA, JOÃO HENRIQUE, JUAN LOPES, KAMILA FIRMINO, KÍVIA FERREIRA, TAMARA DUARTE, VITÓRIA OLIVEIRA E YARITZA SAIOL.



Uso de coleira de monitoramento em bovinos.

Ana Clara Lima¹, Ayssa Miranda¹, Anderson Goulart¹, Bruna Mattos¹, Felipe Bonatti¹, Hugo Dias¹, Letícia Scramin¹, Lavínia Alzeman¹, Sofia Moura¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

USO DE COLEIRA DE MONITORAMENTO EM BOVINO

DISCENTES:

ANA CLARA LIMA
AYSSA MIRANDA
ANDERSON GOULART
BRUNA MATTOS
FELIPE BONATTI
HUGO DIAS
LETÍCIA SCRAMIN
LAVÍNIA ALZEMAN
SOFIA MOURA

COMO AS COLEIRAS FUNCIONAM?

As coleiras, através de um software instalado nos dispositivos móveis, contribuem positivamente no monitoramento do bovino através de dados emitidos por sensor instalado na coleira.

Essa coleira permite monitoramento de:

- Alimentação
- Detecção de cicio
- Doenças
- Localização geográfica
- Identificação e gestão de grupos

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O MANEJO

As coleiras de monitoramento em bovinos melhoram o manejo ao detectar precocemente doenças, otimizar a alimentação, aumentar a eficiência reprodutiva e monitorar o bem-estar animal. No entanto, podem ocorrer a dependência excessiva da tecnologia, interpretação incorreta dos dados e atrasos na tomada de decisão. Apesar dos desafios, quando bem utilizadas, essas ferramentas tornam a pecuária mais eficiente e precisa.

CONCLUSÃO

As coleiras são ferramentas eficientes para promover o bem-estar e saúde dos ruminantes. A inclusão dessa inteligência artificial dentro da pecuária, oferece dados precisos e em tempo real, oferecendo retorno econômico e melhorando a qualidade de vida dos animais.

Uso de Drones na Pecuária.

Ester Valle¹, Luana Costa¹, Maria Carolina Dragon¹, Maria Fernanda Barbosa¹, Pedro Barbosa¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.

The infographic is divided into several sections:

- Top Left Panel:** A large exclamation mark icon. Text: "O que é necessário para possuir um drone e por que vale a pena adquiri-lo?" (What is necessary to own a drone and why is it worth buying it?). Subtext: "Ao comprar seu drone, precisará regularmente o uso deste equipamento nos 3 principais órgãos públicos competentes, sendo eles: ANATEL, ANAC, DECEA." (When buying a drone, you will need to regularly use this equipment in the 3 main competent public agencies, namely: ANATEL, ANAC, and DECEA). Below this is a small illustration of a brown cow.
- Top Middle Panel:** Text: "Discentes:" followed by the names of the student authors. Below this is "Docente:" followed by the name of the professor. The Univassouras logo is also present.
- Top Right Panel:** Text: "Uso de drones na pecuária". An illustration of a white cow's head and a drone flying.
- Middle Left Panel:** Text: "Uso de drones na pecuária". Subtext: "Os drones têm diversas aplicações comerciais, incluindo o setor pecuário. Eles são usados para melhorar a gestão do rebanho e aumentar a eficiência das operações, monitorando em tempo real a localização, movimentação, comportamento e saúde dos animais. Classificados por peso, os drones oferecem benefícios significativos para os pecuaristas." Below this is a detailed description of drone weight categories and regulations. An illustration of a white drone is at the bottom.
- Middle Center Panel:** Text: "Benefícios do uso de drones:". A bulleted list of benefits follows: Monitoramento do rebanho, Verificação da infraestrutura, Redução de tempo e esforço, Segurança, Redução de custo operacional, Otimização de recursos, Aumento da produtividade, Custos operacionais diminuem a longo prazo. An image shows a drone flying over a field with a green overlay showing monitoring data.
- Middle Right Panel:** Text: "Automatização dos drones programáveis". Subtext: "Economiza-se viagens e horas de trabalhos aos produtores, pois o drone autônomo pode voar e gravar vídeos por conta própria em rotas e horários predefinidos." Below this is a section on "Tag RFID em cada animal: Localiza o gado com precisão, apenas digitando o número da TAG." and "Pastoreiro rotacional: O drone pode ser programado para pastorear e mover o rebanho para o próximo piquete." An illustration of a white drone is at the bottom.

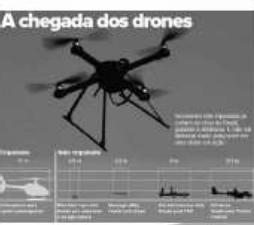
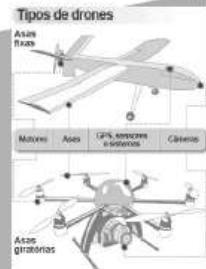
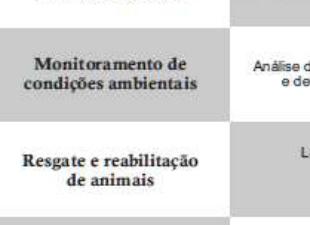
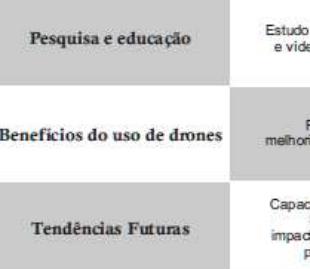
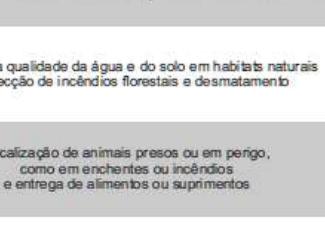
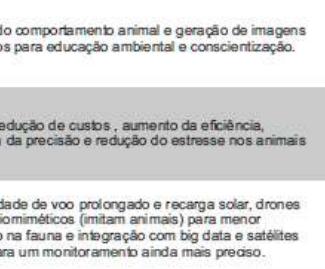
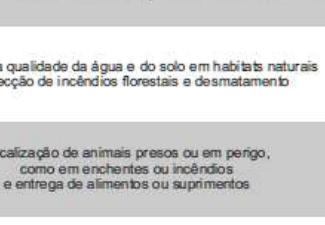
Utilização de Drone para o Monitoramento o Bem-estar Animal.

Camila Figueira da Cruz¹, Ester Gomes da Rocha¹, Leonardo Maziero de Souza Cerqueira¹, Luan Moura Sá¹, Ryan de Oliveira Ferreira¹ & Renata Fernandes Ferreira de Moraes².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.



Utilização de drone para o monitoramento e bem-estar animal	
Tipos de Drones  	O que são drones? Aeronaves não tripuladas, controladas remotamente, que podem voar sem a presença de um piloto.
Tecnologias nos drones 	Câmeras avançadas, sensores e tecnologia GPS.
Monitoramento de animais silvestres 	Rastreamento de animais, padrões migratórios, hábitos alimentares e contagem populacional
Fiscalização de caça e tráfico de animais 	Patrulhamento de áreas protegidas e uso de câmeras térmicas para encontrar caçadores e armadilhas
Monitoramento de animais de fazenda 	Verificação de rebanhos em grandes áreas, identificação de animais doentes ou feridos e contagem automatizada de animais
Monitoramento de condições ambientais 	Análise da qualidade da água e do solo em habitats naturais e detecção de incêndios florestais e desmatamento
Resgate e reabilitação de animais 	Localização de animais presos ou em perigo, como em enchentes ou incêndios e entrega de alimentos ou suprimentos
Pesquisa e educação 	Estudo do comportamento animal e geração de imagens e vídeos para educação ambiental e conscientização.
Benefícios do uso de drones 	Redução de custos, aumento da eficiência, melhoria da precisão e redução do estresse nos animais
Tendências Futuras 	Capacidade de voo prolongado e recarga solar, drones biomiméticos (imitam animais) para menor impacto na fauna e integração com big data e satélites para um monitoramento ainda mais preciso.

Xenotransplantes.

Helena Bianco Rosas¹, Mariana Cortes Alves¹, Dimitri da Silva Alves¹, Alice Vargas Peralta¹, Vinicius Vianna Paulino¹, Helena Costa da Silva¹, Monoque Prado Vasconcellos¹, Amanda de Souza Gomes¹, Amanda Tavares Moreto¹ & Leila Cardozo Ott².

¹Discente do curso de Medicina Veterinária - Univassouras, Vassouras-RJ.

²Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Univassouras, Vassouras-RJ.W

Special Edition

Vassouras

Med Vet News

PORCOS GENETICAMENTE MODIFICADOS AVANÇAM COMO ESPERANÇA PARA XENOTRANSPLANTES

Pesquisas com xenotransplantes se intensificam, e porcos de linhagens especiais são criados sob rígido manejo para suprir a demanda por órgãos humanos compatíveis

Em um avanço promissor para a medicina moderna, os xenotransplantes – transplantes de órgãos entre espécies diferentes – têm ganhado destaque com o uso de porcos geneticamente modificados. Pesquisadores ao redor do mundo, incluindo equipes nos Estados Unidos, Europa e China, têm apostado em suínos como doadores viáveis para humanos, principalmente pela semelhança anatômica e fisiológica dos órgãos.

A linhagem mais utilizada atualmente é a dos porcos GalSafe, desenvolvidos pela empresa Revivicor, uma subsidiária da United Therapeutics. Esses animais passaram por engenharia genética para eliminar genes que codificam açúcares responsáveis por desencadear rejeições imunológicas em humanos, como o antígeno alfa-gal. Além disso, os porcos utilizados possuem modificações que evitam a coagulação sanguínea indesejada e reduzem o risco de transmissão de retrovírus endógenos.

O manejo desses animais segue protocolos rigorosos de biossegurança e bem-estar. Os suínos são criados em ambientes estéreis, com controle absoluto de entrada de patógenos, alimentação balanceada e monitoramento constante por equipes veterinárias especializadas. Cada porco doador passa por triagens genéticas e clínicas antes de ser considerado apto para a doação.

Segundo o Dr. Lucas Ferreira, pesquisador em biotecnologia da saúde, "a criação e manutenção desses animais envolve um controle absoluto, semelhante ao de laboratórios de alta contenção. O objetivo é garantir a máxima pureza genética e sanitária dos órgãos a serem transplantados".

Os primeiros casos de sucesso em transplantes temporários de coração e rins de porco em humanos já foram registrados, sinalizando uma nova era na medicina. No entanto, desafios éticos e imunológicos ainda permanecem. A regulamentação internacional e o debate público continuam sendo fundamentais para o avanço dessa tecnologia com segurança e responsabilidade.

XENOTRPLANTS
ORGAN TRANSFER BETWEEN SPECIES

modificação genética → doador animal

coração, fígado, rim, pâncreas → recipiente humano

Resumo da notícia

O uso de porcos geneticamente modificados em xenotransplantes representa uma das maiores promessas para reduzir as longas filas de espera por órgãos. Enquanto a ciência avança, os bastidores revelam um sistema complexo de manejo animal que alia genética, biotecnologia e medicina em uma corrida pela vida.

Helena Bianco Rosas, Mariana Cortes Alves, Dimitri da Silva Alves, Alice Vargas Peralta, Vinicius Vianna Paulino, Helena Costa da Silva, Monoque Prado Vasconcellos, Amanda de Souza Gomes, Amanda Tavares Moreto

Glossário de Termos Técnicos

1. **Acantose Nigricans:** Alteração cutânea caracterizada por hiperpigmentação e espessamento da pele, frequentemente associada a distúrbios endócrinos.
2. **Acidose Ruminal:** Distúrbio metabólico caracterizado pela queda do pH no rúmen, geralmente causada por dietas ricas em carboidratos facilmente fermentáveis.
3. **Adenoma Sebáceo:** Tumor benigno que se origina nas glândulas sebáceas, comum em cães e frequentemente assintomático.
4. **Análise Retrospectiva:** Estudo baseado na revisão de dados coletados previamente, com o objetivo de identificar padrões ou correlações em condições clínicas ou epidemiológicas.
5. **Arritmia Ventricular:** Alteração no ritmo normal do coração, originada nos ventrículos, podendo levar a comprometimento da circulação sanguínea.
6. **Artrose:** Doença degenerativa das articulações que causa dor e rigidez, comum em cães idosos.
7. **Babesia canis:** Protozoário intraeritrocítario que causa babesiose em cães, caracterizada por anemia, febre e icterícia.
8. **Bradicardia:** Frequência cardíaca abaixo do normal, podendo indicar condições como intoxicações, doenças cardíacas ou efeitos colaterais de medicamentos.
9. **Bronquite Crônica:** Doença inflamatória persistente das vias aéreas inferiores em cães, levando a tosse crônica e dificuldade respiratória.
10. **Cetoacidose Diabética:** Complicação grave do Diabetes mellitus, caracterizada por hiperglicemia, cetonemia e acidose metabólica.
11. **Cistinúria:** Distúrbio hereditário que causa a formação de pedras nos rins ou na bexiga devido ao acúmulo de cistina.
12. **Cisto:** Lesão encapsulada contendo líquido ou material semi-sólido, comum em diversos tecidos e órgãos.
13. **Colapso de Traqueia:** Condição que afeta principalmente cães de raças pequenas, caracterizada pelo estreitamento das vias aéreas devido ao enfraquecimento das cartilagens traqueais.
14. **Diagnóstico Diferencial:** Processo de identificação de uma doença específica entre várias possíveis, baseado na exclusão sistemática de hipóteses.
15. **Diabetes Insipidus:** Distúrbio endócrino que afeta a capacidade dos rins de concentrar a urina, resultando em poliúria e polidipsia.
16. **Dirofilariose:** Doença parasitária causada pelo *Dirofilaria immitis*, transmitida por mosquitos e que afeta o coração e os pulmões de cães.
17. **Eletrocardiografia (ECG):** Técnica de registro da atividade elétrica do coração, usada para identificar anormalidades no ritmo ou condução cardíaca.
18. **Estenose Aórtica:** Obstrução da válvula aórtica que restringe o fluxo sanguíneo do coração para a aorta, frequentemente detectada em cães.
19. **Fenazopiridina:** Medicamento utilizado no manejo de sintomas urinários, mas que pode causar toxicidade renal quando usado de forma inadequada.
20. **Fatores de Risco:** Condições ou características que aumentam a probabilidade de desenvolvimento de uma doença ou complicações clínicas.
21. **Histopatologia:** Estudo das alterações estruturais e funcionais nos tecidos devido a doenças, analisadas ao microscópio.
22. **Hiperestesia Felina:** Síndrome caracterizada por hipersensibilidade cutânea, episódios de lambadura

- compulsiva e comportamento anormal em gatos.
23. **Hipertermia Maligna:** Resposta hipermetabólica a determinados anestésicos ou estresse, resultando em aumento rápido da temperatura corporal.
24. **Hifema Ocular:** Acúmulo de sangue na câmara anterior do olho, geralmente associado a traumas, infecções ou doenças sistêmicas.
25. **Infecção Eritrocitária:** Infecção que afeta os glóbulos vermelhos, frequentemente associada a agentes como Babesia ou Mycoplasma.
26. **Injúria Renal Aguda (IRA):** Declínio súbito na função renal, frequentemente associado a toxicidade, infecções ou alterações hemodinâmicas.
27. **Intervenção de Emergência:** Ação clínica rápida destinada a estabilizar condições críticas ou potencialmente fatais.
28. **Intoxicação por Metais:** Condição tóxica resultante da exposição excessiva a metais pesados, como chumbo ou zinco, afetando múltiplos sistemas orgânicos.
29. **Lúpus Eritematoso Sistêmico:** Doença autoimune que pode afetar diversos sistemas do corpo, incluindo pele, articulações e órgãos internos.
30. **Manejo Clínico:** Conjunto de procedimentos terapêuticos e de suporte aplicados para tratar ou controlar uma condição clínica.
31. **Melanoma:** Tipo de câncer originado nos melanócitos, células responsáveis pela pigmentação, podendo afetar pele e outros tecidos.
32. **Miocardiopatia Dilatada:** Doença do músculo cardíaco que resulta em câmaras cardíacas dilatadas e função de bombeamento reduzida.
33. **Neoplasia:** Crescimento anormal de células, resultando em tumores, que podem ser benignos ou malignos.
34. **Peritonite Infecciosa Felina (PIF):** Doença viral fatal em gatos, causada pelo coronavírus felino, com manifestações efusivas ou não efusivas.
35. **Pneumonia por Aspiração:** Infecção pulmonar resultante da entrada de materiais sólidos ou líquidos no trato respiratório.
36. **Poliartrite:** Inflamação de múltiplas articulações, frequentemente associada a doenças autoimunes ou infecciosas.
37. **Pólipos Nasais:** Crescimento benigno na cavidade nasal ou nasofaringe, geralmente associado a obstrução respiratória em gatos.
38. **Prevenção:** Medidas tomadas para evitar o aparecimento ou progressão de doenças em indivíduos ou populações.
39. **Rúmen:** Primeiro compartimento do sistema digestivo dos ruminantes, responsável pela fermentação microbiana dos alimentos.
40. **Show do Milhão Histológico:** Atividade lúdica e interativa desenvolvida para facilitar o aprendizado da histologia veterinária.
41. **Síndrome de Fissura Palatina:** Condição congênita ou adquirida caracterizada pela comunicação anormal entre a cavidade oral e nasal.
42. **Síndrome Vasopática:** Condição caracterizada por vasodilatação extrema e hipotensão, frequentemente associada a complicações cirúrgicas ou infecciosas.
43. **Tabapuã:** Raça de gado zebuíno adaptada ao Brasil, conhecida por sua rusticidade e tolerância a condições tropicais.
44. **Traqueomalácia:** Condição que enfraquece as paredes traqueais, muitas vezes relacionada ao colapso de traqueia em cães.
45. **Tromboembolismo:** Obstrução de vasos sanguíneos por coágulos que se deslocaram de outro local

- no corpo, comumente visto em doenças como PIF ou cardiopatias.
46. **Ultrassom Doppler:** Técnica avançada de ultrassonografia que avalia o fluxo sanguíneo em tempo real, útil no diagnóstico de anormalidades vasculares.
47. **Zoonose:** Doença transmissível entre animais e seres humanos, podendo ser de origem viral, bacteriana, parasitária ou fúngica.

Posfácio

A realização deste trabalho representou uma valiosa oportunidade de mergulho aprofundado em temas relevantes e, por vezes, desafiadores da Medicina Veterinária. Ao longo do processo, foi possível aliar teoria e prática de forma significativa, ampliando não apenas o conhecimento técnico, mas também a percepção sobre a complexidade e a responsabilidade que envolvem a atuação do médico-veterinário.

Cada etapa deste percurso contribuiu para o desenvolvimento de uma visão mais crítica e reflexiva a respeito das condutas clínicas, desde o diagnóstico até o manejo e tratamento das principais enfermidades. A busca por embasamento sólido, pautado em literatura científica atualizada e baseada em evidências, reafirmou o papel essencial da ciência e da ética como pilares de uma prática veterinária comprometida com a qualidade e com o bem-estar animal.

Este trabalho também reforçou a importância crescente da interdisciplinaridade na formação e atuação profissional. A interação entre diferentes áreas do conhecimento mostra-se indispensável para lidar com os desafios contemporâneos da Medicina Veterinária, promovendo soluções mais integradas, sustentáveis e humanizadas.

Finalizamos este ciclo com profundo senso de aprendizado e com o firme propósito de seguir contribuindo para o avanço da profissão. Que este material possa inspirar novos estudos, reflexões e práticas, e que sirva como semente para um futuro ainda mais promissor, ético e transformador na Medicina Veterinária.

Érica Cristina Rocha Roier

Mário dos Santos Filho

Coordenação Geral

VI Encontro em Diagnóstico em Medicina Veterinária

IV Prêmio Camillo Francesco Cesare Canella

Sobre os Editores



Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1999-2004), residência em Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais pela UFRRJ (2006), mestrado em Medicina Veterinária (Área de Concentração: Clínica Médica e Cirurgia) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2007) e doutorado em Ciências Veterinárias (Área de Concentração: Sanidade Animal) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2011). Tem experiência em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais, com ênfase em equinos. Atua principalmente nos seguintes temas: Medicina Interna Equina, Medicina Veterinária Preventiva, Hemoparasitoses e Medicina Integrativa. Atualmente é Coordenadora do Mestrado em Diagnóstico em Medicina Veterinária e Professora Adjunta na Univassouras, Vassouras/RJ.



Possui graduação em Zootecnia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com ênfase em Reprodução, Nutrição e Conservação de espécies. Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com ênfase em Clínica Médica de Animais de Companhia. Possui pós-graduação em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais, pelo Instituto Qualittas-UCB. Formou-se como Médico Veterinário Residente do Hospital Veterinário de Pequenos Animais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na área de Cardiologia e Doenças Respiratórias de Animais de Companhia. Mestre em Ciências Clínicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em Medicina Veterinária na área de Ciências Clínicas da UFRRJ, bolsista CAPES, com ênfase em cardiologia e doenças respiratórias. Preceptor dos serviços de Cardiologia e Doenças Respiratórias e da área de Clínica Médica do Hospital Veterinário da UFRRJ. Vice-Coordenador do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Univassouras.



UNIVASSOURAS

